

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**

**PEDRO ARAUJO ANSEL**

**TITULO: ELES SEMPRE SE DÃO BEM! CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES,  
PERFORMANCE E LAZER**

**Rio de Janeiro**

**2016**

**PEDRO ARAUJO ANSEL**

**TITULO: ELES SEMPRE SE DÃO BEM! CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES,  
PERFORMANCE E LAZER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades (PPcult-UFF) como parte dos requisitos para a obtenção do grau de mestre em cultura e territorialidades. Linha de pesquisa: Mediações saberes locais e Práticas sociais. Orientadora: Danielle Brasileira.

Rio de Janeiro

2016

**Título: Eles sempre se dão bem! Construção de masculinidades performance e lazer**

Dissertação apresentada ao programa de pós graduação em Cultura e Territorialidades, PPCULT UFF, como parte dos pré requisitos para a obtenção do título de mestre em cultura e territorialidades.

Rio de janeiro, de setembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Danielle Brasiliense

---

Profa. Dra. Marisa Mello (UFF)

---

Prof. Dr. Paulo Vaz (UFRJ)

“D’us não abriu o mar vermelho, foi Moisés...”

(Yehuda Berg.)

## Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer a minha mãe, cuja história de vida poderia ser tema de muitas dissertações, pessoa sem a qual eu seria muito menos do que sou e do que ainda poderei ser. Agradecê-la por todas as brigas, conselhos, ensinamentos e toda a luta diária por um futuro melhor. Sem isso nada até aqui teria sido possível.

Ao meu irmão que é um exemplo para mim, por toda a sua inspiradora insistência, perseverança e determinação para resolver todos os problemas que aparecem, pois mesmo quando tudo parece perdido ele está sempre inclinado a não desistir. Agradeço também por sempre me incentivar e me dar suporte não só nessa difícil trajetória acadêmica, mas na vida como um todo.

A meu pai e a sua persistência inabalável naquilo que acredita. Por suas tentativas constantes de acertar e de resolver tudo de uma só vez, mesmo quando os cálculos são visivelmente desfavoráveis a ele. Seu jeito de viver me ensinou uma lição que carregarei para o resto dos meus dias.

Agradeço a D'us, a Oxaguian e mesmo não tendo tanta intimidade quanto gostaria, com nenhum dos três, é neles que me apego quando não vejo saída.

Aos amigos que fiz na esquina do lote 3. Acho que eles não sabem que estão em um lugar muito especial na minha vida. Não vou citar nomes porque o risco de esquecer alguém é grande e a cobrança será eterna. Suas contribuições vão muito além da participação direta na composição deste trabalho. Na verdade, devo a eles muitas coisas boas e ruins que formam minha personalidade. Com eles aprendi que *“a sua malandragem termina onde começa a minha”*.

A minha orientadora Danielle Brasileira por sua paciência, flexibilidade e por todo o apoio a mim durante a confecção da dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense (PPCULT-UFF) por me dar a oportunidade de fazer parte do seu quadro de discentes e por tudo que lá aprendi. Ao curso de graduação em Ciências Sociais na Uerj, que me deu uma boa base acadêmica e foi fundamental para despertar o interesse pela pesquisa científica.



## **RESUMO**

A dissertação aborda a centralidade dos discursos circulantes em momentos de lazer, que concorrem para a construção de identidades masculinas, dentro de um determinado grupo de jovens. Este é exclusivamente composto por indivíduos do sexo masculino, residentes em um conjunto habitacional na zona oeste carioca. Num trabalho de inspiração etnográfica, por meio da observação empírica e aplicação de entrevistas, buscou-se analisar as narrativas e condutas produzidas a partir das performances dentro dos espaços de entretenimento noturno freqüentados pelo grupo. O objetivo é investigar como os acontecimentos desenrolados nestes locais, investidos de discursos e valores compõem parte do processo de construção das identidades masculinas neste contexto local.

**PALAVRAS-CHAVE:** Performatividade; Masculinidades; Sociabilidade jovem; lazer; homosociabilidade.

## **ABSTRACT**

The dissertation discusses the centrality of the current discussions in times of leisure, contributing to the construction of masculine identities within a group of Young people. This is composed exclusively of males, residents of a housing complex in west zone of Rio de Janeiro. A working ethnographic inspiration, by empirical observation and application of interviews, It sought to analyze the narrative and the behavior produced from the performances in entertainment venues frequented by the group. The goal is to investigate how these events unrolled themselves in the places that are incorporated with speeches and values, make up part of the process of construction of masculine identities in this context local.

**KEYWORDS:** Performativity; Masculinities; Young sociability; Leisure; homosociability.

## Sumário

<b>1. Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>2. Masculinidades no foco dos estudos de gênero.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1.O Surgimento do conceito de Masculinidade Hegemônica.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2. Discutindo a masculinidade hegemônica no Brasil.....</b>	<b>18</b>
<b>3. Considerações sobre a origem e o desenvolvimento histórico da virilidade.....</b>	<b>29</b>
<b>3.1 problematização do gênero masculino no campo da medicina.....</b>	<b>32</b>
<b>3.2. Especificidades nacionais na abordagem da identidade masculina.....</b>	<b>42</b>
<b>3.3. Construção do modelo de masculinidade hegemônica no grupo.....</b>	<b>53</b>
<b>4. Ostentação, consumo como ato simbólico.....</b>	<b>64</b>
<b>4.1. Observando a performance da ostentação no grupo.....</b>	<b>70</b>
<b>5. Conclusão.....</b>	<b>76</b>

## Introdução

Se o gênero é hoje reconhecido por diferentes campos das ciências humanas como produto de construções sociais e históricas, deve existir no tempo e no espaço pontos em que se pode flagrar esse processo em andamento. Seguindo tal raciocínio, esse trabalho tem por objetivo captar empiricamente a produção de um modelo hegemônico de masculinidade, examinando a dinâmica das performances masculinas em um contexto territorial específico.

O grupo que se tornou meu objeto de pesquisa é composto por jovens, atualmente na faixa etária entre 27 e 34 anos, todos do sexo masculino. Moradores de um projeto de habitação popular localizado na zona oeste do Rio de Janeiro, seus integrantes são amigos que conheci ainda na infância, com os quais mantenho contato até hoje embora não com a mesma frequência do passado, devido aos distanciamentos e atribuições decorrentes da vida adulta.

Alguns traços inerentes à sociabilidade destas pessoas já me despertavam curiosidade mesmo antes de qualquer pretensão acadêmica. O tema cada vez mais foi atraindo meu interesse, na medida de em que começava a refletir sobre como nosso grupo de amigos se organizava em torno dele. Gradativamente, passei a levantar algumas questões sobre o hábito surgido na adolescência destas pessoas e que até hoje, de certa forma, é parte importante em seu cotidiano: “sair”, “ir para pista” e outros termos que aqui, se referem às aventuras por “locais de entretenimento/lazer noturno” ou “noitadas”.

Pelo menos três vezes por semana o grupo se reunia para ir aos eventos noturnos. A expectativa do que iria acontecer e o que de fato ocorria nestes momentos era exaustivamente discutido por estes jovens. As motivações que despertaram minha curiosidade sobre os porquês da importância dada a tais momentos de lazer, talvez tenham relação com a sensação de estresse constante que as discussões em envolvendo os eventos de lazer geravam. Lembrome de voltar para casa exausto, sempre que os encontros entre amigos, em uma das esquinas da COHAB<sup>1</sup> se dissipavam, pensando depois - também exaustivamente - na razão de ter gasto tanta energia discutindo a noite anterior, mesmo tendo a impressão de que todo alarde sobre as atitudes “certas” ou “erradas” que nós enquanto homens deveríamos ter tomado nestas repetitivas situações era um assunto banal.

---

<sup>1</sup> Conjunto Habitacional, ou Companhia Habitacional. Esta sigla se refere a um modelo de moradias populares fruto da política habitacional que se propagou por todo o país.

No âmbito das noitadas as exigências e expectativas em relação as nossas condutas geravam muitas cobranças quando éramos adolescentes. Essas cobranças aumentavam quando se tratava das atitudes em relação às mulheres, pois cada membro do grupo devia sempre se mostrar ativamente inclinado a flertar, seduzir, conquistar, realizando toda uma performance orientada pelo domínio masculino heteronormativo na vivência da sexualidade. A ausência destes comportamentos nas ocasiões noturnas era julgada como demonstração de incapacidade e fracasso, por isso reprovada por todos.

Através do contato com as ciências sociais, área em que concluí o curso de graduação, minhas inquietações quanto às exigências grupais ganharam corpo. Atentei a partir daí para o fato de que as cobranças com relação as nossas condutas faziam parte de construções sociais ligadas a escalas mais amplas que extrapolavam os limites do grupo. Percebi como as questões de identidade e gênero são fundamentais para compreender as relações entre os acontecimentos que se desenrolavam nesses momentos de lazer e seus impactos na construção de subjetividades.

O sociólogo Frances Daniel Welzer- Lang, estudioso das questões referentes à homofobia e ao heterossexismo, explica como a educação dos meninos é feita em lugares tradicionalmente monossexuados, assim como a esquina em que os jovens passam parte de seus momentos de lazer, discutindo suas performances masculinas. Ele nomeia tais espaços de “casa- dos- homens” e usa como exemplos locais como pátios de colégios, clubes esportivos, estádios de futebol, cafés e etc. Este conceito se refere aos lugares onde tipicamente os rapazes se juntam, se mostram, corrigem, ensinam, e modelizam os mais jovens, pautados na masculinidade heteronormativa das gerações precedentes. Na casa-dos-homes, gestos, movimentos, reações masculinas, enfim, todo o capital de atitudes que contribuirá para os indivíduos se tornarem homens é assimilado em um verdadeiro processo de “educação por mimetismo” (WELZER-LANG, 2010).

Com o avanço das análises enxerguei a existência de um processo dinâmico que se articulava entre dois espaços de interação mencionados anteriormente, a esquina e as noitadas. Estes dois locais pareciam ter relevância na construção de valores no grupo e, de certa forma, neles se organizava um conjunto de práticas pelas quais cada indivíduo podia ser reconhecido. Os dois tipos de locais eram onde os jovens passavam a maior parte do tempo livre. Na esquina ocorriam reuniões quase diárias onde o bate-papo incessantemente girava em torno das aventuras noturnas. Já nas noitadas se desenrolavam os acontecimentos que alimentavam

as conversas na esquina. Não importava o quão díspares fossem as idades, personalidades, ou gostos individuais de cada um, se estivéssemos na esquina juntos, ninguém ficava indiferente quando as noitadas entravam na pauta.

O tom das conversas que variava rapidamente entre descontração e briga e vice-versa, era característico dos encontros. Com o tempo passei a perceber que as narrativas, agressivas e divertidas, que se ouviam a metros de distância dali, na maioria das vezes, tinham em comum o enfoque na conduta dentro da ambiência nos eventos de entretenimento. Notei que esses discursos não só continham o ponto de vista individual de cada um, mas também características compartilhadas por todos os membros do grupo como, por exemplo, a exaltação da própria performance masculina dentro de uma noitada, diminuição de quem não realizou a performance reconhecida como satisfatória e a competição em torno da frequência com que cada qual se faz presente nos espaços de lazer noturno.

O interesse e percurso acadêmico facilitaram a formulação do entendimento sobre a importância das performances e discursos produzidos nos dois momentos de lazer (noitada e esquina). Acredito que o empenho empregado na manutenção destes discursos e comportamentos repetitivos se configura como investimento na construção da identidade masculina valorizada pelo grupo em questão.

O conceito chave utilizado para abordar esta dinâmica foi o de *performatividade*, desenvolvido pela filósofa Judith Butler para explicar a ocorrência da construção social das identidades de gênero. Segundo a autora, determinados discursos não são apenas exposições de experiências passadas ou situações que estão por vir na vida dos indivíduos. Ou seja, não são meramente de caráter descritivo e sim discursos de caráter performativo. Neles *dizer é fazer* e ao serem proferidos invariavelmente fazem algo acontecer, são capazes de iniciar processos de construção de gênero:

“O gênero é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos, no interior de um quadro regulatório altamente rígido, que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser. Tornar-se um sujeito feminino ou masculino não é uma coisa que aconteça num só golpe, de uma vez por todas, mas que implica uma construção que, efetivamente nunca se completa. Gênero não é algo que somos, mas algo que fazemos. Não é algo que se “deduz” de um corpo. Não é natural. Em vez disso é a própria nomeação de um corpo, sua designação como macho ou fêmea, como masculino ou feminino que “faz” esse corpo. O gênero é feito de discursos. O gênero é performativo” (BUTLER, 2000, p.32).

O gênero é uma construção social, não um dado por si só e, conseqüentemente, depende da manutenção constante dos indivíduos por meio do discurso para adquirir certa estabilidade. Por este motivo são necessárias constantes reafirmações das condutas através dos discursos performativos para construir as identidades de gênero.

Chamou atenção ao abordar meu objeto de estudo, o fato de um processo identitário desta importância, paradoxalmente, ser marcado pela descontração ou aparente descompromisso com rituais exigidos em ambientes formais. Na esquina as falas, mesmo as mais descontraídas, sobre os acontecimentos dentro das noitadas não se configuravam apenas uma como descrição de fatos, mas sim manifestações do discurso performativo para afirmação de status de portador da masculinidade hegemônica neste contexto, perante os demais. Em entrevistas feitas com os jovens a exaltação do desempenho sexual é recorrente em suas narrativas:

*“A gente tem aquela disputa, sempre teve desde novo. Como eu disse desde 16 anos a gente sai pra pista, então quem tá pegando<sup>2</sup> mais mulheres e desenrola uma, pra no final sair com ela pra curtira os finalmente<sup>3</sup>, é o cara que a gente diz que “se deu bem”<sup>4</sup>. Quem pegou mais mulheres e “arrasta<sup>5</sup>” uma mulher é considerado como o cara que se destaca no nosso grupo, o cara que foi melhor na noite. É como se a gente fosse marcar pra jogar bola! Entendeu? É ter meu time contra o outro. Então tem aquela disputa entre um e outro, quanto mais tu pegar mulher e teus amigos olhando, mostra que você está melhor do que eles. Sempre vai existir essa disputa”.*  
(C, 28 anos.)

Disfarçados por sua característica descritiva, discursos como este são proferidos no sentido de preencher expectativas baseadas em concepções partilhadas entre pares. São discursos que remetem a uma espécie de arbítrio grupal sobre o que seja ser homem. Discursos como os de C fazem um duplo movimento, na medida em que não só são construídos pelo modelo de masculinidade vigente no grupo, como também o constroem:

---

<sup>2</sup> Pegar é sinônimo de “ficar”, o termo representa essencialmente a prática de beijar nas culturas jovens. (ALMEIDA 2006)

<sup>3</sup> Se refere a consumação do sexo.

<sup>4</sup> Representa qualquer forma de êxito no que diz respeito a conquista nas noitadas.

<sup>5</sup> É usado quando alguém do grupo sai da noitada na companhia de uma ou mais mulheres.

*“A identidade é resultado da imposição da norma disciplinar sobre o sujeito e do seu engajamento na sua produção. O preço da obtenção de uma identidade socialmente inteligível é a subordinação, porque essa identidade nos encerra em papéis sociais rígidos. Mas esse processo de encerramento só é bem sucedido quando o próprio sujeito participa dele ativamente” (BUTLER, 1997, p.14).*

A análise da dinâmica da construção de masculinidades apresentada nesta pesquisa tem a pretensão de oferecer uma pequena contribuição, sobretudo a partir da detecção de certa escassez de estudos sobre o gênero masculino, especialmente no campo das ciências sociais. Concordo com o antropólogo Rolf de Souza quando diz que: “A antropologia descobriu que os homens têm gênero socialmente construído há muito pouco tempo” (SOUZA, 2010, p.24). Pretendo também fazer com que o interlocutor enxergue o tema um pouco além dos estereótipos e estigmas que talvez sejam a principal causa da abordagem tardia e falta de tradição acadêmica na problematização das identidades masculinas. É preciso considerar, antes de qualquer preconceito, a existência de diversas abordagens teóricas sobre o tema das masculinidades.

Com esta dissertação busquei pôr em evidência uma parte do complexo processo de construção do gênero em uma determinada realidade, analisando a articulação entre condutas masculinas nos momentos de lazer, bem como o discurso performativo. Procurei investigar, como ambos possibilitam as construções de gênero em grupo específico de sociabilidade jovem. Acredito que as performances de gênero e narrativas expostas aqui dão visibilidade à dinâmica pela qual o modelo hegemônico de masculinidade mais tradicional é atualizado por práticas e discursos locais, onde novos comportamentos surgem em cima de valores antigos.

Se o gênero é fruto de construções sociais, não podemos esquecer que a dominação masculina, responsável por todo o tipo de violência exercida na ponta como o machismo e a homofobia, só se torna possível pela existência de processos de socialização que acontecem na base. Talvez a produção de conhecimento sobre estes processos de transmissão de valores contribuam para que futuramente esta dinâmica possa ser desarticulada.

Quanto à estrutura do texto, primeiramente apresentarei a emergência do gênero masculino enquanto questão teórica fazendo uma breve introdução sobre o conceito de masculinidade hegemônica (sem o qual se tornou difícil, pelo menos neste trabalho, falar de identidade masculina), e analisando como este foi levantando e desenvolvido por dois dos autores pioneiros na discussão da masculinidade no Brasil: o sociólogo Pedro Paulo de

Oliveira e o psicólogo Sócrates Nolasco. Posteriormente, me empenhei em relacionar os discursos produzidos pelos jovens com a masculinidade tradicional historicamente identificada e a maneira como estes são atualizados pelos discursos performativos de hoje, sendo usados na construção de um modelo de masculinidade de caráter local.

Posteriormente apresentarei algumas considerações sobre a origem do conceito de virilidade e como esta qualidade que norteia as práticas próprias da masculinidade mais tradicional foram transmitidas e legitimadas em diferentes períodos históricos pelo discurso médico e por diferentes instituições desde a antiguidade até os dias atuais. Exponho também nesta parte do trabalho a história do grupo em questão, através de suas memórias e algumas das minhas lembranças particulares enquanto membro. Trazendo o passado à tona procurei por fatores que teriam contribuído para a formação dos valores masculinos que estes homens carregam consigo até hoje. Tentei reconstruir alguns momentos da sociabilidade do grupo, no local onde moram, visando uma possível interpretação sobre como as condutas e prescrições de um modelo de comportamento masculino se inscrevem nas experiências pessoais passadas e perduram ao longo das suas histórias.

No último capítulo, pretendo analisar a “ostentação”, uma prática comum nos ambientes noturnos muito frequentados atualmente pelo grupo: as rodas de samba. A ostentação é uma prática performática baseada no consumo e exibição de elementos simbólicos com o objetivo de conferir status econômico aos seus detentores. Creio que a ostentação pode ser entendida como conduta representativa das performances de gênero que reforçam a identidade masculina no interior do grupo. Ao mostrá-la pretendo ilustrar de forma empírica como a performance nas noitadas se articula às formas hegemônicas de construção das masculinidades destes jovens.

## Capítulo I - Masculinidade no foco dos estudos de gênero

A masculinidade enquanto preocupação teórica no campo dos estudos de gênero só se tornou possível pelas ações dos movimentos feministas. Através deles, o masculino foi posto em evidência e finalmente desnaturalizado enquanto sexo dominante. Mesmo considerando que os movimentos de mulheres foram extremamente dinâmicos, é possível dizer com certa segurança que seus marcos históricos foram os movimentos conhecidos como “primeira e segunda ondas feministas”. Fundada basicamente no movimento sufragista, a primeira onda feminista ocorreu principalmente na América do Norte e na Europa no final do século XIX, tendo como reivindicação principal a extensão do direito de voto para as mulheres. No Brasil, a primeira onda veio à tona com propriedade junto à proclamação da república em 1890 juntamente com a bandeira sufragista, porém, acabou perdendo força quando o direito de voto foi concedido às mulheres na constituição de 1934. (MEYER, 2004).

A segunda onda feminista eclodiu no ocidente dentro da conjuntura política pós-segunda guerra, ganhando muita força nos anos 60 e 70, com os movimentos de contra cultura europeus e americanos, levantando a bandeira das lutas pelo direito ao corpo, ao prazer e contra a dominação masculina. No Brasil, a segunda onda esteve diretamente entrelaçada com a resistência ao regime autoritário inaugurado nos anos 60 e posteriormente aos movimentos de redemocratização da sociedade brasileira nos anos 80. Os movimentos feministas foram de suma importância no surgimento de questões até então ignoradas no mapa sócio político mundial, principalmente no investimento da sistemática produção de conteúdo que objetivava não só compreender, mas denunciar e explicar a subordinação social e a invisibilidade política a que as mulheres vinham sendo submetidas (Idem).

Através destes movimentos o gênero foi colocado no mapa das categorias políticas. A dominação masculina até então naturalizada com base em atributos biológicos passou a ser discutida dentro e fora dos limites acadêmicos, enquanto construção social, mudando profundamente a forma como a organização sociopolítica seria feita e pensada no mundo.

Um dos efeitos das problemáticas levantadas pelo movimento feminista foi a desestabilização do modelo de masculinidade tradicional que fundamentou a preponderância do gênero masculino sobre o feminino na história. O questionamento deste modelo identitário possibilitou os primeiros estudos na década 70 sobre a reflexão dos impactos da masculinidade tradicional também na vida dos próprios homens.

Em varias partes do mundo como Canadá, Estados Unidos e em países do continente europeu, diversos autores marcaram o período reconhecido como “crise da masculinidade”, (TOLSON, 1977;BEDNARIK, 1970; MEAD, 1972; GOLDBERG, 1976; FASTEAU, 1974). Estes trabalhos inspiraram outros mais contemporâneos que seguiram o mesmo viés na problematização da identidade masculina (SIMONEU, 1988; CONNEL & LEE, 1985; NOLASCO 1993; BADINTER 1993; OLIVEIRA, 1998; CECARELLI, 1998).

Tais estudos tinham como objetivo repensar a masculinidade revendo modelos de comportamentos, teorias e discursos que ao longo da história foram usados para justificar a masculinidade como parte dominante nas relações de gênero (ARAUJO, 2005). Nas palavras da pesquisadora da Fiocruz Edinilza Souza Ramos, do departamento de epidemiologia e métodos quantitativos em saúde da Fiocruz, a crise da masculinidade é definida como o “desconforto de alguns homens diante dos valores culturais marcados por esquemas rígidos e uma imagem masculina unívoca associada a posições de poder” (SOUZA, 2005, p.60). A crise da masculinidade inspirou autores em diversas partes do mundo a elaborar conceitos a fim de problematizar a identidade masculina, um deles se tornou muito popular nas pesquisas sobre o tema e é utilizado até os dias atuais: “masculinidade hegemônica”.

## **1.2 - O Surgimento do conceito de Masculinidade Hegemônica**

Não poderia deixar de iniciar a discussão que está por vir, sem antes tecer algumas considerações sobre o conceito de masculinidade hegemônica. As primeiras aparições do termo surgiram na Austrália durante os anos 80, em meio a grupos de pesquisa empírica sobre o desenvolvimento da sociabilidade masculina em lugares como escolas e sindicatos. O termo ganhou projeção nas pesquisas científicas ao ser trabalhado por importantes nomes dos estudos do gênero masculino como a cientista social Raewyn Connel e o sociólogo Robert W. Connel.

A masculinidade hegemônica se refere aos critérios de organização da hierarquia que compõem as identidades masculinas. O conceito define o modelo de masculinidade que estaria no topo das hierarquias de poder das relações de gênero, representado pelo típico homem branco heterossexual (pois nas sociedades ocidentais seria quem mais goza dos privilégios de ser homem) e seu conjunto de práticas e comportamentos que lhe conferem poder. Tendo passado por muitas críticas ao longo do tempo percebeu-se que o enquadramento do homem ao modelo de masculinidade hegemônica perpassava essas

categorias fixas, servindo também de referencia comportamental para outras masculinidades bem diferentes do modelo *branco heterossexual*, mas que também buscavam pelo acesso ao poder (como melhores salários e postos profissionais). Estas masculinidades também encontram expressividade entre as camadas subalternas: negros, homossexuais, latinos, ou seja, todos aqueles que estão fora das características da matriz citada, mas que acabam reproduzindo, ainda que em parte, seus comportamentos a fim de obter os mesmos privilégios (OLIVEIRA, 1998).

Com isso entende-se que algumas características da masculinidade hegemônica podem variar de acordo com o contexto social vivenciado, embora possuam traços em comum com a matriz. A masculinidade hegemônica, em suma, pode ser entendida como o modelo de masculinidade tradicional heteronormativo, historicamente utilizado como padrão de comportamento, que norteia a conduta dos homens nos mais diversos grupos sociais. O sociólogo Pedro Paulo Oliveira cita Connel para explicar que:

“A masculinidade hegemônica representa a estrutura de poder das relações sexuais, buscando excluir qualquer variação de comportamento masculino que não se adeque aos seus preceitos. Nesta empreitada subjaz um processo de luta continuo que envolve mobilização, marginalização, contestação, resistência e subordinação das modalidades de ser masculino não sancionadas pela matriz hegemônica (...) Centrada no patriarcalismo e no heterossexualismo”.(OLIVEIRA, 1998.p.11).

Na maioria das interpretações a respeito da masculinidade hegemônica, a heteronormatividade, patriarcalismo e tentativa de regulação daqueles que fogem do padrão são características em comum. Aspectos estes que em certa medida dialogam, mesmo que de forma antagônica, com as múltiplas possibilidades de masculinidade.

### **1.3-Discutindo a masculinidade hegemônica no Brasil**

Um dos primeiros autores a discutir a questão da masculinidade tradicional no Brasil, pelo menos sob uma perspectiva de cunho sociológico, foi o psicólogo do departamento de psicologia da PUC/RJ, Sócrates Nolasco. Em sua obra “O Mito da Masculinidade”, ele procurou mapear o desenvolvimento da identidade masculina na conjuntura social dos anos 90. O livro figura como uma importante referência nas pesquisas sobre masculinidades produzidas no Brasil, a julgar pelo quantitativo de citações dentro da bibliografia sobre o tema.

Publicado em 1993, o trabalho que, segundo o autor, proporciona uma “reflexão sobre a condição masculina contemporânea” (NOLASCO, 1993, p.11), começou a ser organizado no final dos anos 80, a partir da sua tese de mestrado “Identidade masculina: um estudo sobre o homem de classe média”. Nesta ocasião foi feita uma espécie de grupo focal com homens de faixa etária entre 25 e 35 anos, reunidos com a intenção de discutir sobre suas experiências de vida e formas de perceber o mundo (NOLASCO, 1993). O psicólogo relata então que estas pessoas, ao contarem sobre suas experiências de vida, não se identificavam com o tradicional modelo de *machão*, gerando frustrações. A percepção de tal descontentamento o inspirou a considerar determinadas tensões vividas pelos homens para atender as expectativas sociais do modelo de masculinidade tradicional.

Para Nolasco existiria um modelo de masculinidade socialmente construído para os homens. Estes, querendo segui-lo, deveriam sacrificar suas características sensíveis. Na busca incessante por este enquadramento o homem acabaria afastando-se da afetividade na reprodução de suas relações pessoais e como consequência adotariam valores de um modelo que tutela e controla seus desejos. A conduta assumida pelos homens imbuídos por esta masculinidade tradicional é pautada principalmente na violência, insegurança e frustração, que alimentam todo o tipo de práticas reconhecidamente machistas. Um dos trechos do livro sugere uma síntese acerca do seu pensamento quanto a essa construção social:

“Depois de quase seis décadas de feminismo, o homem é revelado na figura de um opressor tirânico que impediu a ascensão profissional da mulher, bem como limitou sua entrada no mundo às fronteiras da cena doméstica. Esta imagem do carrasco de um gênero sobre o outro vem gradativamente perdendo espaço, e vem sendo substituída por uma reflexão sobre a condição de vida dos homens.

Simone de Beauvoir comenta que os verdadeiros opressores das mulheres são o capitalismo e a burguesia o que também poder-se-ia estender aos homens.

Se para a mulher ambos interditam o acesso ao mundo do trabalho, para o homem, que tem livre acesso a ele, a opressão se situa, inicialmente, na impossibilidade de fracassar. A diferença é que as mulheres já se deram conta disso, e os homens se quer tem noção dos níveis e das formas de opressão a que estão submetidos. São escravos da obediência aos comportamentos que socialmente aprenderam como corretos. Esta obediência quase biológica gera a alienação dos homens sobre quem eles são, e os inscreve no campo de ansiedades múltiplas e sucessivas, que tentarão atenuar no mergulho cego no mundo do trabalho, da violência e da superficialidade” (NOLASCO, 1993, p.132-133).

A orientação marxista seguida pelo autor para interpretar a masculinidade é flagrante na passagem em destaque. Ao citar Simone de Beauvoir, ele credita a responsabilidade da dinâmica da dominação masculina à estrutura de poder capitalista, deixando em segundo plano a agência do indivíduo homem sobre o quadro de opressão historicamente vivido pelas mulheres. Outro ponto chave na concepção do autor é o foco nos diversos prejuízos da masculinidade modelo para os próprios homens, em virtude do investimento (cego por conta da alienação), que os faz assumir uma postura onde o isolamento afetivo, o sentimento de fracasso pelo não cumprimento das expectativas sociais, a insegurança, a inclinação à violência e a falta de sensibilidade são constantes. (NOLASCO, 1993).

Assim como suas referências bibliográficas, precursoras da “crise da masculinidade”, Nolasco trabalha na maior parte do livro em cima de efeitos negativos resultantes da busca pelo enquadramento dos homens na identidade heteronormativa tradicional, em detrimento das vantagens materiais e simbólicas historicamente proporcionadas a eles pela desigualdade de gênero.

Na sua teoria, os homens seriam alienados em relação às prescrições do modelo de masculinidade que incorporaram nas suas vidas, por isso, o seguem a risca, praticamente sem possibilidade de reflexão quanto aos efeitos da sujeição a esta matriz de comportamento essencialmente machista. Suas personalidades se identificariam então com a violência, objetividade e insensibilidade, dentre outras características já citadas devido a sujeição total as normas de conduta previstas pelo modelo do “machão”, que, em última instância, afasta o sujeito da sensibilidade necessária para refletir acerca de questões referentes ao seu comportamento e papel social.

Existe também em Nolasco, uma dualidade entre categorias antagônicas que organizam seu pensamento: masculinidade e sensibilidade, a primeira corresponde à objetividade e a segunda a subjetividade. Pode-se fazer aí um paralelo comum vindo da psicologia com os conceitos de “consciente” e “inconsciente”. A sensibilidade seria um adjetivo advindo da subjetividade humana independentemente do gênero, porém, desenvolvido nas mulheres por não passarem pelos mesmos processos de socialização aos quais os homens são submetidos. Renegar as prescrições do modelo tradicional, nesta perspectiva, é dizer não a objetividade do mundo dos homens (que é também aqui sinônimo de mundo do trabalho) e ter acesso ao mundo subjetivo das mulheres, abrindo finalmente as

portas para irrupção da sensibilidade, afetividade e amor. Sentimentos esses que, incorporados à personalidade dos homens, seriam a base para questionar suas próprias masculinidades.

Essa proximidade com a feminilidade se configura para o psicólogo como única saída para superar a desigualdade entre os sexos, possibilitando assim, um projeto de transformação da identidade masculina chamado de “O novo homem”. Esta seria a representação do sujeito marcado por uma “tomada de consciência” em relação à submissão ao modelo de masculinidade dominante sintetizado na figura do “machão”. A partir daí, se iniciaria um processo de reflexão para repensar a posição ocupada pelo homem na sociedade, trazendo à tona a sensibilidade feminina na transformação dos valores que balizam a identidade masculina: “Homens sensíveis e femininos, indivíduos a procura da humanização de seu papel social e da aquisição de uma linguagem sensível para suas vidas” (NOLASCO, 1993, p.25). Só após este movimento o homem pode se emancipar do modelo machista que o escraviza.

O processo de “revolução” subjetiva personificada na figura do “Novo Homem” já estaria se desenvolvendo desde os anos 60 e mundo afora havia sido experimentado pelos movimentos de contracultura norte americanos (mesmo antes do surgimento das teorias em torno da “crise da masculinidade”, reconhecidas como o berço deste tipo de reflexão). “O novo Homem” e seus sinônimos “Homem rosa”, “Homem feminino”, “homem dócil”, “homem reconciliado” são aqueles que se identificam com a feminilidade (NOLASCO, 1993) e já se encontravam em construção em outras partes do mundo, levantando diversas questões inerentes à sexualidade, paternidade e violência, em um constante exercício de questionamento das suas próprias identidades.

No Brasil, Nolasco afirma que a síntese do que é valorizado como novo homem esteve presente nas músicas dos cantores Gilberto Gil e Caetano Veloso na época do movimento tropicalista de 1967: “O novo Homem” brasileiro começou a ser construído no final dos anos 60, sendo a tropicália seu suporte” (NOLASCO, 1993, p.184). Este fenômeno cultural e artístico caracterizado pela invasão da música baiana que mistura elementos dos terreiros religiosos com o pop, conduz canções sobre o novo homem, propõe mudanças comportamentais em relação ao que foi estabelecido pela ordem social cartesiana da época. Músicas compostas por Gil como: Pai e mãe; Esotérico; Fé-menino e Corações a mil, seriam expressões deste novo pensamento, pois tais canções, demonstrariam a porção mulher que aflora da consciência do homem, permitindo assumir o lado feminino presente no masculino, negando assim sua imagem de força bruta cristalizada desde sempre. Assumir o lado feminino

na visão de Gil seria assumir a sensibilidade tradicionalmente associada ao gênero feminino ou ao estereótipo dos homossexuais (NOLASCO, 1993) para pôr em cheque a orientação sexual, imposta pelos mecanismos de poder.

Ao analisar o pensamento de Sócrates Nolasco, podemos dizer que sua perspectiva inverte a maneira como as relações de gênero foram tradicionalmente compreendidas. Isso porque ele tira o homem do papel de opressor assim como originalmente foi entendido pelo viés feminista e o coloca no lugar de oprimido. Percebi também que o autor, assim como muitos outros dos quais beberam na fonte da crise da masculinidade, busca alternativas para a abordagem feminista dominante na produção de conteúdo sobre as categorias de gênero. Talvez por se sentirem pessoalmente incomodados com toda a atribuição negativa feita genericamente pelo feminismo ao gênero masculino. Isto porque nas abordagens, mais clássicas, a perspectiva dominante sobre a masculinidade era centrada na figura do homem unilateralmente como inimigo, opressor e principal responsável pelo extermínio e condição subalterna das mulheres. Nolasco traz este posicionamento nas palavras de uma das ativistas mais importantes do feminismo no séc. XX, Germaine Greer: “as mulheres não desconfiam o quanto os homens as odeiam”.

Para Nolasco a abordagem feminista se valia principalmente da categoria *machismo* para colocar o homem na posição de algoz, classificando-o em um bloco monolítico, onde a masculinidade seria uma categoria genérica destituída de toda e qualquer singularidade (NOLASCO,1993). O conceito de machismo se popularizou na literatura social dos anos 50, e 60 sendo interpretado no comportamento viril do típico “macho latino”<sup>6</sup>. Esta postura comportamental é resumida como um complexo de atitudes caracterizadas pela violência, virilidade, falocentrismo, paternalismo e heterossexismo que viabilizam o domínio do homem sobre a mulher.

O autor salienta que quando se faz esse tipo de relação deve-se antes distinguir o tipo de homem a quem se refere. Desta forma se torna imprescindível então, levar em consideração as singularidades dos homens, inclusive as daqueles que se distinguem deste modelo e lutam para fugir do estereótipo do “macho latino”, se empenhando em refletir sobre o seu papel na sociedade. O grupo de discussão organizado para sua tese “Identidade

---

<sup>6</sup> O macho latino é o conceito que unifica o sentido de machismo usado por Nolasco durante todo o livro, tal conceito foi discutido na conferencia “ideologia masculina sexualidade e poder”, Buenos Aires 1989.

masculina: um estudo sobre o homem de classe média” se configuraria como exemplo desta linhagem de homens, dispostos a rever os seus conceitos, em relação às prescrições que a matriz hegemônica determina para suas vidas:

“Um pequeno grupo de homens brasileiros, individualmente, começa a repensar como constroem seus vínculos afetivos e de trabalho fora do crivo do estereótipo social para eles definido. Estes indivíduos buscam encontrar caminhos próprios para suas vidas, ampliando-os para além da redução a que ficam submetidas pelo patriarcado que separa a “vida de um homem da “vida do macho” (NOLASCO, 1993, p.18).

Estes “homens de classe média” lutariam com afinco contra a sujeição a que estiveram submetidos, sujeição esta que é imposta pela estrutura. A preponderância da estrutura sobre o sujeito é um traço marcante das concepções deste autor, isto seria o argumento central pra a inversão de posição, já descrita anteriormente, que coloca o homem ao invés de sujeito, como objeto da dominação. Esta forma de pensar a masculinidade foi alvo de muitas críticas e rendeu um debate fecundo na bibliografia Brasileira sobre o tema e sobre as formas de se pensar a masculinidade.

O artigo datado de 1998, intitulado “Discurso Sobre A Masculinidade”, do sociólogo Pedro Paulo de Oliveira, autor de uma extensa pesquisa no âmbito do gênero masculino, apresenta uma serie de críticas quanto a abordagem usada por Nolasco na compreensão da identidade masculina.

Oliveira discorda não só dos argumentos de Nolasco, mas de vários autores que flertam com este tipo de análise chamada por ele de “discurso vitimário”, (FASTEAU, 1974; TOLSON MEAD, 1972; KOMAROVYSKY, 1976; BEDNARIK, 1970) e apresenta um panorama sobre a discussão da problematização do gênero masculino identificando as posições teóricas de diversos autores sobre a questão. O discurso de vitimização é uma destas interpretações acerca da identidade masculina e como o nome mesmo já sugere, compreende a posição do masculino enquanto vítima da sua condição de gênero, baseando-se em fatores psíquicos e sociais para explicar tal posição “socialmente desfavorecida”. Nolasco é visto pelo autor como o principal estudioso contemporâneo adepto de tal perspectiva no Brasil.

Na reflexão sobre a estrutura dos discursos que enquadram o homem enquanto vítima, o sociólogo argumenta que este tipo de teoria foi resgatada de análises funcionalistas e marxistas, impulsionadas por abordagens psicológicas. Nelas o *self* íntimo entraria em conflito com as determinações exigidas pelo cumprimento das expectativas sociais geradas

pelo modelo de masculinidade tradicional trazendo prejuízos para o desenvolvimento da subjetividade nos homens. Isto justificaria seus investimentos nos preceitos machistas que são responsáveis por sacrificar a noção de sensibilidade e orientar as condutas dos homens (OLIVEIRA, 1998).

No que tange ao campo da psicologia, o discurso vitimário foi muito influenciado pelo pensamento da socióloga e psicanalista americana Nancy Chodorow, responsável por promover o que se chamou de psicologização do gênero. Oliveira usa o seguinte trecho da autora para resumir os argumentos em que ela fundamenta a divisão do gênero:

“As mulheres, na posição de mães, são as primeiras pessoas que, mantendo contato primeiro com os filhos, servem como base de referência para a identificação de meninos e meninas. Com o posterior desenvolvimento das crianças, existirão, de acordo com o sexo, diferentes consequências dessa identificação. Os meninos terão que lutar para se desfazer dela e criar uma outra, completamente diferente. A nova identidade será frágil e tal fato acarretará uma personalidade com reduzida capacidade de relacionamentos, inseguranças e barreiras em torno do ego masculino. Como as meninas não terão que efetuar tal ruptura, o desenvolvimento da identidade feminina é mais natural e tranquilo, evitando maiores conflitos. Este fato, favorece também, o desenvolvimento nas mulheres, de uma habilidade maior para se envolverem em relacionamentos íntimos, ao lado de outras capacidades referentes aos relacionamentos humanos, tais como compreensão, flexibilidade e etc.”(CHODOROW, 1998, p.4. Apud, OLIVEIRA ).

A partir dos argumentos de Chodorow podemos compreender a quais bases que compõe o viés psicológico usado por Nolasco para entender como a personalidade dos homens são formadas. A identidade masculina em ambas as concepções são profundamente marcadas pela separação do mundo feminino. Esta separação definiria o comportamento de homens e mulheres de acordo com os processos de socialização a que são submetidos. Para os homens, um padrão de comportamento rígido norteado pelo “ego masculino” e para as mulheres, características subjetivas ligadas a sensibilidade:

“as exigências viris, de posse e poder, bem como ser assertivo e competitivo sexualmente, mantém os homens presos a questão do desempenho. Os padrões de comportamentos que os qualificam se aproximam do exigido para máquinas. Enquanto identificados como Homem máquina, estes indivíduos ficam impossibilitados de problematizar a maneira como socialmente tornam-se homens” (OLIVEIRA, 1998, p.10).

O sociólogo propõe que, ao colocar o peso da dominação masculina na estrutura e em fatores psicológicos independentes da sua vontade, Nolasco acaba reforçando a estabilidade do quadro em que o gênero se encontra. Existiria aí uma incapacidade deste tipo de

abordagem em contribuir com a mudança na desigualdade de gênero estabelecida (uma vez que o homem estaria praticamente sem qualquer possibilidade de ação). A intenção do discurso vitimário, segundo o autor, seria apenas desafogar a culpa (jogando-a na estrutura) pelos homens estarem no topo da pirâmide do poder sem abrir mão de privilégios (OLIVEIRA, 1998).

Além da crítica, Oliveira sugere com uma alternativa a este tipo de visão, através da construção de uma abordagem realmente eficaz que possibilitaria a mudança efetiva no quadro da desigualdade de gênero, a chamada de por ele de “análise crítica”. Esta abordagem seria herdeira do legado feminista e como tal, situa o homem bem longe da condição de vítima, reconhecendo a responsabilidade dos mesmos pela dominação masculina. Entretanto, há de se considerar algumas diferenças entre as duas análises, uma vez que, as teorias feministas foram historicamente desenvolvidas por mulheres e no discurso crítico os homens participariam ativamente da produção teórica. Outra diferença básica é que na ótica feminista os homens naturalmente aparecem em segundo plano e somente para esclarecer determinados aspectos da condição social das mulheres. Talvez por isso deixem de captar certas especificidades existentes em relação à masculinidade (Ibidem).

O discurso crítico, segundo Oliveira, atenta para o impacto da masculinidade hegemônica nas dinâmicas das relações sociais cotidianas, considerando-a como responsável direta pelo quadro da desigualdade de gênero. Para mudar este quadro o autor afirma que é preciso intervir diretamente no desenvolvimento das relações cotidianas por meio de iniciativas empíricas como:

“Apoio a todo o tipo de manifestação contra a violência de homens sobre mulheres e gays, apoio a implementação de campanhas educativas contra o estupro e assédio sexual, e liberdade para as mulheres disporem dos seus próprios corpos, luta pela inclusão de cláusulas sobre assédio sexual nos contratos coletivos de trabalho e fim das iniquidades explícitas em remuneração diferenciada; manifestação de opiniões contrárias ao abuso sexual de menores e também recusa em colaborar com o sexíssimo de nossos colegas e amigos (OLIVEIRA, 1998, p.14).

Apesar das divergências de Oliveira ao seu contemporâneo quanto a problematização da identidade masculina, podemos encontrar alguns pontos em comum entre os dois posicionamentos. Um deles estaria no fato de ambos atribuírem às práticas machistas a uma questão de classe (o que me parece ser uma tendência nos estudos sobre masculinidade nos anos 90). Nolasco identifica nos “homens de classe média” o potencial para romper os

parâmetros da masculinidade tradicional através da sua capacidade de reflexão e Oliveira afirma que quanto mais baixa é a escala social maior o investimento na distinção que a *macheza* proporciona, relacionando as classes mais desfavorecidas socioeconomicamente com o maior investimento nas práticas machistas mais *toscas e opressoras* (OLIVEIRA, 1998).

No entendimento do sociólogo os homens pertencentes à base da pirâmide econômica estariam mais propensos a comportamentos machistas, na medida em que buscam compensar a falta de poder e inferioridade em relação ao grupo hegemônico, tanto do ponto de vista econômico quanto do ponto de vista cultural, com este tipo de postura machista (OLIVEIRA, 1998, p.19). A maior intensidade do investimento neste comportamento nestes seguimentos da sociedade ainda se agravaria devido ao fato de que qualquer tentativa de refinamento, em matéria de linguagem ou vestuário, nas classes mais baixas, ser imediatamente percebido como sinal de aburguesamento e/ou seu sinônimo inseparável: feminilidade. Por isso logo sufocado. Homens da classe média, por sua vez, podem assumir mais livremente tarefas e posturas associadas ao feminino tradicional (cuidado com os filhos, afazeres domésticos, por exemplo) sem terem suas masculinidades desvalorizadas.

Oliveira ainda reforça o machismo como uma questão de classe quando ressalta o fato de que quando se fala no “novo homem” os autores se referem a suas auto- imagens, ou seja, homens de classe média que seriam mais esclarecidos por terem à disposição muito mais alternativas (ele inclusive cita divãs de psicanalistas) para questionar a identidade masculina, dispondo ainda amplamente de recursos culturais e socioeconômicos. Por isso não precisariam recorrer a um modelo de masculinidade restritiva (neste sentido, masculinidade chula exercida pelos mais pobres) para manter posições privilegiadas.

Relacionado o viés classista que pautava a masculinidade na discussão entre Oliveira e Nolasco com a realidade dos jovens do conjunto habitacional abordado nesta dissertação, não me parece que a classe social seja o fator determinante para a adoção de comportamentos provenientes da masculinidade restritiva, tosca e opositora. Se considerarmos a violência, por exemplo, como expressão desta masculinidade, digamos assim, mais machista, relacionada às classes populares, não a vejo como matéria de valores positivos no entendimento no grupo, pelo menos não a violência direta.

A violência física não é algo que receba prestígio aqui, pois neste grupo de jovens, ela frequentemente remete a falta de perícia, incapacidade e/ou inabilidade para lidar com as

relações sociais, tanto com os próprios homens quanto com as mulheres. O modelo de masculinidade valorizado por estes jovens está mais ligado à sedução, a trapaça, ao jogo de cintura representado pelo que eles chamam de: “desenrolo”<sup>7</sup>. Estes valores fazem parte das características próprias de um modelo de masculinidade tradicional constituído no Brasil como veremos no capítulo a seguir.

Quando esporadicamente alguém do grupo era pivô de um conflito violento, seja com homem ou mulher, nas noitadas, surgiam muitas críticas, ele então era chamado “vacilão”<sup>8</sup>, aquele que “deu mole”<sup>9</sup>. A violência, de uma forma geral, é vista aqui como uma espécie de perda de controle da situação e para ser reconhecido como homem neste grupo deve-se mostrar que está sempre no controle. Além disso, parece ser um consenso no grupo que a noite da zona oeste é perigosa e repleta de lugares onde brigas eventualmente podem levar ao óbito (de fato não são incomuns nesta realidade histórias envolvendo conhecidos que morreram ou foram hospitalizados por chegarem às vias de fato nestes ambientes). Em última análise me parece que deixar o terreno do desenrolo e arriscar a vida em conflito desta natureza é um tipo de postura reconhecida como falta de inteligência e por isso criticada.

Voltando as similaridades em comum entre Oliveira e Nolasco no tratamento da identidade masculina, podemos dizer que ambos se concentram também, na produção de alternativas para a superação da desigualdade de gênero que organizam a sociedade dentro de um padrão hegemônico de masculinidade. Em Nolasco vemos o projeto do “novo homem” como tentativa de subversão da estrutura tradicional de poder, já Oliveira com sua teoria do “discurso crítico” propõe ações antissexistas, em menor escala, focando na intervenção cotidiana das práticas machistas para mudar o quadro da divisão de gênero estabelecido.

Achei necessário trazer à tona este debate teórico no campo do gênero, pois compõe a escassa bibliografia brasileira a respeito do tema com enfoque específico na masculinidade como objeto. Além disso, mostra um pouco da apropriação do tema por abordagens voltadas

---

<sup>7</sup> Gíria que se refere ao discurso orientado para obter vantagens. Ela pode ser entendida também como alternativa para a violência. O desenrolo neste caso é sinônimo de conversa apaziguadora para evitar determinadas situações onde conflitos violentos estão na eminência de acontecer.

<sup>8</sup> Aquele que divergiu ou diverge frequentemente da conduta que esta em conformidade com os valores que o grupo preza. Aquele que quebra os códigos de ética e comportamento estabelecidos pelo grupo.

<sup>9</sup> Dar mole é quando se perde uma oportunidade de realizar algo vantajoso. Quando em alguma situação o sujeito não faz aquilo que é reconhecido como o certo a se fazer.

para as ciências sociais, pois a masculinidade é um tópico muito mais presente no campo da saúde como se verificará adiante.

### **3. Considerações sobre a origem e o desenvolvimento histórico da virilidade**

A virilidade diz respeito a uma virtude intrinsecamente masculina, ela é representada por um conjunto de atitudes e valores que definem o papel tradicionalmente construído pelo e para o homem desempenhar socialmente. O historiador francês Georges Vigarello ao mapear o termo e suas derivações na coletânea de artigos que deu origem ao livro “*Historia da Virilidade*”, relaciona a origem da palavra virilidade com a expressão grega *andreia* (observada pela primeira vez em uma obra de Ésquilo no ano de 467). *Andreia* se refere à coragem física comumente demonstrada no campo de batalha. É uma virtude do guerreiro representada também em outras esferas da vida do homem como sexualidade e política. A expressão esta ligada diretamente a dominação sexual, afirmação pessoal e obtenção de reconhecimento. (VIGARELO, 2013).

Esta virtude diz respeito a um quadro valorativo que legitima o homem como homem de verdade, não apenas pela ocorrência biológica do sexo masculino, mas aquele que é capaz de demonstrar na prática as qualidades necessárias (força, coragem, potência) para ser reconhecido como representante ideal da masculinidade. A *andreia* não aparece como um efeito natural comandado pelo corpo, ela é antes de tudo uma construção social comandada pelos comportamentos *viris*.

A *andreia* na Grécia antiga devia ser manifestada nas diversas situações vivenciadas pelo homem em sociedade, pois só assim o indivíduo era capaz de provar ser portador da mesma. Seja nas situações de guerra, no âmbito doméstico, na sexualidade ou na política o comportamento viril deveria ser demonstrado, porém era necessário fazê-lo preferencialmente nos espaços públicos, uma vez que neles as dinâmicas de aprendizagem e competição legitimam os processos de estabelecimento do comportamento viril.

Vigarello discorre sobre as dinâmicas de adestramento por meio do treinamento militar ou práticas esportivas que constituem um verdadeiro sistema coercitivo de educação social aplicado nas sociedades espartanas e cretenses. Estes regimes eram introduzidos ainda na infância, para inculcar no homem o espírito de competição, a obediência e o compromisso de se destacar como vencedor.

Desde a antiguidade a virilidade é um fator de distinção na construção das identidades masculinas, ela hierarquiza os homens entre aqueles que são viris e sua antítese, os covardes, medrosos e todos os que fracassam em se enquadram nos moldes comportamentais rigidamente padronizados do potencial masculino. A identificação com a virilidade é produzida por um longo processo de aprendizado que atravessa várias fases da vida do homem. A passagem que parafraseia a feminista Simone de Beauvoir resume precisamente esta dinâmica: “não se nasce viril, torna-se viril”.

O caráter pedagógico da virilidade se manteve desde a sua gênese até seu desenvolvimento e até a sua ocorrência nas sociedades mais contemporâneas possibilitando a atualização das formas de se viver a masculinidade viril nos diferentes períodos históricos. Os ensinamentos que constroem o homem viril vão se adaptando aos diferentes contextos históricos e determinadas práticas mudam ainda que antigos valores permaneçam atrelados as mesmas como herança. As referências à coragem, força e dominação continuam a orientar as condutas viris, porém as técnicas e formas de executa-las mudam de acordo com as culturas e ordenamentos sociais. (VIGARELLO, 2013).

Na Idade Média, por exemplo, a virilidade está mais diretamente ligada aos excessos, a violência e a força física, atributos representados pelo *cavaleiro* medieval. Na modernidade ocorreu uma ruptura na forma de viver a virilidade, e esta figura emblemática é substituída pela do *cavalheiro*. O controle e a etiqueta vinda dos palácios, com a chegada da modernidade, tomou o lugar da força desmedida anteriormente valorizada:

“A corte palaciana dos séculos XVI e XVII acresce as etiquetas, cultiva as posturas, flexibiliza os corpos, reforçando a questão da aparência, ao passo que outrora predominava uma arte mais guerreira. A leveza suplanta as velhas truculências, a graciosidade vence as antigas deselegâncias. O viril cultiva aqui o controle como máxima”. (VIGARELLO, 2013, p.13).

Os moldes que forjam a virilidade são então atualizados, durante a modernidade e faz com que determinados comportamentos do guerreiro medieval, caiam em desuso, passando a serem taxados como barbarismos e excessos. O autor também apresenta formas de virilidades mais contemporâneas como à exercida nos segmentos clérigos no mundo clássico, onde a força mental é mais valorizada do que a física e tem os seu representante máximo no macho continente, macho condutor de rebanhos e/ou soldado de Cristo.

Passando para uma realidade mais contemporânea Vigarello também fala da virilidade popular, mais específica dos jovens onde os ensinamentos transmitidos pelas diferentes gerações são guiados pela importância dada a conquista violenta, a identificação do feminino como um objeto de caça e códigos de honra fundados na influência e no seu reconhecimento jocoso.

Sobre os processos contemporâneos que transmitem e perpetuam os ideais viris nas sociedades ocidentais, o historiador francês Arnaud Baubérot, especialista em história contemporânea, trata de uma série de instituições responsáveis pela sua dinâmica. Ele os chama de: “mecanismos de produção e de transmissão do hábito viril”. (BAUBEROT, 2013,p.190). Segundo Baubérot, nas sociedades contemporâneas, algumas instâncias da sociedade são fundamentais na realização do longo processo de incorporação das características específicas do estado viril. Elas fazem o trabalho de interiorização das formas de pensar e agir no decorrer da vida do homem (infância, adolescência e fase adulta), de acordo com as estruturas de poder orientadas pelo paradigma da dominação masculina. Tais instituições se empenham principalmente na transmissão de estereótipos de gênero, reações e atitudes dos meninos norteados por um modelo heteronormativo. *A família, a escola e os bandos* são exemplos destas instituições ensinam o comportamento masculino tradicional. (BAUBEROT, 2013).

A determinação do sexo do bebê ainda no ventre da mãe, dá início a uma série de atitudes tomadas pela família em relação à vida futura da criança: a escolha das cores azul e rosa, os brinquedos, as roupas a decoração do quarto e etc. Estas escolhas são tão corriqueiras que parecem ser naturais, porém reproduzem a divisão gênero estabelecida historicamente. O seio familiar é então tradicionalmente a primeira instância da sociedade a interiorizar nas crianças as distinções de gênero, a partir da divisão das tarefas domésticas, entre mulheres e homens.

O historiador destaca também a importância dos brinquedos na dinâmica de aprendizagem das relações de gênero, pois neles, em certa medida, estão contidas as expectativas sociais normativas que se esperam das crianças na vida adulta. Aos meninos são destinados brinquedos relacionados com o mundo masculino que conseqüentemente os encorajam a adotar comportamentos viris: trens, carros, jogos de construção, brinquedos de guerra e etc. Já para as meninas os brinquedos estão relacionados com a vida doméstica como: bonecas, bebês, e todo o tipo de utensílios do lar.

A escola é outro exemplo de instituição tradicionalmente marcada pelo processo socializador em meio às crianças e adolescentes. Mesmo tendo a proposta de ensinar mais os conhecimentos positivos, do que propriamente o comportamento viril, a escola acaba contribuindo para a formação de um tipo específico de homem, pretendo a ascender socialmente, sobretudo no ensino secundário: “As humanidades e os estudos dos autores antigos visam transmitir aos alunos o domínio da eloquência máscula, instrumento de dominação social válida tanto na esfera política quanto no mundo dos negócios”. (BAUBEROT, 2013, p. 200).

O autor destaca o caráter monossexuado das instituições de ensino uma vez que em muitas delas convivem diferentes faixas etárias separadas por gênero. São nestes espaços que os mais velhos, frequentemente de forma coercitiva, passam aos mais novos normas de comportamento viril ensinando-os a: fumar, beber, flertar com as mulheres, e desafiar as regras da instituição para pertencer ao seletivo grupo de “homens de verdade”.

Outra esfera da sociabilidade masculina, fundamental na difusão dos preceitos viris diz respeito aos bandos. A heterogeneidade do sexo masculino é um traço em comum com muitas escolas nestes grupos, a diferença básica está no fato de se formarem a margem do crivo das instituições formais. Os bandos se constituem fora do seio familiar e das instituições de ensino, quando coletivos de crianças ou adolescentes geralmente compostos pela mesma faixa etária se reúnem e interagem em um território em comum (bairro, condomínio, cidade e etc.).

Nos bandos, os meninos são iniciados nas competições e jogos de auto-afirmação físicos e morais. Nele se ensinam os primeiros comportamentos tipicamente associados a masculinidades como por exemplo: as bebedeiras, as algazaras, as piadas de cunho misógino, e a educação sexual através de jogos obscenos. O acesso ao capital de atitudes que marcam simbolicamente a masculinidade adulta é buscado por aqueles que ainda são crianças ao olhar dos adultos e assim os mais novos acabam interiorizando as normas coletivas da virilidade tendo como parâmetro os homens mais velhos.

Trazendo a tona algumas características históricas da virilidade e determinados aspectos dos seus processos de aprendizagem, podemos compreender um pouco sobre como as dinâmicas de fixação da diferenciação sexual heteronormativa se estabelecem em diferentes momentos históricos. Com base nas páginas acima podemos dizer que a virilidade é

concebida como a virtude ativa e dominadora que é própria do homem. Ela confere a força e coragem necessária para justificar e garantir seu status dominador.

No capítulo a seguir veremos como a virilidade se une à biologia através do discurso médico para legitimar a preponderância do masculino sobre o feminino. Buscarei mostrar como a medicina historicamente incorporou a virilidade, construída socialmente, sob a aparência de determinação da natureza. Podemos tomar como exemplo deste quadro as palavras do importante médico francês do século XX, Jean Fauconney:

“A potência genital, é de fato, o primeiro, o mais irrecusável testemunho da virilidade e inclusive sem esta potência, ela não existiria[...]. Daí vem que esta virilidade faz atribuir naturalmente essa supremacia do macho sobre a fêmea pela ousadia, pela força corporal, pela generosidade da coragem”.  
(CAROL, 2013, p.37)

### **3.1. Problematização do gênero masculino no campo da medicina**

A medicina foi ao longo da história talvez o principal campo do conhecimento científico responsável pela regulação da sexualidade. O arcabouço teórico desta disciplina contribuiu de forma significativa para o estabelecimento da polarização heteronormativa (masculino/feminino), que naturalizou e sancionou as formas de se viver o sexo e o gênero.

Na análise da cultura greco-romana, feita pelo filósofo Michel Foucault em a “*História da Sexualidade*”, a preocupação da medicina com a prática sexual já estava presente naquela realidade e questões como: abstenção, frequência e intensidade das relações, coito, procriação, as funções do sêmen, eram temas centrais. Foucault destaca também a extrema vigilância dos saberes médicos para com a atividade sexual e afirma que as práticas do sexo eram vistas como um núcleo permanente de males possíveis, em relação à saúde, onde o uso “inadequado” (fora do crivo regulatório da medicina) dos prazeres suscitava males ao corpo. O conhecimento médico desde a antiguidade institucionalizou os parâmetros do *bom uso da prática sexual, bom uso dos prazeres* (FOUCAULT, 2011) objetivando cuidados com a saúde.

Em um dos artigos que compõe o livro *a História da Virilidade* Ane Carol fala sobre o tratamento histórico mais recente que a medicina deu às questões relativas à diferenciação sexual, mais especificamente na investigação das causas e efeitos da virilidade. Um quarteto composto por diferentes áreas específicas da medicina: anatomia, endocrinologia, genética e

sexologia, foram utilizadas ao longo da história para fundamentar a polarização “biológica” dos sexos masculino/feminino sempre tendendo para a questão da virilidade intrínseca ao homem e ausente na mulher como uma das principais características de distinção entre os gêneros/sexos.

Até o século XX as teorias médicas lançaram mão da anatomia dos corpos para abordar a virilidade, basicamente sob duas fontes de preocupação: a mensuração da masculinidade no indivíduo homem e o seu desempenho sexual. (CAROL, 2013). Estas duas questões foram enfocadas pela medicina, nesse período, quase que exclusivamente a partir da potência genital (indissociável do sexo masculino) que ligada diretamente ao sêmen (desde a Grécia antiga visto como sinônimo de vitalidade e masculinidade) determinam a ocorrência da virilidade.

No final do século XX a importância dada a virilidade era tamanha que se tornou questão de saúde pública. Os conhecimentos anatômicos construíram critérios anatômicos e fisiológicos para o macho ser considerado como sexualmente saudável: a presença de um aparelho genital adequado que fosse capaz de obter uma ereção possibilitando a penetração (IDEM).

Com o avanço das novas descobertas na área da medicina, no início do século XX, a anatomia foi de certa forma substituída pela endocrinologia na investigação da virilidade e diferenciação entre os sexos. A anatomia deixa de ser considerada como principal agente viabilizador da virilidade e potência sexual, sendo substituída pelo paradigma hormonal com a descoberta das glândulas endócrinas em 1917. A partir daí criou-se um “paradigma hormonal” que organizou a divisão entre os sexos (CAROL, 2013):

“Existe por um lado, os hormônios femininos ou “*estrogênios*” produzidos nos ovários e, por outro lado os hormônios masculinos ou “*androgênios*” produzidos nos testículos. Se a definição do sexo não é mais simplesmente anatômica, a anatomia só intervém indiretamente, já que o ovário e o testículo permanecem, como glândulas endócrinas, sendo os motores da diferenciação sexual, no embrião no momento da puberdade e mesmo depois. O testículo funda indubitavelmente a virilidade.” (CAROL, 2013,p.39)

A virilidade passou então a ser relacionada ao hormônio da testosterona e até hoje vigora a crença de que esta substância possui efeitos predominantes na definição de características físicas e comportamentais (sobretudo no que diz respeito à agressividade,

qualidade inerente à masculinidade). Esta versão sobre a ocorrência da virilidade se tornou tão forte que chegou a definir práticas que extrapolam o campo da teoria médica, a exemplo da castração química nos criminosos sexuais nos EUA na década de 70, e na interpretação das causas acerca da orientação sexual, onde variações na quantidade de testosterona presentes em homens e mulheres determinariam tendências lesbianas e/ou homossexuais. (CAROL, 2013. p.41,42).

Compondo os fatores que distinguem biologicamente a separação entre masculino e feminino e os critérios classificatórios da virilidade, surgiu mais contemporaneamente a genética. Em 1956, o número de cromossomos que define a raça humana foi estabelecido em 46 (discussão que já vinha desde meados do século XX). Chegou-se também ao consenso na comunidade científica de que a presença do cromossoma Y determina o sexo masculino e a sua ausência o feminino (IDEM). Cabe destacar que o esquema cromossômico reproduz a divisão binária historicamente estabelecida entre o sexo masculino e feminino onde o primeiro está ligado a presença e segundo a falta.

Esta estrutura rígida dos cromossomos foi contestada por pesquisas posteriores na área da genética que apresentaram outras combinações e indutores genéticos que problematizam a determinação sexual apenas pela ausência do cromossoma Y (LERMAN, 2016). Contudo, a diferenciação binária X/Y ainda fomenta pesquisas recentes que reforçam a inexorabilidade destas relações, inclusive no que diz respeito à orientação sexual, como uma pesquisa que avaliou amostras de sangue e saliva de cerca de 800 irmãos gays publicada nos Estados Unidos no ano de 2014 na revista científica “Psychological Medicine” financiada pelos Institutos Nacionais de Saúde do país NIH (Associated Press, 2014). O determinismo biológico da virilidade encabeçado pela medicina ganha o gene como aliado e assim como a ocorrência da homossexualidade é buscada no cariótipo XX, a masculinidade e características como a agressividade são fundamentadas pelo cromossoma Y. (LERMAN, s/d).

A virilidade vai atualizando suas interpretações na medicina e diferentes variáveis vão sendo agregadas ao conhecimento médico já existente para compreendê-la, inclusive interdisciplinarmente. O contato da medicina com a psicologia, amplamente influenciado pela difusão das teorias freudianas após a Primeira Guerra Mundial, promoveu uma interface que deu origem a um novo campo de possibilidades para compreender a virilidade: a sexologia. Nesta área do conhecimento a biologia de uma forma geral perde força para abordar a sexualidade dando espaço a psique humana.

A sexologia como disciplina fundamentada na psicanálise entende que a vida sexual é guiada pela vida psicológica desde a infância, ou seja, a maneira como a sexualidade é vivida na infância condiciona a saúde sexual do indivíduo adulto. Às questões referentes a virilidade e divisão sexual são entendidas na chave da psicanálise pela presença ou ausência do falo no corpo humano. Este fator biológico acaba por desencadear todo um conjunto de problemáticas em relação à vida sexual dos indivíduos.

As questões psicanalíticas revolucionaram a forma com que a medicina abordava a sexualidade e uma das principais mudanças foi publicidade dada ao caráter secreto e íntimo do sexo (sendo discutido em suas práticas inclusive pela mídia de massa a partir dos anos 70) que fazia do tema um tabu. Diversas práticas sexuais passaram a ser difundidas abertamente como: masturbação, orgasmo, coito. A sexologia norteadas pelos paradigmas psicanalíticos passou a institucionalizar os parâmetros referentes à prática sexual considerada “normal”, prescrevendo todo um complexo de atos para a garantia de uma vida sexual “saudável”.

A sexologia exercia cada vez mais controle sobre a sexualidade conforme crescia a popularização dos seus conhecimentos, as regras propostas por esse campo do saber culminaram na criação de um duplo sistema coercitivo baseados na virilidade: para os homens a obrigação da ereção (prova máxima da potência masculina) e satisfação de suas parceiras, para as mulheres a obrigação do orgasmo sob a pena de serem rotuladas como frígidas. A sexologia também sugeriu uma série de padrões normais de tamanho do pênis e duração das relações sexuais através da produção em âmbito internacional. (CAROL, 2013).

Com base na análise dos diferentes paradigmas que orientaram a produção do conhecimento médico no decorrer da história, pode-se concluir que de certa forma eles estão subordinados ao paradigma da dominação masculina. Esta subordinação responde a uma característica comum nas diferentes áreas da medicina apresentadas nas páginas acima. anatomia, endocrinologia, genética e sexologia em certa medida dissimulam o fato de que a sexualidade é uma construção social e atribuem o peso desta determinação a categorias inatas. Com esse movimento os saberes médicos no decorrer da história legitimaram a diferenciação sexual fazendo com que características socialmente construídas viessem à tona naturalizadas na biologia humana.

A forma como o sexo/gênero foi abordado historicamente pela medicina não esgota todas as possibilidades de abordagem que a disciplina pode dar ao assunto. Em pesquisas

recentes feitas no Brasil, podemos observar uma espécie de contraponto ao viés tradicionalmente adotado pela medicina considerando a masculinidade sob uma outra perspectiva. O brevíssimo levantamento bibliográfico feito aqui apontou outro viés em relação às questões referentes ao gênero masculino.

A interface entre as áreas da saúde coletiva e a sociologia é apresentada em determinados artigos como um divisor de águas no desenvolvimento das pesquisas e aplicação do tratamento médico. A origem desta interdisciplinaridade surgiu nos anos 70, segundo o professor da USP da área das Ciências da Saúde, Nelly Candeias. No seu artigo “Sociologia e Medicina”, publicado na “Revista da Saúde Pública”, em 1971, o acadêmico discorre sobre esta fusão. Na época, já se considerava que certos padrões de doença procediam, intimamente, das circunstâncias sociais existentes e que os mecanismos de prevenção e cura prendiam-se também a fatores de natureza sociocultural. É desta forma que em países como os Estados Unidos e Grã-Bretanha a Sociologia passou a fazer parte do currículo médico de forma cada vez mais relevante. (CANDEIAS, 1971).

Muitos temas surgiram desta apropriação como distribuição e etiologia da doença, respostas socioculturais à doença, aspectos socioculturais da assistência médica, mortalidade e epidemiologia social. Candeias assinalou ainda a existência de uma demanda por inserção da sociologia no campo da medicina também no Brasil, uma vez que tinha obtido êxitos em outros países. O diálogo entre sociologia e medicina avançou e colocou o gênero como questão fundamental na pauta das práticas médicas. O trabalho da equipe de pesquisadores do departamento de medicina da USP (SCHRAIBER et alli, 2005, p.7). intitulado “Homens na Pauta da Saúde Coletiva” discorre sobre o assunto. Os autores apresentam um panorama explicitando como o gênero masculino foi apropriado pelo campo da saúde, influenciado pelo discurso sociológico. Essa assimilação permitiu não apenas inserir as masculinidades como questão de saúde na concepção teórica do campo, mas também renovar empiricamente as formas de tratamento, de homens e mulheres, nesse campo de saber (SCHRAIBER et alli, 2005, p. 19).

A pesquisa apresenta a inserção gradativa do gênero no tratamento médico ao longo do tempo. Confirmando a década de 70 como marco desta interdisciplinaridade, os autores apontam como marca deste período a crítica à abordagem biomédica (tradicionalmente responsável pela biologização do gênero) pelos movimentos feministas (SCHRAIBER et alli, 2005, p. 10). As singularidades que separam os gêneros começaram a aparecer como questão

relevante na área da Saúde Pública e posteriormente se chegaria a um consenso na comunidade médica segundo o qual a masculinidade seria estabelecida como fator de risco entre homens.

Nos anos 80 e 90, os autores afirmam que a masculinidade já aparece como elemento de suma importância na definição de uma categoria analítica para os campos da Epidemiologia e Sociologia da saúde (Idem). Principalmente nos anos 90, com a consolidação das categorias tradicionalmente advindas da sociologia e antropologia como gênero, classe, raça, geração e religião incorporadas ao discurso médico, tais marcadores sociais seriam definitivamente consagrados em investigações dos processos de saúde e doença, apesar da variedade de referenciais teóricos disponíveis nesse campo.

Nesse quadro de categorias sociológicas aplicadas na área de medicina é introduzido o conceito de masculinidade hegemônica (CONNELL, 1997) impulsionando uma extensa gama de pesquisas mundo afora (Estados Unidos, Europa e América Latina). Uma marca dessas abordagens é conceber a masculinidade hegemônica como fator determinante para comportamentos danosos à saúde e que incorrem em riscos eminentes de adoecimento. Quanto a este aspecto do comportamento masculino foram desenvolvidas diversas pesquisas (KORIN, 2001; LAURENTI, 1998; HARDY & JIMÉNEZ, 2000; HELMAN, 1987). Estas pesquisas apontam para a masculinidade como fator preponderante na negligência em relação aos cuidados com a saúde. Nos parágrafos adiante, estudos mais recentes apresentam quais áreas da saúde do homem são especialmente afetadas por esta falta de cuidados.

O tema da masculinidade hegemônica como fator ausência nos cuidados com a saúde, passou a ser decomposto basicamente nos seguintes sub-temas: reprodução, tratamento médico e violência, como descrevem:

“paternidade, o exercício interativo da sexualidade, a violência interpessoal no âmbito da vida privada, a hiper-masculinidade na violência entre homens, o cuidado de si e o cuidar em saúde para os homens. Estas contribuições permitirão não apenas inserir as masculinidades como questão de saúde, mas renovar as formas de tratamento de homens e mulheres no campo da saúde. (SCHRAIBER et alli, 2005, p.7).

Na discussão nacional acerca do tema da masculinidade no campo da saúde, três trabalhos ilustram esse quadro, dando ideia do que se tem pesquisado. Edinilza Sousa Ramos, pesquisadora do Departamento de Epidemiologia e Métodos Quantitativos em Saúde da Fiocruz, no artigo *“Masculinidade e Violência no Brasil: contribuições para a reflexão no*

*campo da saúde*”, baseia-se na análise de estatísticas que apresentam os homens como o gênero mais afetado pela violência no país, pois, os dados do “Sistema de Informação Sobre Mortalidade e do Sistema de Autorização para Internação hospitalar referentes a causas externas de 1991 a 2000” (RAMOS, 2005, P.59), levantados pelo IBGE, destacam que os homens são:

“As maiores vítimas da violência. A taxa média de mortalidade masculina por essas causas na década foi de 119,6/100.000, habitantes, sendo 5 vezes maior que a taxa média observada para as mulheres (24/1000.000) habitantes. Dos 15 aos 19 anos, os homens morrem 6.3 vezes mais do que as mulheres; dos 20 aos 24 anos suas taxas são 10.1 vezes maior do que as mulheres. Nos homicídios esse risco é de quase 12 óbitos masculinos em relação a cada morte feminina”.(RAMOS, 2005, p.59.)

Para Ramos, o modelo de masculinidade hegemônica seria a principal causa deste quadro, uma vez que, os homens na tentativa de enquadrar-se neste modelo indenitário acabam adotando comportamentos viris, agressivos e violentos que põem sua vida em risco. A principal motivação, ou a recompensa para esse ethos machista seria a obtenção do respeito através dos conflitos envolvendo agressões físicas e outras formas de violência que levam frequentemente a população masculina ao óbito, diminuindo assim sua expectativa de vida. (RAMOS, 2005).

A análise feita por Ramos é de certa forma corroborada por dados publicados nas últimas edições do “Mapa da violência no Brasil”. Os números apontam quase que uma exclusividade do sexo masculino nos homicídios por arma de fogo (principal meio de perpetração deste tipo de crimes no país). Para se ter noção da disparidade no número de óbitos masculinos e femininos, só no ano de 2014 foram registrados 39.895 homicídios de homens desta natureza contra 2.362 homicídios de mulheres. O último mapa da violência publicado em 2016 apresenta a masculinidade como variável de maior peso no perfil das vítimas dos homicídios no Brasil, seguidos por idade, raça e classe. As mortes de homens por arma de fogo somam 94,4% da população vítima de homicídios na média nacional.

Saindo do tema da violência, o artigo “*Saúde e Masculinidade: reflexões de uma perspectiva de gênero*”, da cientista social Rosely Gomes Costa, dirige o foco da análise sobre outra preocupação presente na área da saúde pública em relação a masculinidade: “os cuidados com a saúde e a procura por médicos estão perpassadas por atribuições de gênero” (COSTA, 2003, p.79). A pesquisa foi fundamentada no estudo empírico com um grupo de homens que procuravam tratamento para esterilidade ou informações e métodos de

planejamento familiar em um ambulatório de reprodução humana numa determinada universidade paulista. No trabalho de Costa, a masculinidade hegemônica é arrolada como causadora de um menor cuidado com a saúde e da reduzida busca por tratamentos médicos, uma vez que, esta procura é entendida como um sinal de fraqueza.

Por ultimo, o trabalho “*Masculinidade hegemônica, vulnerabilidade e prevenção ao HIV/AIDS*” (GOMES; NACIMENTO, 2012), apresenta as relações da masculinidade hegemônica com a epidemiologia. Aqui o fator de vulnerabilidade e a falta de prevenção em relação a AIDS são fortemente atribuídos às consequências dos valores relacionados à masculinidade. Nesse estudo, os autores analisam discursos de homens jovens pertencentes às classes trabalhadoras e economicamente desfavorecidas, em relação ao comportamento sexual de risco.

Nas paginas acima vimos que pesquisas recentes realizadas no Brasil sobre o gênero masculino, no campo da saúde pública, estão organizadas sob três características diretamente influenciadas pelo modelo de masculinidade hegemônica, sendo elas: (1) negligência na procura de tratamento médico, (2) diminuição da expectativa de vida como consequência das condutas viris e (3) exposição a doenças sexualmente transmissíveis. Comecei a pensar como estas formas de agir em relação à saúde e próprias da masculinidade hegemônica poderiam se relacionar com o meu objeto de estudos, tentando entender no geral, como tais problemas eram tratados no dia a dia destes jovens.

A procura do tratamento médico de fato, não me parece ser uma preocupação relevante para o grupo. Arriscaria dizer que apenas dois dos membros deste grupo que possui 15 tenham plano de saúde, porém, esta questão não é tema de maiores preocupações (isso tomando como parâmetro a frequência com que falavam sobre este assunto). Seus eventuais contatos com o ambiente médico ou são para levar parentes ou quando apresentam algum problema de saúde sintomático que os impeçam de trabalhar, indo a hospitais ou UPA's<sup>10</sup> locais.

Os temas da AIDS e DST's podem ser observados no grupo, nas discussões sobre o uso da camisinha que surgem geralmente quando alguém relata alguma de suas experiências sexuais. Nestas situações uma pergunta é frequentemente feita pelos interlocutores: “E ai? foi

---

<sup>10</sup> Unidades de Pronto Atendimento. Unidades publicas de saúde que disponibilizam atendimento 24h.

na pele?<sup>11</sup>”. Quando a resposta é sim, a desaprovação em tom de deboche surge em seguida: “Que isso cara? Tu é maluco (risos)?” Eventualmente, os mesmos que desaprovam o sexo sem preservativo criticando aquele que não usou camisinha em determinada situação, muitas das vezes, acabavam reproduzindo o mesmo comportamento. Existe sim uma preocupação com o uso do preservativo, porém ela não parece ser levada tão a sério por estes jovens.

Quando esporadicamente ocorria algum caso de doença venérea no grupo, o assunto era tratado abertamente e com muita descontração, todos riam da situação fazendo piadas sobre aquele que tinha contraído determinada doença. Desde as DST's mais socialmente aceitáveis até a AIDS eram motivo de brincadeiras, contudo, quando esta última estava em pauta gerava maior desconforto e logo os jovens procuravam mudar de assunto ou atribuí-la a uma realidade distante onde o contágio pela doença depende de situações e fatores específicos aos quais estes eles não se enquadravam, assim como a homossexualidade. Pode-se dizer que a reflexão com relação a AIDS e DST's no grupo, pairava entre reconhecer o uso da camisinha como sinônimo de tranquilidade e na sua ausência recorrer a piadas e ao clima de descontração como alternativa para evitar preocupações com a saúde.

Por último, no que diz respeito à questão da postura viril que coloca o homem em situações de risco, nota-se que é também parte integrante desta realidade particular. Existe certo consenso no grupo que diz respeito a ciência de que ao ir para as noitadas eles acabam se expondo a situações de risco. Este risco pode ser expresso, por exemplo, em contratempos sucedidos no âmbito conquista. Flertar, azarar<sup>12</sup> ou qualquer tipo de provocação a uma mulher acompanhada nestes ambientes pode lhes render conflitos violentos como consequência.

Quando estes jovens estão no intuito de conquistar mulheres nos espaços de entretenimento noturno a forma mais comum é se aproximando e abordando-as a fim de manter um diálogo. Acontece que, se o alvo do flerte estiver em outra companhia, mesmo sem que o autor da cantada perceba, aquele que faz papel de conquistador pode estar em maus lençóis, exposto à reação violenta de um namorado, ficante e até mesmo um amigo aviltado por seu gesto e se sentindo na obrigação de responder com agressividade para restituir sua honra abalada pela abordagem de um terceiro a sua companheira. Não é muito frequente no grupo a ocorrência de brigas nestas situações e é uma preocupação entre estes jovens não

---

<sup>11</sup> Expressão que se refere ao contato sexual direto sem o uso de preservativo.

<sup>12</sup> Abordar com intenção de ficar.

abordar mulheres acompanhadas para evitar possíveis confusões, porém o nível alcoólico em que se encontram, eventualmente pode favorecer a quebra deste preceito.

Outro motivo para evitar confusões, reconhecido por todos no grupo, é que as noitadas na zona oeste são opções de entretenimento de muitos policiais militares da região, todos os integrantes aprendem desde muito cedo que *arrumar confusão* com um policial na noitada é algo que deve ser terminantemente evitado, muito em função do medo que esta figura inspira e do risco de morte ao enfrentar um homem armado.

Os trabalhos no campo da saúde mostrados neste capítulo apontam para o viés adotado para compreender como são abordadas as questões referentes à identidade masculina nesta área do conhecimento. Vimos que desde que a medicina começou a incorporar questões vindas da sociologia, em busca de aprimoramento no tratamento médico, a masculinidade foi entendida como fator de diminuição na expectativa de vida dos homens. Esta seria uma concepção não muito difundida nas ciências sociais, visto que a tradicionalmente a abordagem sobre o gênero masculino esta centrada, nesta área, no machismo como forma de opressão das mulheres.

Talvez seja interessante se inspirar na área da saúde e incorporar sua concepção em relação às masculinidades, cada vez mais, nas abordagens sociológicas e antropológicas difundindo a masculinidade hegemônica como agente causador da diminuição da expectativa de vida. Quem sabe esta incorporação não seja frutífera na problematização e desconstrução das praticas machistas, diretamente relacionadas a violência e a negligência em relação a saúde que cotidianamente põem em risco não só a vida das mulheres, mas também a dos próprios homens.

### **3.2. Especificidades nacionais na abordagem da identidade masculina**

Um dos aspectos da discussão expressa no capítulo dois, que merece destaque, diz respeito ao viés utilizado para compreender o modelo hegemônico de masculinidade próprio do nosso país. Sócrates Nolasco baseou parte de suas análises acerca da identidade masculina no Brasil priorizando determinadas características históricas tipicamente nacionais.

Pode-se dizer que este tipo de enfoque tem sido raro, visto que grande parte das pesquisas acadêmicas no campo do gênero, desenvolvidas no Brasil, abordam a constituição da identidade masculina quase que exclusivamente a partir de categorias analíticas formuladas

por teóricos estrangeiros baseadas em realidades distintas das do nosso país. Mesmo quando os objetos de estudo são observados levando em conta a interação de determinados grupos localmente marcados por particularidades regionais enraizadas na cultura brasileira, pouco se utiliza nas pesquisas categorias de análise referentes a um modelo de masculinidade nacional.

Com isso não quero dizer de forma alguma que devemos abandonar os conceitos cunhados por Foucault, Bourdieu, Beauvoir, Fraizer, para compreender as relações entre as múltiplas possibilidades de viver a sexualidade. Talvez este e muitos outros trabalhos sobre gênero não existissem sem a contribuição desses autores, porém, parece necessário atentar para o fato de que tais teóricos, mesmo lançando mão do conhecimento já existente em diversas partes do mundo, criaram conceitos imersos em experiências particulares, a partir de relações vividas em seus contextos sociais. Por mais generalizável que sejam as categorias de pensamento criadas por eles, elas ainda são produto de um contexto geográfico, histórico e cultural particular.

Apesar de utilizar conceitos que considero chave e que advém da literatura internacional sobre identidade e gênero, ao produzir esta dissertação, me dei conta de uma espécie de lacuna ao procurar por estudos de gênero que tratassem de um modelo de masculinidade próprio do Brasil. A carência de abordagens teóricas voltadas para a investigação das raízes do modelo hegemônico tradicional que se desenvolveu ao longo do tempo no contexto nacional se mostrou uma relevante questão.

O Psicólogo Sócrates Nolasco chama a atenção para este ponto em seu trabalho, trazendo dados sobre o que chama de defasagem na reflexão acadêmica que ocorre aqui a respeito do tema, principalmente, em relação a outros países, como por exemplo, Argentina e Porto Rico. Desde o início dos anos 80, esses dois países produziam inúmeros seminários, pesquisas e trabalhos para discutir a produção de subjetividade masculina. O autor aponta o Brasil como o país latino menos ativo, além de ser aquele que menos reage à problemática da identidade masculina (NOLASCO, 1993,). Aqui os primeiros trabalhos referentes à temática só surgiram pelo menos 10 anos depois dos países vizinhos.

O autor também faz um paralelo com tais países apontando as similaridades do modelo masculino construído no Brasil com o vigente no restante da América Latina e argumenta que assim como acontecia no coronelismo brasileiro, Porto Rico era também um território onde os coronéis marcaram na história um modelo de autoridade calcado na

virilidade e no poder carismático de envolver e seduzir, na busca de adesões com fins políticos e econômicos (NOLASCO, 1993). Nolasco identifica que em terras tupiniquins as bases da edificação da identidade masculina são fincadas em:

“Raízes criadas por fatos sociais que contribuíram para a construção de uma identidade dos machos, e concomitantemente viabilizaram um estado autoritário, segregador e clientelista, gerado primeiramente pelo coronelismo e posteriormente pelo tenentismo. Esta identidade, para nós, remonta o império, em que o modelo masculino utilizado para padrão era o colonizador. Já existente nele um traço de dominação e, por conseguinte, de relações sociais assimétricas, definidas pela organização das relações de poder” (NOLASCO, 1993, p.93).

O psicólogo discorre sobre preocupações com determinadas especificidades do modelo masculino brasileiro e quais seriam as origens dessa matriz. Ainda que isso não seja predominante em sua obra, Nolasco faz algumas referências, a fim de interpretar a masculinidade no âmbito nacional, a autores tipicamente brasileiros que foram reconhecidos por retratar as relações sociais no nosso país como: Manuel Bandeira, Sergio Buarque de Holanda e Nelson Rodrigues.

Os brasileiros, segundo o autor, incorporaram às suas identidades traços oriundos de três formas de administração de Estado ou de exercício do poder diferentes, datadas de períodos históricos também distintos, mas que compartilharam valores bem semelhantes: colonialismo, coronelismo e tenentismo, todos orientados pela “a acumulação de bens e prestígio social” (NOLASCO, 1993, p. 93). O modelo hegemônico do homem brasileiro seria então permeado “historicamente por um desejo de reconhecimento social que vem conduzido por um apelo de ser carismático, ser centro das atenções, ser sedutor e galanteador. Estas características são definidas pelo que os homens imaginam que se espera deles socialmente” (Idem).

A expectativa sobre os homens em nossa sociedade é de que sejam “safos”, “espertos”, “tenham jogo de cintura” e “consigam ser ludibriadores”. Tais características foram incorporadas a partir da organização das trocas comerciais que datam do Império. Nesse sentido, Nolasco afirma que “os sistemas de valores embutidos nas trocas comerciais são os mesmos utilizados pelos homens para realizarem suas trocas afetivas” (NOLASCO, 1993, p.94).

O conhecimento do contexto histórico que fundamentou as bases do modelo de masculinidade hegemônica heteronormativa no Brasil foi importante para a compreensão de certas nuances inerentes às concepções de valores do grupo pesquisado nesta dissertação. Relacionando aspectos das raízes do modelo brasileiro de produção da masculinidade com a narrativa destes jovens, constatei características históricas que seguem, em certa medida, vivas no pensamento contemporâneo dos homens. O modelo de masculinidade identificado na história do Brasil talvez possa ser visto como herança na construção de outro modelo identitário produzido em contextos particulares chamados pelo antropólogo Rolf de Souza de “masculinidade hegemônica local” (SOUZA, 2010, p.27).

Souza argumenta que o conceito de masculinidade hegemônica acaba definindo a masculinidade em uma categoria genérica (baseada na heterossexualidade das classes dominantes) que não dá conta das especificidades locais existentes nas diversas formas de interações masculinas. Este conceito indica que as características da masculinidade mudam de acordo com as particularidades dos diferentes grupos sociais. Segundo o autor para compreender as múltiplas possibilidades de masculinidade longe de estereótipos é necessário analisá-las em seu contexto interacional local (SOUZA, 2010). A noção de masculinidade hegemônica local foi uma ferramenta teórica providencial para compreender a dinâmica do grupo de jovens da Zona Oeste carioca que constituiu a empiria dessa dissertação. Contudo, foram necessários alguns ajustes antes da sua incorporação ao estudo.

O Antropólogo considera que nem todas as masculinidades são provenientes do modelo hegemônico “clássico” (heterossexual e branco), ou seja, o mesmo modelo que foi posto em evidência por Connel, e afirma que o modelo hegemônico “Pode ser subvertido ou mesmo desprezado quando verificamos as varias masculinidades que pululam nos vários setores de uma sociedade complexa como a brasileira, por exemplo”(SOUZA, 2010,p.14).

Discordando parcialmente das considerações de Souza acerca modelo hegemônico, não creio que ele possa “ser subvertido” ou mesmo “desprezado” pelas particularidades de um contexto local. Mesmo considerando que existam várias possibilidades de experimentar a masculinidade, acredito que até mesmo as que, paradoxalmente, são afetadas negativamente pelo modelo de masculinidade hegemônica mais clássico, como as masculinidades gays e negras, compartilham de certa forma, características em comum com ele. Estas características gerais da masculinidade aparecem também expressas na literatura sobre as relações de gênero sob a forma das necessidades básicas que caracterizam o núcleo do papel masculino nas

sociedades contemporâneas como: *ser diferente das mulheres, independência e a autoconfiança* (OLIVEIRA, 1998).

De outro lado, ainda é possível a apropriação do conceito de masculinidade hegemônica local de Souza, porque concordo que a generalização irrestrita de um modelo de masculinidade independentemente do contexto local pode acarretar perdas no entendimento das singularidades presentes na análise. Assim como o autor, creio que para “conhecer esta masculinidade tão desejada devemos observar suas performances e saber quais os valores importantes para o grupo observado, caso contrário podemos cair em armadilhas e produzir estereótipos” (SOUZA, 2010,p.15). A divergência está no fato de que o autor acaba deixando de considerar que mesmo contendo características locais, a produção de masculinidades nos mais variados contextos não deixa de dialogar com o modelo hegemônico mais tradicional.

Mas o que seriam estes aspectos locais, em relação à construção de masculinidades, que mudam de acordo com o contexto analisado? Quais os valores e códigos poderiam ser centrais em uma dada realidade e periféricos em outra? Algumas pesquisas podem servir como exemplo para elucidar tais questões, como por exemplo, a etnografia sobre corridas ilegais de carro e moto, os “rachas” (JEOLÁS, 2013), realizadas em Londrina (PR). O trabalho mostra a relação com a velocidade como elemento fundamental na produção de identidades masculinas entre jovens. Neste contexto, pode-se dizer que o modelo de masculinidade hegemônica tido como parâmetro para as condutas dos jovens em questão se organiza em torno da experiência com a velocidade, encarando-a como uma prova/desafio onde eles testam suas próprias possibilidades individuais e afrontam uns aos outros buscando reconhecimento e destaque, ritualizando assim, a construção de das identidades masculinas (Idem).

Outro exemplo da contextualização que cerca a construção das masculinidades está no trabalho etnográfico do já citado Rolf de Souza: “O lazer agnóstico: Como se aprende o que significa ser homem num bar de um bairro suburbano.” Nele o antropólogo analisa sociabilidade de homens cariocas com faixa etária entre 50 e 70 anos, em um bar do bairro do Irajá. Nesse contexto, os valores que fomentam a dinâmica da construção de identidades masculinas são diversos tanto no caso apresentado aqui quanto no exposto acima. Entre os homens maduros do Irajá, categorias como honra, consideração e respeito dão o tom dos códigos constitutivos do padrão hegemônico a ser seguido pelos integrantes do grupo. Aqui

“o respeito e a consideração são valores importantes para estes homens conseguirem o prestígio conferido pela masculinidade hegemônica local” (SOUZA, 2010, p.85).

Em relação a questão dos elementos constitutivos da masculinidade hegemônica local dos jovens pesquisados por mim, percebi que suas narrativas, em especial, me guiariam para encontrá-los. Não exclusivamente nas entrevistas, mas numa leitura destas à luz da observação dos momentos digamos mais informais do cotidiano com eles, quando mostravam uma espécie de comprometimento distraído com certas exigências em relação à conduta masculina. Notei que os discursos acerca de suas masculinidades ficavam mais em evidência quando abordavam as experiências vividas nas noitadas. Observei também nessas falas que as características referidas às matrizes históricas da construção de masculinidades no Brasil descritas por Nolasco, se faziam presentes em tais momentos, expressando os mesmos imperativos como: “ser sedutor”, “ser o centro”, “ser galanteador”, “ter jogo de cintura”, “ser carismático”, “desejo de reconhecimento social” e etc.

Pude perceber que o modelo de masculinidade hegemônica local atualiza o modelo masculino tradicional nas práticas cotidianas e isso pode ser notado se atentarmos para os valores que norteiam as condutas do grupo em questão. Aspectos característicos da masculinidade historicamente construída no nosso país ficam visíveis quando observamos as práticas e discursos destes jovens atualmente. A malandragem como categoria própria da identidade masculina Brasileira também seria um deles. Ela é compreendida como traço inerente à identidade cultural das camadas populares na literatura sobre o tema (CANDIDO, 1970; SCHWARZ, 1987; OTSUKA, 2007; BUENO, 2008), sempre associada a: “vida boêmia, espírito aventureiro, travesso, malcriado, vadio-tipo, desenvolto, refinado velhaco, com gosto pelas mulheres, ao humor, malícia, e aos pequenos trambiques” (BUENO, p.65, 2008). O malandro seria então um aquele sujeito que possui habilidade, flexibilidade e adaptabilidade para desenvolver suas relações sociais (Freitas, 1997) buscando retirar delas principalmente o favorecimento pessoal.

As performances e os discursos que constroem a masculinidade aqui são orientados em parte pelo domínio dos códigos da malandragem. Se estes rapazes quiserem se sobressair nas noitadas é necessário demonstrar intimidade com o jogo de cintura próprio da malandragem. A representação deste domínio no grupo pode ser identificada por uma gíria muito utilizada nos subúrbios cariocas, chamada de: “desenrolo”. O desenrolo é sinônimo de “*levar na conversa*” se refere a uma abordagem discursiva orientada para obter vantagens nas

mais variadas situações sejam elas de perigo ou no âmbito da sedução. No caso das performances masculinas dos jovens da zona oeste carioca nas noitadas o desenrolar pode ser entendido como sinônimo de “*xaveco/azaração*”, marcado pelo intuito de conquistar parceiras sexuais.

O depoimento de J, um membro do grupo, pode servir como representativo dessa atualização dos valores do modelo de masculinidade hegemônica que atravessa a história e ainda hoje faz parte das práticas locais contemporâneas:

*“Muitas das vezes aconteceu isso comigo: Uma mulher vem e fala: ‘Pô, minha amiga te adorou, te achou lindo, não sei o que’. Ai eu falo: ‘Então, chama ela pra cá’. ‘Você está com quantas amigas aí?’. Ela: ‘Ah tô com quatro!’. Eu: ‘Então, chama as quatro’. Ai eu desenrolava com elas, dava bebida, pegava uma, as vezes eu até pegava duas ali mesmo. Então, com isso, eu me sentia o cara, pegava as duas amigas, depois ia pro hotel com uma” (J, 27 anos).*

J reitera aqui o protagonismo no jogo da sedução, a satisfação pessoal conferida pelo sucesso com as mulheres e a busca pelo reconhecimento social, que gira em torno da conduta sexual, servindo como principal parâmetro para afirmar sua masculinidade perante o restante do grupo.

Comecei então a atentar para o fato de que narrativas como a desse jovem eram recorrentes no grupo. Sua fala pode ser então entendida como base para compreender os critérios responsáveis pela construção do que Michel Foucault chama de “técnicas de si”. Segundo Foucault a formação de qualquer modelo de comportamento em uma dada sociedade só é possível através de práticas que produzam valores e reiterem as determinações prescritas por esse mesmo modelo através de um conjunto de:

*“Práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer da sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo” (FOUCAULT 2012 p.18).*

Estas “práticas refletidas e voluntárias” se estruturam no grupo através da conduta sexual performatizada nas noitadas e dos discursos performativos em torno dela, construindo assim um modelo de ação pelos e para os mesmos. É só começarem a contar sobre suas experiências vividas nas noitadas que as narrativas rapidamente tendiam para a exaltação das próprias condutas sexuais:

*“A gente quase sempre pega mulher na noite, até porque tu já criou aqueles contextinho<sup>13</sup>, aquela mulher que tu já ficou e que tá sempre lá. Não tem um domingo que eu não sai e não dou um beijo em uma. As vezes assim eu não transo, entendeu? Mas a maioria das vezes eu transo, Pego mulher “pra caralho” mesmo. As vezes quando eu to muito doidão eu pego três, quatro entendeu?” (J.)*

Em situações como a descrita por J termos como “pegar”, “transar”, “se dar bem” e derivações destes, são utilizados geralmente para representar formas de êxito nas noitadas. O sexo casual fruto de uma conquista dentro destes espaços é reconhecido como ato de grande prestígio frente ao restante do grupo, talvez por este motivo, seja constantemente lembrado, em diferentes narrativas sobre as experiências nas noitadas, arrolado como prova de bom desempenho. Ao afirmar que são capazes de “se dar bem” na noite (através dos discursos sobre seus respectivos desempenhos) acabam por produzir argumentos para a reivindicação de posições próximas ao modelo hegemônico local.

Na busca da legitimação outorgada pelo sexo casual é necessário constantemente praticá-lo com uma mulher com a qual não tenham se relacionado anteriormente. Entendi que o sexo casual tem mais valor quanto maior é o numero de conquistas inéditas. A expressão “*Transar com uma mulher repetida*”, como costumam dizer, muitas vezes é usada pra desqualificar algum integrante do grupo pela incapacidade de realizar novas conquistas.

*“Eu acho que o que está na disputa pra rapaziada é a quantidade né, cara. É tu ser o melhor da parada! E pra você ser o melhor é a quantidade que importa. Na hora da discussão, confrontando com o outro é assim: ‘Eu sou melhor do que você porque eu como mais mulher que você’. Se você só está comendo a mesma mulher é como se você não estivesse comendo ninguém. Tipo você tá com uma mulher só e o cara tá na pista pegando varias! Entendeu? É mais ou menos isso.” (M.M, 31 anos).*

O depoimento de M.M aponta também a quantidade como parâmetro utilizado para se afirmar enquanto homem no grupo. Quanto maior o numero de conquistas, maior é a possibilidade de mostrar ser melhor do que o outro e conseqüentemente estar à frente na corrida em relação à aproximação do modelo de “masculinidade hegemônica local”. A valorização da quantidade de conquistas também foi salientada como um traço da identidade masculina por Nolasco ao descrever uma de características genéricas da masculinidade tradicional: “*A quantidade de parceiras com as quais os homens devem manter relações é*

---

<sup>13</sup> Uma mulher com quem se relaciona regularmente.

*desde cedo um apelo para os meninos, um referencial para se reconhecerem como homens” (NOLASCO, p.126, 1993).*

A articulação das experiências de cunho sexual às identidades masculinas é possibilitada pelo discurso performativo, representado amplamente nas narrativas expressas aqui. São reiteradas nestas falas, marcas do discurso performativo descritas por Butler, assim como a produção dos efeitos que ele nomeia. Ao remeterem às situações vivenciadas nas noitadas, os comentários ultrapassam o âmbito meramente descritivo e cada qual apresenta fatos ou álibis que dão peso objetivo ao que acreditam ser suas respectivas capacidades de auto-realização enquanto homens. É assim que reivindicam o status masculino perante seus pares. O ato performativo é aquele que não só descreve, mas faz algo acontecer (SILVA,2008). Na fala de L, outro um dos integrantes do grupo, podemos acompanhar este processo discursivo em curso:

*“Eu me sinto bem quando eu pego mulher os moleques veem. A autoestima aumenta né. Tem que mostrar né! Além do mais, nego não vai acreditar. Tipo: ‘peguei uma mulher maravilhosa’. ‘Mas quem viu?’ ‘Porra, ninguém parceiro!’. Ai infelizmente, crime sem testemunha vai ficar difícil (risos). Tem uma repercussão realmente. Pegou ali na frente de geral, ganhou a noite! Se eu peguei mó gostosa, todo mundo viu a mulher ficando comigo lá, porra! Tu sente até uma leveza espiritual, digamos assim né, fica levinho! Bebe melhor, não fica com ressaca fica tudo melhor, é incrível (risos). (L, 28 anos).*

Ao falar sobre a situação em que seu sucesso é testemunhado, L não narra apenas uma situação, mas também expressa um exemplo de ocasião onde se pode realizar algo muito valorizado pelo grupo e que vai lhe render reconhecimento entre os demais. Quando diz: “peguei uma mulher maravilhosa” (cobiçada pelos seus amigos), na frente de outros que não foram capazes de fazer o mesmo, ele reitera a pretensa superioridade de sua masculinidade, mostrando-se mais capaz que outros homens. Ao fazer isso podemos perceber seu nível de satisfação.

Outro aspecto marcante do discurso destes jovens são as referências àquele que não é capaz de exercer a conduta que está em conformidade com a masculinidade hegemônica local. Aquele “outro” que falha na tentativa de praticar com regularidade a conduta sexual satisfatória que vigora em suas perspectivas. É muito comum nas suas discussões a exaltação das próprias ações e a desqualificação daquele que fracassa:

“O homem ele quer mostrar que é melhor do que o outro, então, quando você fala que comeu 10 e o outro comeu 3, ou não comeu ninguém, você tá na frente dele, então você mostra que é melhor do que ele, você mostra que ele é um merda, ai fica essa disputa saudável.”(M.M)

Em princípio pode parecer controverso, mas é exatamente pela existência deste “outro” (incapaz) que a construção do modelo hegemônico local se torna possível. Este “outro” é chamado por Silva de “exterior constitutivo” (SILVA, 2013). O exterior constitutivo também coloca em evidência um aspecto central, não só das masculinidades como também do complexo processo de construção da identidade como um todo, presente na bibliografia dos estudos culturais: a “marcação da diferença”. “É apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado de qualquer termo— e, assim sua identidade Pode ser construída (SILVA, 2013, p. 110).

Nos depoimentos anteriores a marcação da diferença é bem frequente afirmações contendo a dualidade entre eu/outro, eu/eles aparecem repetidas vezes nas suas conversas. Talvez o motivo para tantas referências ao comportamento de outrem possa ser explicitado em outro trecho do trabalho de Silva quando afirma que:

“As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de exclusão social. A identidade, pois não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença- a simbólica e a social- são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de *sistemas classificatórios*. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos-- nós/ eles, eu/outro” (SILVA ,2013, p.102).

Michel Foucault quando problematizou a conduta sexual na Grécia antiga em *A história da sexualidade I*, analisando assim um dos primeiros capítulos da história geral das *técnicas de si*, discorre sobre o binarismo que orientava o comportamento masculino da época, que de certa forma faz parte das oposições enunciadas por Silva: à divisão entre “ativo” e “passivo”. Estas duas categorias são organizadas no campo da sexualidade pelo que Foucault chama de princípio de isomorfismo entre relações sexuais e sociais:

“Deve-se entender por esse princípio que a relação sexual- sempre pensada a partir do ato modelo da penetração e de uma polaridade que opõe atividade e passividade- é percebida como do mesmo tipo de relação entre superior e inferior, aquele que domina e aquele que é dominado, o que submete e o que é submetido, o que vence e o que é vencido. As práticas de prazer são

refletidas através das mesmas categorias que o campo das rivalidades e hierarquias sociais: analogias na estrutura agonística nas oposições e diferenciações, nos valores atribuídos aos respectivos papéis dos parceiros. E pode –se compreender, a partir daí, que há, no comportamento sexual, um papel que é intrinsecamente honroso e que é valorizado de pleno direito: é o que consiste em ser ativo, em dominar, em penetrar e em exercer, assim, a sua superioridade” (FOUCAULT, 2012, p.269).

O filósofo francês explica que esta divisão moldada a partir do ato da penetração, entre ativo (sujeito de prazer) e passivo (objeto de prazer) norteava as relações nas demais esferas da vida social. Estas duas categorias seriam entendidas na Grécia antiga como categorias a priori, ou seja, inerentes a uma natureza humana inata. Esta divisão estabelece que os homens a exemplo da prática sexual são naturalmente portadores da atividade (relacionada à dominação) e por isso têm a prerrogativa do domínio de funções sociais as quais as mulheres seriam incapazes de exercer pela sua característica biológica da passividade (atribuída a sujeição). “Quando, no jogo das relações de prazer, desempenha-se o papel de dominado, não se poderia ocupar de maneira válida, o lugar do dominante no jogo da atividade cívica e política” (FOUCAULT, 2012, p. 274).

A divisão entre ativo e passivo, base do conceito que justificava a divisão de gênero, ainda hoje continua fomentando desigualdades entre os sexos mesmo em uma realidade histórica e social completamente distinta, ganhando características próprias na atualidade. A relação com a homossexualidade, por exemplo, é uma. Na cultura grega a relação sexual entre homens, em si, não constituía nenhum problema de ordem moral ou política, visto que nesta sociedade as leis e conveniências que diziam respeito à legitimidade das identidades heterossexuais dependiam inteiramente da não aceitação em assumir-se como objeto (passivo) nas relações com outros homens. As relações homossexuais não promoviam por si só nenhum questionamento quanto à coerência da identidade masculina heterossexual, estando o problema apenas em identificar-se com o papel passivo que sujeita o homem a dominação.

Ocorreu então na história o rompimento com a homossexualidade na composição da identidade heterossexual pela regulação e controle das formas como a sexualidade era vivida. Esta mudança na concepção da divisão de gênero foi promovida historicamente por diversas instituições como a família e a igreja. A deslegitimação desta forma de viver a sexualidade gerou ainda mais distinções entre os gêneros, pois homo e heterossexualidade passaram a ser inconciliáveis, porém, a atribuição da passividade à identidade masculina continuou a ser igualmente repudiada na construção da masculinidade heteronormativa. Este verdadeiro culto

ao ativo se manteve presente no modelo de masculinidade tradicional e é constantemente atualizado pelas condutas de hoje.

O comportamento ativo em relação à sexualidade é outro elemento histórico visível no modelo de masculinidade vigente neste grupo de amigos da zona oeste carioca. A postura ativa move o discurso performativo e as performances nas noitadas, pois ambos estão organizados em torno da constante tentativa, investimento e aquisição das conquistas femininas. Ninguém no grupo quer ser identificado com a passividade, pois assim como foi explicitado anteriormente, ela remete a fraqueza, a sujeição, a feminilidade/homossexualidade. O comportamento ativo na conduta sexual é fundamental na disputa que movimenta suas performances em busca do estabelecimento das suas identidades masculinas.

O investimento constante nestas posturas é bem visto neste meio, mesmo que necessariamente não se consiga o objetivo é necessário se mostrar ativo, empenhado em conseguir, isto porque aquele que não vai com frequência aos eventos noturnos ou quando vai não aborda e /ou não desenrola com nenhuma mulher é constantemente desqualificado, este é chamado pelo grupo de “*morto*”.

Existe outro representante da depreciação da passividade nestas narrativas: o termo “*zerar*”. Ele é usado para definir o membro do grupo que foi a noitada e não conseguiu *ficar* nenhuma mulher. O beijo é entendido aqui como o resultado mínimo necessário para a autoafirmação de desempenho satisfatório e é basicamente o que se espera de cada membro do grupo nas idas aos eventos noturnos. Assim como o sexo casual é o ápice da performance masculina e acontecimento de maior destaque na reivindicação da masculinidade. Aquele que não foi capaz de realizar o ato mínimo representante do bom desempenho, aquele que “*zerou*” é constantemente ridicularizado.

A relação das características gerais do modelo hegemônico de masculinidade com comportamentos cotidianos do grupo exposta neste capítulo, me levou à certos questionamentos que tentarei responder no capítulo a seguir. A partir daí comecei então a me questionar sobre como tais características foram incorporadas às suas identidades particulares ao longo do tempo. Dirigi minhas observações para o passado, mais precisamente para o início da formação e convivência deste grupo de jovens considerando também o contexto social em que estão inseridos.

Passei então a me concentrar nos meios pelos quais as exigências e valores historicamente associados ao modelo hegemônico de masculinidade foram incorporados às experiências pessoais destes homens. Seria possível então captar alguns momentos chave para esta incorporação? Quais seriam estes momentos? Busquei resgatar algumas partes da história destas pessoas para trazer a tona acontecimentos do passado que possam apontar possíveis respostas.

### **3.3. Construção do modelo de masculinidade hegemônica no grupo**

Para investigar alguns fatores que influenciaram na produção das identidades de gênero apresentadas nessa dissertação se fez necessário trazer a tona alguns aspectos locais deste estudo de caso. Os jovens da zona oeste carioca, pertencentes ao grupo pesquisado, residem no Conjunto Habitacional Bandeirantes que fica situado no bairro da Taquara<sup>14</sup>. Este complexo predial foi construído nos anos 70 em uma série de loteamentos que surgiram com a modernização da região através da implantação da “Zona industrial de Jacarepaguá<sup>15</sup>”. Durante este processo grandes empresas assim como o laboratório multinacional MERCK se instalaram no bairro e devido a proximidade, o conjunto habitacional também ficou popularmente conhecido como MERCK.

Segundo relatos de moradores mais antigos, a maior parte do primeiro contingente de habitantes que chegou à COHAB<sup>16</sup> durante a década de 70, vindo de favelas de diferentes partes da cidade: Vidigal e Rocinha, na zona sul; e Cajueiro e algumas comunidades do bairro de Osvaldo Cruz, na zona norte. Esses deslocamentos populacionais ocorreram com a chegada das grandes indústrias ao local, acompanhadas pela política de habitação federal, a qual possibilitou a urbanização da região.

---

<sup>14</sup> A Taquara é um bairro situada na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro que começou a ser povoada do século XVIII dentro de uma organização rural com a criação de diversas chácaras. Sua urbanização começou nos anos 70, e em 1993 foi oficialmente separada do território de Jacarepaguá e passou a ser um bairro autônomo. Possui aproximadamente 102 mil moradores espalhados numa área de 13 Km<sup>2</sup> que se dividem nos sub-bairros: Colônia, Distrito Industrial, Rio Grande, Jardim Boiúna, Largo da Taquara, e Pau da Fome.

<sup>15</sup>A transformação do Bairro de Jacarepaguá, mudando completamente a fisionomia agrícola que vinha dos tempos coloniais começou a acontecer a partir da década de 1970, com a formação de grandes indústrias. Surgiram os enormes conjuntos residenciais e loteamentos legais e clandestinos.

<sup>16</sup>Abreviação de Conjunto habitacional ou Companhia habitacional.

Com base nas famílias dos integrantes do grupo em questão podemos ter uma noção do perfil familiar que habitava o local, famílias com quatro ou seis integrantes (na configuração tradicional da época com o pai como o chefe de família, e esposa e dois a três filhos) que migravam para o conjunto atrás de melhores condições de moradia a preços populares. As profissões mais comuns entre os chefes das famílias eram: autônomos, funcionários públicos de serviços básicos como transporte e saúde, operários e pequenos comerciantes.

A COHAB no início dos anos 70 foi inaugurada com cerca de três prédios, habilitados para moradia assim que prontos. Atualmente existem 96 blocos (prédios de cinco andares), cada um com média de 40 apartamentos de 56 metros quadrados, totalizando 3.840 unidades. Os blocos são subdivididos em conjuntos menores com cerca de 3 a 9, em espaços chamados pelos moradores de “lotes” ou “quadras”. De acordo com o Censo realizado no ano 2000 foram apurados cerca de 18.000 moradores residentes. (PROJETO DE LEI Nº 242/2009)

Pensando nos momentos que poderiam ser fundamentais na incorporação dos valores masculinos que são tidos como referência até os dias de hoje, Recorri a lembranças pessoais e alguns relatos de integrantes do grupo, interrogando-os sobre o cotidiano na COAHB e quais seriam as lembranças mais presentes de suas adolescências.

*“Era sempre assim, três gerações né, a nossa galera com 14,15 e 16 anos, a galera que saía direto junto. Tinha os molequinhos mais novos e os adultos também. Todo mundo se reunia na esquina pra poder falar, brincar, cada um com os seus assuntos, todo mundo sempre junto ali.” (L)*

*“Essa época aí, era uma época que a galera era muito unida porque ninguém tinha responsabilidade nenhuma ainda, era todo mundo supertranquilo, a maioria só estudava mesmo e quem trabalhava não tinha família pra sustentar. Então no final de semana a galera tava sempre reunida, todo mundo aqui no condomínio. Quando chegava sexta feira, a gente sempre marcava de passar no mercado, essa época existia gummy<sup>17</sup>. Não tinha esse negocio de ostentação<sup>18</sup>, o gummy, era uma vodkazine, um pacotinho de kisuco<sup>19</sup> no qual com dez reais a gente conseguia fazer dois litros, entendeu? Era o suficiente pra todo mundo ficar doidão e cada um gastava dois reais na época. Todo mundo saía com dez reais e curtia a noite tranquilo, felizão. Nessa época era bem tranquilo.” (J.)*

<sup>17</sup>Bebida feita com destilados e suco de fruta em pó, misturados em uma garrafa pet de dois litros.

<sup>18</sup> Prática de consumo caracterizada pelo exagero e exibicionismo na qual os jovens ostentam grande quantidade bebidas nos eventos de lazer noturno.

<sup>19</sup> Marca de Suco de fruta artificial em pó.

*“Antigamente na esquina rolava uma resenha<sup>20</sup>. A gente trocava ideia sobre mulheres, quem pegava mais, quem pegava a mais feia, quem pegou a mais bonita, quem comia mais mulheres”. (T.P)*

A esquina aparece frequentemente quando se fala no passado, esta reincidência sinaliza a importância do local nas suas experiências coletivas. Situada em uma das duas ruas principais que cortam todo o conjunto, era o lugar onde o grupo passava a maior parte do tempo livre. Pode-se dizer que a esquina é uma área de lazer comum e praticamente o único lugar onde todo o grupo de amigos tinha a oportunidade de se encontrar de uma só vez. Durante horas ficávamos sentados enfileirados na parte alta do meio fio que circunda toda a extensão da ampla praça local, conversando, discutindo, brigando e brincando. Envolvidos pela peculiar combinação de amizade e antagonismo (típica da sociabilidade jovem), chamada por Radcliffe-Brown de *relações jocosas* (JEOLÁS, 2013)

Jeolás ressalta na sua pesquisa com jovens do rio grande do sul que estas relações são dirigidas por uma combinação bem peculiar entre amizade e antagonismo. Em qualquer outro contexto social, fora destes momentos de descontração, o conteúdo das conversas expressaria e geraria hostilidade, porém nestas situações específicas tais atitudes e não são levadas muito a sério. Nestas ocasiões existe a pretensão de hostilidade e uma real amizade, em outras palavras, são relações norteadas por uma espécie de desrespeito consentido.

Momentos de descontração como estes, podem às vezes, escapar a nossa problematização, talvez pela recorrência cotidiana e informalidade chegam a ser até banalizados. Na percepção do filósofo Jofre Dumazedier os momentos de lazer são fundamentais para a formação da personalidade individual e coletiva, sendo meio pelo qual os sujeitos produzem o que ele chama de estilo de vida, ou seja, o modo pessoal pelo qual cada indivíduo coordena sua vida cotidiana. (DUMAZEDIER, 2012)

A procura de um “estilo de vida” é a tentativa de organizar o tempo livre e orientar a reflexão pessoal, tomando como base um lazer predileto (Idem). A construção das subjetividades que aqui figuram sob a edificação das identidades de gênero recebem contribuições importantes nos momentos de lazer vividos na esquina. Talvez porque lá estes jovens estejam longe do crivo das instituições formais como: escola, família e ambientes de trabalho. Os jovens então ficam mais à vontade para se expressar, pois diferentemente de

---

<sup>20</sup> Termo usado para se referir à reunião.

outros destes locais controlados pelas formalidades institucionais, o ambiente da esquina é regulado pela masculinidade hegemônica local com a qual suas identidades pessoais estão mais intimamente ligadas.

Os momentos na esquina são de suma importância para a dinâmica da construção de gênero no grupo, uma vez que as ações dentro das noitadas por si só não são suficientes para reivindicar a superioridade de suas masculinidades. Tais momentos dependem ainda dos discursos que serão produzidos sobre eles para legitimar as construções de gênero neste contexto. É nos encontros na esquina que os jovens articulam as ações realizadas dentro das noitadas aos discursos (performativos) responsáveis pela formação e reforço de suas masculinidades. Para os acontecimentos nos eventos noturnos se transformarem em matéria de auto-afirmação é necessário confirmar a veracidade dos fatos lá ocorridos e compartilhá-los com o restante do grupo e isto era feito principalmente na esquina. Os discursos abaixo nos dão uma noção entre a dinâmica que articula as práticas nestes locais, noitada e esquina:

*“Tudo que acontece na pista é comentado depois perante os amigos, na roda dos amigos entendeu. Então é bom chegar no dia seguinte e o pessoal comentar: ‘fulano de tal, se adiantou com uma mulher bonita, se deu bem. (JC, 29anos.)*

*“Quando a gente tá ali contando as histórias, e todo mundo tá presente, prestando atenção acho que até alimenta o nosso ego.” (C.H, 24 anos)*

*“O que acontece na noite é discussão pra semana toda, aí quando a gente se encontra na esquina é encarnação um no outro. Se você tá saindo direto e tá se dando bem na pista, ninguém tem nada o que falar de você, realmente nego tem que bater palmas pra tu”. (M.M)*

A necessidade de objetivar essas condutas é fundamental para atingir reconhecimento no grupo e quanto maior o número de pessoas tomar conhecimento do desempenho realizado nas noitadas mais o discurso ganha força. Aqueles que compartilham discursivamente suas experiências na esquina sobre as noitadas acabam influenciando os ouvintes, a reproduzirem comportamentos parecidos a fim de obter o mesmo reconhecimento acerca da identificação com o modelo masculino local valorizado.

Como já foi abordado anteriormente, a esquina como um exemplo de casa dos homens é um lugar de socialização masculina onde se edificam identidades baseadas em um modelo de masculinidade precedente. Segundo Welzer -Lang o início do pertencimento a estes ambientes ocorre quando as crianças do sexo masculino passam a se desvencilhar da mãe, deixando de certo modo o mundo feminino e começam a se reagrupar com outros

meninos de sua idade. Os meninos então, baseados no legado das gerações anteriores, transmitem os mesmos modelos de conduta sexual daqueles que aprenderam nestes locais.

O modelo de conduta sexual masculina heteronormativa segue um princípio básico, nos espaços compreendidos como casas dos homens: a distinção das mulheres. Na socialização masculina, para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher. O feminino é visto então como o polo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido (WELZER-LANG, 2001), a dinâmica da sociabilidade masculina segundo o autor passa então pelo prazer de estar entre homens (ou homens em formação) e se distinguir das mulheres, prazer de poder legitimamente fazer “como os outros homens”. Cada qual vai individualmente e coletivamente fazer sua iniciação. Através dessa iniciação se aprende a sexualidade onde a mensagem dominante diz: “ser homem é ser diferente do outro, diferente de uma mulher” (WELZER-LANG, 2001, p.462).

O ambiente da esquina é também regido pela distinção em relação ao feminino. Uma face desta diferenciação pode ser vista na afirmação das identidades masculinas através do discurso performativo. A necessidade de enunciação constante dos desempenhos sexuais acaba por distanciá-los do feminino e mantém a estabilidade de suas identidades heterossexuais, este movimento é interpretado por Judith Butler como parte do processo de “incorporação melancólica”. A filósofa diz que a busca incessante pelo reconhecimento da identidade masculina faz parte deste processo e é seminal para a ocorrência da heterossexualidade como modelo estável de identificação. Butler afirma que tanto o gênero masculino quanto o feminino foram estabelecidos:

“Através de proibições que impõem a perda de determinadas formas de viver a sexualidade e que reprimem o luto por essa perda. O objeto perdido no campo da identidade de gênero é a homossexualidade, mas essa perda permanece latente e internalizada. É uma *perda constitutiva* da identidade de gênero, da qual depende a coerência e estabilidade das identidades heterossexuais” (BUTTLER, 1997, p. 35).

A heterossexualidade aparece então como uma condição que deve ser constantemente perseguida uma vez que não é um dado ou determinação natural (biológica), mas sim uma realização que para ser alcançada, dependendo repúdio à homossexualidade. É preciso que a homossexualidade seja concebida como algo abjeto, como algo socialmente ininteligível. A regulação da identidade de gênero exige que a perda da homossexualidade

seja sufocada e seu luto proibido. É essa perda que permite a constituição das identidades de gênero livres de questionamentos e ambiguidades (BUTLER, 1997).

A homossexualidade é uma ameaça que deve ser combatida constantemente para promover a manutenção da heteronormatividade. No grupo analisado neste trabalho o distanciamento da homossexualidade é feito mais no investimento da conduta ativa pra provar sua heterossexualidade, demonstrando sempre que possível o desejo pelo feminino, do que em um repúdio explícito a homossexualidade. O discurso dos jovens repletos de afirmações, provas e disputas organizadas em torno de um ideal de masculinidade, norteados pela exacerbação do apetite sexual para com as mulheres tem o objetivo de afastar qualquer questionamento que os feminize. O pavor de ser associado ao feminino, segundo Butler, é de um receio anterior: o da perda da identidade de gênero, pois essa associação ao feminino faria com que os homens não fossem mais reconhecíveis como homens, sem tampouco se transformarem em mulheres. À sua identidade restaria a instabilidade cuja figura do monstro é a tradução mais bem acabada. O processo de constituição da identidade masculina implica também em:

“Repudiar a feminilidade, pois esta é a prova de sua heterossexualidade. O desejo pelo feminino, diz Butler, é também marcado pelo repudio a feminilidade. Ser um homem é desejar *ter* uma mulher, mas não *ser* uma mulher. Mas a feminilidade repudiada e perdida é também preservada pela melancolia de uma identificação repudiada (Butler,1997, p. 137).

Outra face visível desse repúdio ao feminino, como parte integrante da masculinidade neste grupo, pode estar na ausência de mulheres na sua composição. Esta é uma característica que perpassa diferentes momentos da sociabilidade jovem aqui analisada, já presente desde a adolescência e observável até os dias de hoje. Em nenhum dos relatos que integram esta pesquisa existem referências à participação feminina no grupo de amigos. Acredito que essa ausência tenha contribuído para o reforço do ideal heteronormativo que orienta os comportamentos destes jovens, pois talvez uma maior convivência com o sexo feminino pudesse ter amenizado a perspectiva que eles possuem em relação as mulheres e que é enveredada principalmente pelo viés do desejo.

Além da ausência feminina, outro fator que impactou de forma significativa a produção de masculinidades neste contexto se mostrou na divisão etária que organizava a convivência destes jovens na época de suas adolescências. A fala de J quando discorre sobre este passado relatando esta subdivisão: “*Eram sempre assim, três gerações, né*”.

As três gerações de que J fala podem ser divididas em: crianças, adolescentes e adultos. Porém irei considerar apenas as duas últimas, já que a presença das crianças na esquina era bastante esporádica e quando ocorria era marcada pela pouca interação com os outros dois grupos. A diferença aproximada de idade entre adolescentes e adultos era de 10 anos e apesar da diferença geracional, além da convivência na esquina, o grupo compartilhava diversos momentos de lazer em comum como: churrascos, bares, praia, e principalmente os preferidos, as noitadas.

Em se tratando do posicionamento destes dois subgrupos quanto a questão do desenvolvimento das identidades masculinas durante estes encontros, quase que diários, pode-se afirmar que quanto menor a idade do indivíduo em questão mais sua masculinidade era questionada. Isso porque a maior experiência dos mais velhos, nas mais diversas situações em que a masculinidade poderia ser legitimada, era enxergada com o elemento central.

O fato de os adultos irem aos eventos noturnos muito antes dos adolescentes dava a eles a autoridade necessária para dizerem saber como se comportar, estando aptos também a traçar critérios sobre o que seria o bom desempenho nestes locais. Os adultos serviam então como referência inicial para a formação do *modus operandi* das performances dos adolescentes, ensinando-os normas de conduta ao transmitirem experiências vividas na noite durante os encontros na esquina. Na medida em que os adolescentes conviviam cada vez mais com os adultos, passando a ver e ouvir repetidas vezes os discursos e ações de suas referências dentro e fora das noitadas essa dinâmica se consolidava. Quando pergunto a L sobre a influência de outrora exercida pelos adultos ele responde:

*“Claro que influenciam. Você está com 15, 16, 17 anos você não sabe o que fazer pra pegar mulher porra! E os caras que estão cascudos já sabem. Você acaba aprendendo com o que os caras estão falando: Ah! Peguei mulher assim, por causa disso, por causa do perfume, do cordão, por causa da roupa. Então você começa: ‘Ah! então eu tenho que usar uma roupa assim, tenho que fazer isso’. Tu começa a seguir. Normal né! É a referência, o espelho que tu tem de quem já estava saindo antes de você. E eles sempre se davam bem né! (risos)”*

A fala de L traz um pouco da dinâmica de aprendizagem no grupo, apontando na direção do efeito pedagógico das condutas dos adultos sobre os adolescentes. Os adultos são a referência principal de masculinidade que se tem neste grupo, aqui eles são reconhecidos como aqueles que sabem o que fazer para obter o sucesso nas noitadas e conseqüentemente o reconhecimento do grupo, ou seja, eles ensinam os mais jovens como serem homens.

No trabalho etnográfico de Leila Jeloás sobre os “rachas” no Paraná, o aprendizado entre gerações também se faz presente. Os jovens analisados naquela realidade manipulam códigos e constroem valores diferentes dos apresentados pelo grupo aqui pesquisado, porém, a dinâmica da transmissão de comportamentos masculinos apresenta alguns pontos em comum. A antropóloga diz que no universo dos “rachas” o aprendizado sobre o mundo dos motores e da velocidade acontece ao longo do processo de socialização dos garotos desde a infância:

“começando entre oito e dez anos, se realiza de forma continua com pais, tios, irmãos, primos ou amigos, vizinhos ou patrões. Deve-se ressaltar que paralelamente a transmissão de conhecimentos, esses jovens adquirem e vão exercitando, ao longo de seus percursos, um conjunto de valores e de práticas próprios de uma masculinidade hegemônica” (JEOLÁS, 2013, p.6).

A autoridade dos adultos para falar sobre os assuntos que dizem respeito ao âmbito das noitadas era bem maior do que a dos adolescentes. Não existia coerção expressa para essa ou aquela pessoa silenciar e todos, independentemente da idade, podiam falar abertamente sobre o assunto, mesmo assim, havia uma disparidade nítida em relação ao peso dos discursos conforme o tempo de experiência nas noitadas. Durante as discussões na esquina as narrativas dos adultos prendiam a atenção e exerciam certo fascínio frente aos adolescentes. Era muito comum quando um adulto começasse a narrar suas aventuras na noite que as conversas paralelas entre os adolescentes cessassem e todos voltassem a atenção para ele, sem interromper nem discordar do que era dito. O cenário mudava radicalmente quando a situação se invertia, pois, na maioria das vezes quando as experiências nas noitadas eram contadas pelos adolescentes, os adultos intervinham para desqualificar seu discurso. Ao questionar outros os jovens integrantes do grupo sobre a influência dos adultos na época, C.H, T.P e J respondem:

*“A gente tentava seguir os macetes<sup>21</sup> deles”. ( C.H)*

*“lá na esquina, muitas vezes tu queria ser igual a alguém, e fazer alguma coisa que alguém já fez e assim ia”. (T.P)*

*“Assim, na época, não é que eu queria ser eles, mas eu queria fazer as coisas que eles falavam que faziam. ‘Ah! Eu peguei a mulher mó gata. Eu*

---

<sup>21</sup>“Macetes,” seriam práticas performatizadas pelos mais velhos nos ambientes de lazer noturno e que os rendiam êxito quando realizadas. Tais comportamentos tinham tendência a serem apreendidos e posteriormente reproduzidos pela camada mais jovem do grupo, na tentativa de alcançar os mesmos resultados que os mais velhos diziam ter conseguido.

*peguei 5'. Então, tudo o que eles falavam que faziam na noite a gente acreditava, a gente era moleque nessa época. Então, tudo o que eles falavam que curtiam, quando a gente foi crescendo, queria curtir também. Mas na verdade, conforme o tempo foi passando, eu fui vendo que nem tudo era como eles falavam. Tinha muitas mentiras ali, mas como a gente era mais novo, eles achavam que tudo o que eles falavam a gente ia acreditar e realmente era isso o que acontecia (risos)". (J)*

Os encontros na esquina sofriam alterações com a chegada e ou intervenção dos adultos até mesmo no aspecto físico em relação à disposição com que os jovens costumavam ocupar o local. Logo que um ou mais adultos chegavam e começavam a contar das suas histórias, não demorava muito para os adolescentes que estivessem sentados nas extremidades da fileira de rapazes se levantassem até que se formasse um círculo envolvendo os adultos.

Essa dinâmica é fomentada pela impossibilidade do indivíduo portar e ser reconhecido fixamente como detentor da masculinidade tradicional vigente em um determinado grupo ou sociedade é uma característica que movimenta essa transmissão de aprendizados. Ao trazer a tona o passado dos jovens evidencia ainda mais o fato de que que é necessário a todo tempo mostrar o domínio de certos códigos se quiser ser reconhecido no grupo e para isso usa-se a experiência dos mais velhos. O sociólogo Pierre Bourdieu ao apresentar uma importante análise sobre as questões de gênero em seu trabalho “A Dominação Masculina”, afirma que a masculinidade vigora como um ideal a ser perseguido constantemente, mas que, porém, nunca pode ser plenamente alcançado.

“O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contenção permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar em toda e qualquer circunstancia, sua virilidade. Na medida em que ele tem como sujeito, de fato, um coletivo—a linhagem ou a casa--, que está, por sua vez, submetido as exigências imanentes a ordem simbólica, o ponto de honra se mostra, na realidade, como um ideal, ou melhor, como um sistema de exigências que está votado a se tornar inacessível” (BOURDIEU, 2010, p.64)

Ao remontar a história do grupo acredito ter encontrado elementos presentes, em certa medida, nas suas condutas até os dias atuais quando com bem menos frequência, continuam saindo em busca de diversão nas noitadas. Os ensinamentos transmitidos durante as situações do passado continuam vivos nas suas performances de gênero no presente.

Hoje em dia, a esquina do *lote 3* fica quase sempre vazia, os encontros de outrora foram praticamente extintos. O grupo de amigos que lá se reunia diariamente diminuiu, pois, já não conta mais com a presença dos adultos que fizeram parte do passado, porém o

subgrupo dos adolescentes, hoje adultos, se encontra com uma configuração bem parecida, pelo menos, com relação a conter os mesmos integrantes do passado, que continuam tendo a noitada como ambiente de lazer predileto.

No capítulo a seguir trabalharei essa configuração atual do grupo para investigar empiricamente uma prática que seria representativa de suas performances atuais nos eventos de entretenimento noturno. Para isso acompanhei de perto suas idas as “*rodas de samba contemporâneas*”<sup>22</sup> (ambiente que ganhou sua preferência nos últimos anos). Meu objetivo foi compreender a prática da “ostentação” realizada neste contexto e como esta se articula com o discurso performativo.

---

<sup>22</sup>Usei o termo contemporâneas para diferenciar a roda de samba observada na ocasião da pesquisa, das tradicionais rodas de samba de raiz que fizeram do samba símbolo nacional. As rodas de samba contemporâneas são caracterizadas principalmente pelo ritmo musical predominante ser o pagode (vertente do samba que surgiu nos anos 90).

#### 4. Ostentação, consumo como ato simbólico

O interesse por esta prática ganhou força quando, certa vez, em uma das entrevistas, a fim de investigar mais a fundo os parâmetros do tão discutido sucesso na noite, questionei M.M se existia algum fator ou condição determinante para se dar bem nas noitadas. Ele então me respondeu:

*“Assim, eu acho que pra se dar bem o cara que está ali ostentando. Aí, tem mais chances do cara se dar bem. não tem como negar que se tu tiver com cinco garrafas de uísque na mesa e um monte de Red Bull<sup>23</sup>, ali naquela ostentação, mostrando que você tem alguma coisa que a maioria não tem, a mulherada se aproxima. Isso daí é óbvio”.*

Não era a primeira vez que eu ouvia a palavra “ostentação”, pois ela era bastante presente nas narrativas dos jovens quando o êxito nas noitadas estava em pauta. O termo que antes me parecia apenas secundário ficou cada vez mais relevante na abordagem de suas condutas dentro dos ambientes de lazer noturno. Por fim, acabei percebendo que através da ostentação poderia captar empiricamente o desenvolvimento das suas performances nas noitadas, facilitando a compreensão de como estas se desenvolvem.

Analisando a ostentação em curso nos espaços de entretenimento noturno pude ter uma noção mais concreta sobre os acontecimentos que eram matéria do incansável debate sobre o bom desempenho na noite. Busquei então compreender como a ostentação possibilitaria a produção destes discursos performativos que integram a masculinidade hegemônica local no grupo. Em alguns dicionários a definição da palavra ostentação pode ser aplicada às representações e usos que o grupo de amigos da zona oeste carioca fazem dela.

Ostentação é o ato ou efeito de ostentar, que quer dizer apresentar ou mostrar num sentido exibicionista, estando ligado ao orgulho, a presunção ou simplesmente a vaidade. É o ato de alguém que exhibe suas riquezas ou as suas próprias qualidades, sublinhando a importância de algo que tem, que fez ou que é:

Ostentação (do latim “ostentare” que significa mostrar) é o ato ou efeito de exibir com vaidade e pompa, bens, direitos ou outra propriedade, normalmente fazendo referência à necessidade de mostrar luxo ou riqueza

---

<sup>23</sup> Bebida energética geralmente misturada às bebidas alcoólicas. Considerada como símbolo de poder aquisitivo nestes locais.

Ostentar. Os.ten.tar. (latostentare). Vpr 1. Fazer ostentação ; mostrar-se com alarde e vangloria: Gostam os cabonitos de ostentar-se. Vtd 2. Exibir com ostentação, mostrar com alarde, pompear: Ostentar erudição, ostentar prestígio. Ostentava sua riqueza com espetaculares banquetes e recepções.(LEXICO, 2016)

Trazendo os sentidos da palavra para sua ocorrência enquanto performance, pode-se dizer que, a ostentação para estes jovens, também responde à conduta norteada pela exibição de condição financeira através do consumo de objetos de luxo. A especificidade no caso do grupo pesquisado está no fato de a ostentação ocorrer apenas nos espaços de lazer noturno, pois não encontrei nenhuma outra situação fora da vivência nestes ambientes em que a prática tenha sido discutida entre eles com maior relevância.

Para compreender a ostentação é necessário considerar primeiramente o caráter relacional dos objetos luxuosos utilizados na demonstração do status de riqueza, inerente a este estilo de consumo. O antropólogo indiano Arjun Appadurai, ao abordar a categorização dos objetos em “bens de luxo” apontados como os maiores símbolos de riqueza na contemporaneidade, afirma:

O que é visto como luxo em um determinado contexto pode ser visto como uma mercadoria qualquer em outro, ou seja, o valor econômico de um determinado objeto ou mercadoria jamais é uma propriedade inerente a eles, mas um julgamento que os sujeitos fazem sobre eles (APPADURAI, 2010, p.15)

O objeto que em um determinado contexto se destaca por ser economicamente valioso pode ser apenas um objeto “comum” em outra realidade. No caso da ostentação performática nas noitadas, os símbolos de status podem não ter valor significativo fora destes espaços. As falas a seguir discorrem um pouco sobre esta prática, nos deixando também a par de quais objetos são classificados como luxo na realização deste ato performático:

*“Ostentação é Beber uma bebida mais cara, estar com varias bebidas na mesa, estar num camarote<sup>24</sup>, ou seja, sendo diferenciado das outras pessoas, isso eu acho que é a ostentação. Se diferenciar entendeu? As pessoas acham que você tem mais do que as outras. As mulheres realmente olham pra você com outros olhos, o olho delas brilham”. (T.P)*

---

<sup>24</sup>Espaços mais reservados, geralmente em piso elevado nas laterais ou no fundo da casa, com vista para a pista de dança e o palco, quase sempre possui valor mais caro de ingresso ou é destinados a convidados e contam em sua maioria com acesso controlado por seguranças (AB. PEREIRA 2014)

*“Quando tu tá ostentando você tá mostrando que tem poder, que tem dinheiro. Quando você tá ali no camarote as mulheres passam e ficam tudo olhando as bebidas, isso pra sociedade mostra que você tem poder e você acaba pegando essas mulheres, muito mais fácil.” (C).*

*“Ostentação é chegar lá colocar 5 ou 6 baldes de cerveja ai leva mais 3 garrafas de uísque , red bull, pega não sei quantos baldes de energético, mistura tudo lá, bota aquilo ali em 5 mesas, aquela coisa chamando atenção” (J.C)*



Nas falas acima, os dois elementos, bebidas e camarotes, são exaltados em função da distinção proporcionada pela sua posse. Este aspecto é sinalizado por T.P quando diz *“As pessoas acham que você tem mais do que as outras”*. A diferenciação que a exibição destes consumíveis representa fica nítida se observarmos os significados a eles atribuídos: “status”, “poder”, capacidade de atrair mulheres e “chamar a atenção”.

A bebida ganha status de luxo e, combinada à presença no espaço do camarote, se transforma no principal símbolo de riqueza (e conseqüentemente capacidade de ser superior, com mais poder) a ser posto em evidência na prática da ostentação. As bebidas alcoólicas

ganham esta importância simbólica, talvez por serem os únicos objetos de valor econômico disponível para consumo no cardápio das noitadas. Ao comprá-las em grandes quantidades, muitas vezes até maiores do que o possível de ser consumido numa noite (isso se levarmos em consideração o fato de que para um homem adulto com peso de 70 quilos, a dose letal corresponde a 720 ml de bebida destilada com 40% de álcool, se ingeridos em aproximadamente em uma hora<sup>25</sup>) tem-se a possibilidade de demonstrar poder econômico.

A distinção promovida pelas propriedades da ostentação pode influenciar diretamente no processo de construção das identidades masculinas. Passei então a observarem diversos diálogos afirmações sobre o poder de atração que a ostentação teria sobre as mulheres, e por isso o investimento nesta prática, pois, como já foi exposto nos capítulos anteriores, é através do sucesso com as mulheres que a masculinidade hegemônica local se torna passível de ser reivindicada neste grupo.

A dinâmica da ostentação traz à tona a capacidade que certos objetos têm de serem acionados na construção das identidades, esta característica mais uma vez se relaciona ao principal sentido dos artigos de luxo ressaltado por Appadurai. Segundo o antropólogo, o uso que tais objetos possuem é retórico e social, sendo estes verdadeiros símbolos materializados onde a necessidade a que eles correspondem é fundamentalmente política (APPADURAI, 2010). A ocorrência da capacidade política do consumo de bens de luxo faz com que os mesmos tenham o poder de atuar na produção de identidades. O caráter político dos objetos de luxo pode ser visto também em outros contextos sociais onde o consumo como forma de distinção também age na construção subjetiva de outros grupos sociais.

Na bibliografia de pesquisas acadêmicas recentes, encontrei abordagens sobre o consumo ostentatório, que me pareceram similares ao caso dos jovens da zona oeste carioca. Pesquisas atuais que tomam como objeto de estudo um gênero musical contemporâneo muito popular nas periferias de São Paulo, o “Funk Ostentação”, apontam o consumo como fator central na construção identitária de jovens moradores de comunidades pobres.

---

<sup>25</sup> Carlton Erickson, professor de farmacologia da Universidade do Texas em entrevista à revista Superinteressante.

Oriundo do funk carioca, ritmo que ganhou projeção nos anos 90, principalmente nas comunidades populares da cidade, ficando reconhecido por tratar principalmente temas como problemas sociais, criminalidade, violência e sexualidade (ABDALLA, 2014). O Funk Ostentação chegou e se espalhou rapidamente pelas periferias paulistas nos anos 2000, ganhando as ruas de São Paulo ao se expressar através do consumo nas suas letras embaladas pela batida vinda do Rio de Janeiro.

O novo “sub gênero” musical levantou a bandeira da inclusão social representada pela aquisição de bens de alto valor monetário. Assim como afirma a antropóloga Carla Abdalla:

Cria-se na baixada santista, por volta de 2005, uma nova vertente do *funk*, que deixa de lado o foco na sexualização ou nas práticas criminosas, para cantar as aspirações de consumo da periferia. Tem início um movimento conhecido como Funk Ostentação, que faz referência ao consumo de marcas e bens, que passam a simbolizar o pertencimento social das classes menos favorecidas (ABDALLA, 2014,p.36)

A estética deste estilo musical é marcada pela exibição de objetos de luxo como: carros, casas, jóias e roupas de grife. Os mc’s que são ícones da propagação desse movimento, cantam letras referentes à aquisição de objetos caros ressaltando o consumo ostensivo como um estilo de vida. Tais símbolos de riqueza também são expostos em clipes, shows e entrevistas pelos mc’s e produtores musicais (outra figura popularizada por este movimento na cena midiática).

Sob a ótica do funk ostentação, estar em posse desses objetos simboliza ascensão social, prestígio e bem estar que extrapolam estes subúrbios pobres (SCHERRER, 2015). Esta recente manifestação cultural é intrinsecamente relacionada, na literatura sobre o assunto, à superação da pobreza e estigmas inerentes a ela, por meio do consumo. A inclusão social de jovens pobres da periferia pela aquisição de bens materiais que antes pertenciam exclusivamente às classes mais abastadas, passa a integrar o imaginário coletivo destes locais (REZENDE, 2015). A questão da inclusão esta presente também em diversas letras de Funk Ostentação:

*Eu tenho o que ela quer  
Desse jeito eu vou que vou  
Nosso bonde tá doce Louco pra falar de amor  
Garoto propaganda, eu tô na televisão,  
Jovem brasileiro Príncipe da ostentação.  
Você que desacreditou a vida é uma roda gigante,  
então me responde quem acreditava que aquele menino vencia o gigante.*

*Símbora nós vamos a diante  
o mundo gira e o tempo não para  
de cordão de ouro, perfume importado, com as nave do ano de roda  
cromada(MC Gui).*

Segundo os autores que analisam o Funk Ostentação não só os mc's e produtores, mas todo o público consumidor do gênero (a maioria jovens pobres da periferia) produzem e reproduzem discursos atuantes na quebra de antigos estereótipos a partir deste estilo musical. A imagem de miséria e violência historicamente atribuídas às favelas é colocada em cheque neste universo que por sua vez é acionado como instrumento de inclusão e produção de novas identidades nas comunidades periféricas. (SCHERRER 2015; ABDALA 2014; OLIVEIRA & NUNES 2014.)

O Funk Ostentação pode ser visto como mais um caso onde a performance masculina baseada no consumo é utilizada em um determinado contexto social para produzir identidades. Jovens pobres da periferia similarmente como no caso do grupo pesquisado nesta dissertação usam a ostentação para incorporar determinados valores às suas identidades. A diferença está no fato de que o foco central, relacionado ao contexto dos jovens da zona oeste carioca, é a edificação de gênero e não a inclusão.

Pensando nas questões teóricas acerca da dinâmica do consumo como construção de identidades, comecei a buscar uma interpretação que me ajudasse a compreender melhor como os símbolos são assimilados pelos indivíduos no ato do consumo e de que forma determinados objetos moldam as identidades particulares. Foi na perspectiva do antropólogo e britânico Alfred Gell que encontrei a resposta para tais questionamentos. O autor entende o consumo como:

“A apropriação de objetos que passam a integrar os *personalia* de alguém—alimentos ingeridos em um banquete, roupas vestidas, casas habitadas. A incorporação dos bens de consumo à definição da individualidade social resulta de um quadro de compromissos sociais e, simultaneamente, perpetua tal quadro. O consumo é parte de um processo que inclui a produção e a troca, cada um dos três distinguindo-se apenas como fases do processo cíclico de reprodução social, no qual o consumo jamais é terminal. O consumo é a fase do ciclo em que os bens passam a estar vinculados a referentes pessoais, quando deixam de ser “bens” neutros que poderiam pertencer a, e ser identificados com qualquer um, e se tornam atributos de alguma personalidade individual, insígnias de identidade ou significantes de relacionamentos e compromissos inter pessoais específicos”. (GELL, 2010, p.146).

Gell entende o consumo como um ato simbólico e, na sua concepção, os objetos se transformam em símbolos de diferenciação. Ao serem consumidos são agregados às identidades particulares de cada membro de um determinado grupo pelo ato do consumo e nunca destruídos, mesmo quando desaparecem (como no caso dos alimentos). Os objetos estão longe de se encerrar no ato do consumo. Eles continuam produzindo valores e após serem consumidos estão aptos a transmitir a imagem desejada pelo consumidor.

No caso da prática da ostentação nas noitadas o status de condição financeira elevada, atribuído pela aquisição das bebidas pode ser visto como um exemplo da transformação de “bens neutros” em símbolos particulares de riqueza assimilados às identidades individuais no momento da performance. As bebidas deixam de ser só bebidas e quando consumidas em grandes proporções dentro dos espaços de entretenimento noturno viram símbolos de status. Esta transformação novamente vai ao encontro das concepções de Gell quando afirma que “O consumo, na verdade, nada tem a ver com a destruição de bens e riqueza, mas com sua reincorporação ao sistema social que os produziu sob uma outra aparência” (GELL, 2010, p. 145).

#### 4.1. Observando a performance da ostentação no grupo

Para compreender mais a fundo certas nuances da performance da ostentação passei a acompanhar o grupo com frequência nas suas idas as noitadas. Por um período aproximadamente 8 meses passei a ir aos eventos de pagode por eles frequentados semanalmente. A escolha desses locais não foi aleatória e me concentrei nestes que são apontados por eles, como lugares onde a prática da ostentação era mais comum: às rodas de samba contemporâneas ou rodas de samba de pagode. Segundo eles a ostentação é a principal característica que diferencia as rodas de samba de outros eventos noturnos:

*“Roda de samba é ostentação mesmo,(C.H)*

*“Roda de samba, tem que botar combo<sup>26</sup> de bebida, botar vodka. Quanto mais cara a bebida que tu bota mais chances você tem de se dar bem. É o que todo mundo faz pra se dar bem”.(L)*

*“Pô, acho que roda de samba é muita ostentação cara, negocio de balde de cerveja de estar a mesa cheia de garrafa de uísque, porrada de bebida, é muita ostentação, pessoal querendo se mostrar um para o outro”.(J.C, 29 anos)*

---

<sup>26</sup>Combo é um “combinado” de bebidas comumente o que há de mais caro no *cardápio* destas rodas de samba. Geralmente se trata de uma bebida destilada (uísque ou vodka) mais cinco unidades de red bull.

As rodas de samba contemporâneas são eventos que se propagaram nas áreas periféricas do Rio de Janeiro há mais de 10 anos e se tornaram muito populares no roteiro de atrações culturais nestas regiões da cidade. Elas se caracterizam geralmente pela apresentação de grupos de pagode num palco centralizado no espaço onde o evento é realizado, geralmente em clubes ou casas noturnas. Nestes ambientes é comum ficarem muitas mesas espalhadas pelo local e o espaço dos camarotes distribuídos no entorno do palco.



Talvez a forte ocorrência da ostentação nas rodas de samba sofra influência desta configuração logística. As mesas espalhadas em volta do palco onde geralmente são colocadas as bebidas consumidas contribuem para que todos fiquem em um ponto fixo na maior parte do tempo durante todo o evento. O palco centralizado também favorece o contato visual entre o público que se posiciona de uma forma que para ver o show é necessário ficar de frente uns para os outros.

O contato visual permanente entre o público favorece também a observação daqueles que estão ostentando suas bebidas (Red bull, Vodka e Uísque) em cima das mesas. Assim, os objetos de luxo acionados na realização da ostentação podem ser exibidos de forma que fiquem bem visíveis a todos durante praticamente todo o decorrer da roda de samba. O relato de alguns dos jovens sobre a prática da ostentação pode nos ajudar a compreender melhor a centralidade dos objetos e como estes se integram a construção das suas performances:

*“Eram sempre são quatro garrafas de whisky pelo menos . Pra você ter noção a gente botava varias garrafas de vodka, mas a gente mesmo nem bebia vodka., era só pra chamar a atenção e deixar aquela mesa bonita pras mulheres. Na verdade eu saia pra ser diferenciado ali entendeu? Eles falavam que a nossa mesa era a mesa da luxuria. Tudo isso fazia com que agente ficasse mais empolgado, entendeu? E gastasse mais dinheiro. Eles falavam que a nossa mesa era a mesa da luxuria, nego falavam que nossa mesa era a mais bonita, a mais rica do pagode. E realmente era! A gente gastava muito dinheiro, uma média de 250 por domingo que eu gasto. Eu me sinto diferenciado entendeu? Melhor que as pessoas ali pelo fato de eu estar em um camarote, cheio de bebida, estar num ambiente que a maioria das mulheres gostam disso”(J)”*

*“Eu acho na pista hoje em dia conta muito esse lance de estar no camarote com a tua mesa cheia de bebida, acho que isso ai atrai as mulheres.” (J.C)*

*“Cara todo mundo gosta nem que seja de vez em quando de estar em um camarote , porque lá você está num lugar mais reservado, mais tranquilo, menos cheio e você vai sempre se destacando. As mulheres gostam disso entendeu? É um certo status que você tem a mais do que outros que estão ali”.(T.P)*



Os depoimentos colhidos ao longo desta dissertação sobre a performance da ostentação frequentemente ressaltam o que já foi exposto anteriormente como o cerne da

construção da masculinidade hegemônica local neste grupo: o investimento na conquista. Ao observar estas narrativas vemos que a ostentação tem o como objetivo atrair a atenção das mulheres através da demonstração de poder aquisitivo. No ideário destes jovens a diferenciação conferida pelo consumo facilita o acesso às conquistas sexuais femininas e quanto maior a quantidade de mulheres com as quais se relacionam mais próximo se chega da masculinidade modelo tão valorizada pelo grupo.

Se utilizarmos a fala de J, por exemplo, este objetivo fica explícito quando o mesmo afirma que uma parte das garrafas não eram consumidas por eles (os compradores) e tinham o único intuito de atrair as mulheres. É esta capacidade de atração que os jovens almejam ao investir na ostentação, pois ela encurtaria o caminho na corrida em direção ao enquadramento na identidade hegemônica local (que só é alcançada de forma parcial, pois é um ideal), uma vez que o sucesso com as mulheres é imprescindível para tal feito.

Afirmando o que são capazes de fazer no campo da sexualidade, através do discurso performativo, munido destes resultados adquiridos na noite, os jovens em questão se tornam capazes de se diferenciar dos que não o fazem, e estes últimos que não querem ser vistos como fracassados buscam igualmente o sucesso através das mesmas práticas. Essa dinâmica alimenta o círculo vicioso da competição entre estes jovens em torno da identificação com a masculinidade heteronormativa por eles valorizada.

## 5. Conclusão

O receio de tratar do tema da masculinidade me acompanhou por todas as fases da pesquisa e não desapareceu após sua conclusão. O tema sempre me pareceu cercado de tabus, por isso tentei tomar o máximo de cuidado no desenvolvimento das questões apresentadas. Pertencer ao sexo masculino e falar sobre masculinidades, sobretudo analisar práticas reconhecidamente machistas, pode ser entendido previamente como defesa das mesmas e esse tem sido o meu maior medo em todo o percurso acadêmico.

Não é difícil achar críticas baseadas em estereótipos quando abordagens referentes a identidades masculinas estão em pauta. Falar sobre masculinidade é comumente interpretado como defesa dos pseudo impactos negativos da masculinidade na vida dos próprios homens, amenização da culpa pela dominação ou deslegitimação das bandeiras do feminismo. Quem se dispõe a discutir masculinidades é frequentemente taxado de advogado do diabo.

Estas preocupações foram importantes para tratar o tema e ajudaram construir meu olhar sobre o objeto de pesquisa analisado nesta dissertação. A exposição do caráter performático das narrativas e ações dos jovens pesquisados evidencia a artificialidade da identidade masculina que é fabricada cotidianamente por atitudes e discursos pautados na herança das masculinidades hegemônicas do passado. Enfocar a masculinidade enquanto construção talvez possa contribuir com desnaturalização da dominação masculina, que foi fabricada historicamente por instituições que justificam o sexo masculino enquanto dominante por meio de determinismos biológicos dos mais variados. Abordagens que chamem a atenção para a dominação masculina enquanto construção social carregam consigo a possibilidade de desconstrução da mesma.

Acredito que para desconstruir determinadas práticas é necessário também conhecê-las, porém uma certa carência na produção de conteúdo acerca das formas de viver a sexualidade masculina se mostrou desde quando me deparei com os primeiros estudos sobre as relações de gênero. O feminino parece ser muito mais valorizado do que o masculino pela comunidade acadêmica principalmente no campo das ciências sociais. Há uma visível discrepância entre a quantidade de pesquisas a respeito dessas duas vertentes do gênero. A ausência na investigação das questões referentes a masculinidade foi destacada certa vez em uma palestra no Rio de Janeiro pelo, sociólogo Daniel Welzer-Lang:

“Nós estamos vivendo, hoje, uma época paradoxal: nunca antes as mulheres, ainda submetidas a formas variadas de dominação masculina, falaram, discutiram e contestaram tanto. Nunca antes os gays, lésbicas e bissexuais abordaram tanto seus modos de vida. Entretanto, os homens

continuam em silêncio (...) a palavra dos homens é o silêncio.”(WELZER-LANG, 2009).

Na ocasião o francês lembrou também a importância da produção de conhecimento sobre a masculinidade, ou melhor, sobre a heterossexualidade em geral, “na luta rumo ao desaparecimento do gênero (o que o senso comum chama de igualdade homens/mulheres, homo/heteros)” (WELZER-LANG 2009). Se de fato a masculinidade é parte integrante da construção social chamada gênero não há porque negligenciar a produção de conhecimento sobre o assunto.

O “silêncio” em relação ao tratamento da masculinidade ficou mais evidente no âmbito das pesquisas nacionais. Ao realizar o breve apanhado bibliográfico produzido no Brasil, notei que os trabalhos que têm a masculinidade como tema central estão concentrados na área da saúde coletiva já trazendo importantes questionamentos sobre o tema desde o início dos anos 70. Uma das primeiras abordagens sobre a masculinidade realizada no Brasil, classificada no campo da sociologia (disciplina que colocou o tema no mapa das questões sociopolíticas mundo afora) foi feita por um psicólogo e apenas nos anos 90.

O paradoxal desinteresse acadêmico à temática impactou a busca pela compressão das práticas que integram a identidade masculina do grupo de amigos da zona oeste carioca apresentado por esta pesquisa. A carência de bibliografia sobre o desenvolvimento da identidade masculina no nosso país dificultou a correlação dos comportamentos locais com determinadas peculiaridades da masculinidade própria do contexto cultural Brasileiro.

Um dos poucos vieses encontrados nesse sentido foi olhar de Sócrates Nolasco para as raízes históricas que possibilitaram o surgimento de um modelo de masculinidade nacional, alicerçado em formas de governo desenvolvidas aqui (Colonialismo, tenentismo e coronelismo). Esta análise foi importante para compreender um pouco da origem histórica dos discursos performativos produzidos pelos jovens da zona oeste carioca. A articulação entre nacional e local se mostrou importante para dar conta das especificidades inerentes à edificação das construções de gênero nesta pesquisa. Pude concluir que existe uma relação profunda entre as práticas destes jovens e o reforço de antigos valores e que esta dinâmica trabalha para perpetuar as formas tradicionais de viver a masculinidade heteronormativa.

As condutas são organizadas pelos discursos performativos com base na competição em torno da conduta sexual, conduta ativa pra se diferenciar de qualquer traço de feminilidade

e compreensão das mulheres como símbolos de status masculino são valores que organizam as condutas e discursos dos jovens pesquisados. Tais valores atravessam o tempo e são atualizados por dinâmicas como a apresentada neste grupo específico. E reforçam a ordem heteronormativa hegemônica indissociável da promoção das mais variadas formas de violência e desigualdades de gênero.

A experiência com os jovens em questão buscou demonstrar que este tipo de dinâmica dentro dos espaços de homo-sociabilidade também é feita de forma pedagógica, onde cada integrante do grupo, desde a adolescência, deve dominar os códigos da masculinidade hegemônica local e torná-los viáveis para seu enquadramento no modelo valorizado se quiser manter sua identidade heteronormativa estável. Estes processos pedagógicos acontecem não só entre grupos de amigos, mas também em família, na escola e nas relações sociais de forma geral, impulsionando os homens cada vez mais a adotar modelos de condutas viris e agressivos.

Quem sabe o conhecimento sobre este tipo de dinâmica de sociabilidade masculina possa se consolidar, cada vez mais, como instrumento na desconstrução deste formato pedagógico de identificação que perpassa diferentes fases da vida do homem em diversos espaços? Quem sabe um caminho possível em direção a esta desconstrução não seja focar na masculinidade hegemônica enquanto fator de diminuição da expectativa de vida? Assim como têm feito determinadas pesquisas recentes na área da medicina mostradas aqui. Quem sabe difundir esta convicção nos espaços de homosociabilidade seja uma alternativa para desfazer o modelo hegemônico?

O caráter educacional da masculinidade de forma alguma tem o objetivo de apontar os homens como vítimas deste processo, visto que estes ainda são os grandes beneficiados com todo o quadro da dominação no país, e no mundo, que os confere uma série de privilégios materiais e simbólicos negados as mulheres. A compreensão do modelo de masculinidade hegemônica como processo de transmissão pedagógica de valores, e de que o investimento nestas identidades pode se transformar em riscos de morte talvez possa ser relevante para desarticular este mesmo processo e combater às práticas machistas desde as suas primeiras manifestações.



## **Bibliografia:**

ABDALLA, Carla Caires. "Rolezinho pelo funk ostentação: um retrato da identidade do jovem da periferia paulistana". 2014.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. "Zoar' e 'Ficar': novos termos da sociabilidade jovem". In: *Culturas Jovens: Novos Mapas do Afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

APPADURAI, Arjun. "Introdução: Mercadorias e a política de valor". In: *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.

BALBÉROT, Arnaud, Não se Nasce Viril, Torna-se Viril. in: *Historia da Virilidade*. Petrópolis- RJ, Vozes, 2013.

BUTLER, Judith. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'". In: LOURO, Guacira Lopes. *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. In: **A dominação masculina**. Bertrand Brasil, 2010.

BUENO, Luís. "Banditismo por uma questão de classe." In: XI Congresso Internacional da Abralic, 2008.

CANDEIAS, Nelly. "Sociologia e medicina". In: **Rev. Saúde públ.**, S. Paulo, 5:111-27, 1971.

CAROL, Anne, A virilidade da Medicina. . in: *Historia da Virilidade*. Petrópolis- RJ, Vozes, 2013.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.; FERNANDES, Felipe Bruno Martins. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, p. 241-282, 2013.

CYFER, Ingrid. "Feminismo, Sexualidade e Justiça no debate entre Judith Butler e Nancy Fraser". In: **Sociedade Brasileira de Sociologia**. Anais do Congresso Brasileiro de Sociologia- XIV- Gt 16. Curitiba- PR., 2011.

D'ABREU, Lylla Cysne Frota. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. *Revista Psicologia & Sociedade*, v. 25, n. 3, 2013.

DE FÁTIMA ARAÚJO, Maria. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicologia Clínica*, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Historia da sexualidade 1: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Historia da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *Historia da sexualidade 3: O cuidado de si*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

GASTALDO, Édison. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. *Esporte e Sociedade*, n. 3, p. 1-16, 2006.

APA

GELL, Alfred. “Recem-chegados ao mundo dos bens: o consumo entre os Gonde Muria. In: *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010

GIL, José. **Monstros**. Estado, Relógio D’Água, 2006.

JEOLÁS, Leila Sollberger. “Correndo risco: ‘rachas’ de carro e de moto, gênero e experiências geracionais”. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina-PR, Brasil. Florianópolis, 2013.

KRISTZMAN, Lawrence D. A Virilidade e Seus outros : a representação da masculinidade paradoxal. in: *Historia da Virilidade*. Petrópolis- RJ, Vozes, 2013.

LAGO, Mara Coelho de Souza; WOLFF, Cristina Scheibe. Masculinidades, diferenças, hegemonias. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 233-240, 2013.

MALDONADO, Maura Carneiro; DE SALES, Gabriela Maroja Jales; DE ALBUQUERQUE, Fábio Manoel Fernandes. Desejos do luxo, Possível Prazer ou Ostentação Ofensiva?. V Encontro Nacional de Estudos do Consumo I Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ENEC, 2010.

MARQUES JUNIOR, Joilson Santana; GOMES, Romeu and NASCIMENTO, Elaine Ferreira do. Masculinidade hegemônica, vulnerabilidade e prevenção ao HIV/AIDS. In: ***Ciênc. saúde coletiva [online]***, vol.17, n.2., 2012.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. *Revista brasileira de enfermagem*. Brasília. Vol. 57, n. 1 (jan./fev. 2004), p. 13-18, 2004.

NOLASCO, Sócrates Alvares. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLIVEIRA, Pedro Paulo Martins de. A construção social da masculinidade. Editora UFMG, 2004.

OLIVEIRA, Pedro Paulo Martins de. "Discursos sobre a masculinidade". In: **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 91-112, 1998.

OLIVEIRA, Tatalina C.; NUNES, Rita de Cássia. As Significações do Consumo no Contexto do Funk Ostentação à Luz de Thorstein Veblen, 2015.

OTSUKA, Edu Teruki. Espírito rixoso: para uma reinterpretação das Memórias de um sargento de milícias. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 44, p. 105-124, 2007.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Rolezinho no shopping: aproximação etnográfica e política. Clayton guerreiro| Fernanda Fingoli| Jenifer Souza| Karine Assumpção| Luciana Pereira Marcela Vasco| Otavio de Souza| Paula Kakazu| Rodrigo Domenech| Tabita Lopes, 2014.

SCHRAIBER, Lília Blima; GOMES, Romeu and COUTO, Márcia Thereza. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. In: **Ciênc. saúde coletiva** [online], vol.10, n.1, 2005.

SCHWARZ, Roberto. 2006)." PRESSUPOSTOS, salvo engano, de'Dialética da malandragem", in \_\_\_\_\_, Que horas são, 1987.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: impertinências. *Educação e sociedade*. São Paulo. Vol. 23, n. 79 (ago. 2002), p. 65-66, 2002.

SOUZA, Edinilsa Ramos de. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. In: **Ciênc. saúde coletiva** [online], vol.10, n.1, 2005.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. **O lazer agnóstico: Como se aprende o que significa ser homem num bar de um bairro suburbano**. Niteroi-RJ, 2010.

VIGARELLO, Georges: A Virilidade, da Antiguidade à Modernidade. in: *Historia da Virilidade*. Petrópolis- RJ, Vozes, 2013.

WASELFISZ, J.J. Mapa da Violência 2016: homicídios por arma de fogo no Brasil. Rio de Janeiro, Flacso Brasil, 2015.

WAISELFISZ, J.J. Mapa da Violência 2015: homicídios de mulheres no Brasil: Rio de Janeiro, Flacso Brasil, 2015.

WAISELFISZ, J.J. Mapa da Violência 2014: Homicídios e juventude no Brasil. Rio de Janeiro, Brasília, 2014.

WELZER-LANG, Daniel. "A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia". In: Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460, jan. 2001.

Sites:

LEHRMAN, Sally. "Quando uma pessoa não é XX nem XY". In: Scientific American Brasil, s/d. [http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/quando\\_uma\\_pessoa\\_nao\\_e\\_xx\\_nem\\_xy.html](http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/quando_uma_pessoa_nao_e_xx_nem_xy.html). Acessado em: 10/09/2016

<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=virilidade>

ASSOCIATED PRESS. "Homossexualidade masculina pode estar ligada à genética, sugere estudo". In: G1, 2014. <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2014/11/homossexualidade-masculina-pode-estar-ligada-genetica-sugere-estudo.html>. Acessado em: 10/09/2016

Informativo Acadêmico: "Bebida: quanto o seu corpo aguenta?" in: <http://informativoacademico.com.br/2015/03/bebida-no-corpo/>. Acessado em: 05/08/2016

<http://mail.camara.rj.gov.br/Apl/Legislativos/scpro0711.nsf/de78c7ca063a9fa80325764000555c0b/68c852da5c341272032576b6006f09e4?OpenDocument>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Taquara\\_\(Rio\\_de\\_Janeiro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Taquara_(Rio_de_Janeiro))

<http://www.mapadaviolencia.org.br/>

**Anexos:****Entrevista 01. C.H.**

P: Há mais ou menos a quanto tempo você frequenta rodas de samba?

C.H: Cara já tem uns 8 anos mais ou menos

P: quais são as diferenças que você vê das rodas de samba para outros eventos noturnos?

C.H: Na minha concepção eu acho que roda de samba é um evento assim mais pros amigos, você não vê confusão igual os outros ambientes, é um ambiente descontraído pra todo mundo curtir , na roda de samba todo mundo canta, todo mundo gosta.

P: Então cara, você com alguma intenção , algum objetivo quando vai pra esses locais, algum objetivo prévio , alguma intenção que você sai de casa?

C.H: O objetivo é um só cara, pegar mulher.

P: Você já ficou ou você costuma ficar no camarote?

C.H: Pô, já fiquei, eu fico muito, La em baixo mais o camarote é bem melhor.

P: Você acha que existem vantagens em ficar no camarote?

C.H: Meio que entre aspas é a ostentação né. Mulher gosta e a gente vai por esse meio ai.

P: Ostentação seria o que?

C.H: Vodka, Red Bull enfim baldes e baldes e tem mulher que gosta, vai chegando junto e ai chama a atenção.

P: nas minhas conversas com a galera que frequenta rodas de sambar, eu tenho ouvido muito a questão do se dar bem, isso aparece muito: Ah me dei bem, fulano se deu bem. Eu queria saber de você o que seria se dar bem?

C.H: Se dar bem é obviamente ficar com uma mulher e chegar até os finalmente.

P: Como você faz pra se dar bem?

C.H: Cara eu do o tiro certo, chegar na pessoas trocar aquela ideia com ela ficar e ir administrando ai naquela troca de ideia, naquela envolvência toda, se no final tudo der certo a gente termina a noite junto.

P: Faz diferença quando os seus companheiros ali de roda de samba, seus amigos o pessoal que você vai presenciam vê você se dando bem

C.H: Faz, quando eles estão junto faz, alimenta o nosso ego.

P: Como é que você se sente quando seus amigos se dão bem?

C.H: Dependendo do amigo é até maneiro, mas se for um cara chato e tiver de rivalidade comigo não vai ser maneiro não.

P: Você diria assim que existe algum fator ou condição para um homem se dar bem dentro desses eventos?

C.H: até teria so que no meu caso não tem, é sorte mesmo ou se a mulher gostar de mim.

P: Quais os fatores que determinam se o evento esta bom ou ruim?

C.H: Mulher.

P: Mulher?

C.H : É se tiver bastante, quanto mais mulher melhor o evento.

P: Eu tinha esquecido de te perguntar, como era o dia a na esquina antigamente quando a galera começou a sair?

C.H: Era muito ,bom, a gente molecão. Papo de 20 cabeças ali na esquina eu lembro muitos das mulheres passando e da gente batendo palmas(risos)

P:Você acha que a galera mais velha que parava na esquina influenciava o comportamento de vocês?

C.H: Ah cara, Influenciou sim, porque a gente tentava seguir os macetes deles.

**Entrevista02. M**

P: Há quanto tempo você frequenta rodas de samba

M: Eu frequento roda de samba desde os 25 anos, hoje eu tô com 34 anos, tem um bom tempo aí

P: Quais as diferenças das rodas de samba pra outros tipos de eventos noturnos?

M: As rodas de samba de hoje em dia elas tem mais um ambiente voltado pra um público que curte mais, samba, pagode e funk. As rodas de samba elas não são com músicas variadas, só toca pagode e funk mesmo.

P: Você sai de casa com alguma intenção ou algum objetivo prévio quando vai a esses lugares?

M: Eu saio com intenção de me divertir mesmo, beber, curtir a noite e só.

P: Já ficou ou costuma ficar no camarote?

M: Eu gosto de camarote, eu sempre procuro um lugar próximo ao camarote ou os próprios camarotes.

P: Você acha que existem vantagens em ficar no camarote?

M: A vantagem é que você é bem visto, e tem facilidade de conseguir uma parceira, de conseguir uma menina maneira pra curtir a noite contigo.

P: Nas conversas que eu tenho tido com a rapaziada que frequenta as rodas de samba, eu tenho observado muito que aparece a questão do “se dar bem”: Ah fulano se deu bem, eu me dei bem. Na tua opinião o que é se dar bem?

M: Se dar bem é você sair com uma menina bonita, com o corpo bonito e ela for maneira, não cheia de marra, que bata uma papo legal. Isso daí é se dar bem.

P: Faz diferença quando os seus amigos veem você se dando bem?

M: Se faz diferença pra eles eu não sei, mas pra mim faz, eu gosto de me dar bem e entendo da forma que todo mundo também goste. É difícil a pessoa ir só pra ficar dançando, bebendo, eu acho que a maior felicidade de quem vai solteiro pra uma roda de samba é encontrar um par legal.

P: quando você se da bem e as pessoas estão vendo, é melhor do que quando você se da bem e ninguém vê, existe essa diferença?

M: É melhor, eu me sinto bem comigo mesmo, acho legal depois os comentários das pessoas, Falando sobre isso

P: Depois rola m comentários?

M: Depois sempre rola os comentários os boatos, as brincadeiras entre a galera, é muito bom sim. E também quando a gente não pega ninguém, rola aquelas brincadeiras aquelas sacanagens que a gente já está acostumado, e com certeza no próximo evento a gente já vai com mais vontade de conseguir uma pessoa.

P: Pra tentar compensar o dia que você...

M: Realmente, pra tentar compensar o dia que não pegou ninguém, ai eu quero pegar mais de uma, Duas, três, ai.

P: Como é que você se sente quando seus amigos se dão bem?

M: Ah, eu me sinto em desvantagem , ai é que eu começo a perceber que eu estou em desvantagem, dificilmente eu saio numa noite e não fico com ninguém. Porque eu sou uma pessoa que tem um bom dialogo, um bom papo, sei me vestir bem , me portar bem, então é até natural de mim eu ajudar quem não se dá bem .

P: Quando você fala em desvantagem, parece até que existe uma competição, existe uma competição?

M: Realmente existe sim. Eu acho que a vida é uma competição, tudo o que você faz no trabalho, na escola, ou até nas brincadeiras mesmo , é um tipo de competição sim ,quem se da melhor, quem não se dá, entendeu. A vida é feita de competições

P: Quais são os fatores que definem se o evento está bom ou está ruim.

M: Pra mim dois fatores, um o ambiente estar cheio, e o outro a galera estar bem animada. Também não adianta o evento estar cheio e as pessoas ficarem tudo na delas lá, tudo com o nariz empinado. Então pra mim as melhores rodas de samba são a de povão mesmo, as pessoas bebem mesmo e ficam mais soltinhas então é muito mais provável, possibilidades maiores ai de você estar conhecendo pessoas.

P: Existe algum fator ou condição para o sujeito se dar bem na roda de samba

M: Fatores pra pessoa se dar bem foi o que eu já te falei, a pessoa tem que se portar bem, ter um bom dialogo, a bebida ajuda muito a pessoa se descontrair e esses locais de camarote também ajudam bastante a você ser bem visto por alguma minazinha, por alguma gatinha

P: Outra expressão que tem aparecido muito nas minhas conversas a cerca da roda de samba é a ostentação, você identifica isso no pagode

M: Ostentação é uma coisa que tá na moda agora, então tudo que está na moda, você tem que seguir pra se dar bem. Tem pessoas que não seguem, também não tenho nada contra mas com certeza isso daí é um ponto positivo pra quem segue e quer se dar bem nas rodas de samba.

Ostentação, você tem que chegar no ambiente com um carro legal, cordão, anel, pulseira. Tanto o homem quanto a mulher eles curtem essa onda ai de ostentação e isso dai mostra resultado sim.

P: Obrigado pela entrevista, tem mais alguma coisa que você queira acrescentar ou falar que você achou que não foi muito abordado.

M: O que eu tenho pra falar é que eu vejo muitas pessoas que levam isso a sério, esse negocio de pegar alguém, ficar com alguém, mais o que é legal mesmo é você levar na brincadeira. Se você ficou com alguém naquela noite ou você não ficou, isso não interessa o importante é se você curtiu ou não, mesmo você ficando com alguém ou não ficando. Você estando ali com os amigos que você gosta, já tá valendo a brincadeira.

Esse negocio de ficar com alguém ou não ficar isso dai você não precisa ficar triste se aconteceu ou não entendeu, é levar na esportiva mesmo

P: Muita gente leva isso a sério... gera conflitos e tal...

M: Sim eu vejo muito isso acontecer, tem gente que fica serio, volta pra casa fica um tempo sem ir pro evento porque não se deu bem, fica triste, desanimado, então não é esse caminho que eu aconselho não.

P: Mais uma questão que me surgiu aqui agora, você acha que os resultados , os acontecimentos das rodas de samba influenciam na auto estima da pessoa, essa questão de se dar bem ou não ou você acha que morreu ali e acabou

M: Não, influencia sim, a pessoa fica bem animada, passa a gostar muito mais do local quando se da bem, e faz mais amizades. Até na vida pessoal mesmo isso ai causa mudanças. A pessoa as vezes ta num dia ruim, brigou com a família, ta chateada, ai vai pra um evento desse se da bem, você ve que melhora pra ela mesmo , é bem legal.

P: É isso, obrigado pela entrevista valeu, quando a pesquisa estiver pronta você vai ser informado

M: ta, ok

### **Entrevista 03. MM.**

P: Eu queria saber quanto tempo mais ou menos você frequenta rodas de samba?

MM: Roda de samba cara devo, depois de sair de um termino de relacionamento, deve ter uns quatro anos.

P: quais são as diferenças que você vê das rodas de samba para outros eventos noturnos?

MM: Pô cara a diferença que eu vejo, é que roda de samba geralmente , não digo todas mas geralmente a grande maioria, é ostentação , vale o que tu é, mesmo que for momentâneo. Passou da porta do evento pra dentro se você tiver com uma parada tipo 1 kg de ouro no pescoço, ta valendo a sua imagem.

P: Então isso dai você diria que é uma coisa especifica das rodas de samba que não é muito comum em outras nights outras baladas?

MM: É geralmente boate você não ve isso boate, a pessoa é mais espontânea com modo de se vestir, não mostra ostentar tanto assim , agora roda de samba não parece que você é o alvo da parada , todo mundo fica te olhando e quem tiver mais assim entre aspas papagaiado é que se dá melhor, assim eu acho.

P: Você tem algum objetivo quando vai pra esses locais?

MM: Obvio, o objetivo prévio é você conhecer alguém legal, de preferencia que seja bonita, interessante, e sempre rola meio que aquela rivalidade entre os amigos. Fica um zoando o

outro : Ah, vamos ver quem vai zerar hoje! Quem não vai zerar, ou então quem vai pegar a melhor.

P: zerar seria o que?

MM: Zerar seria sair zerado, não pegar ninguém, ficar chupando dedo entendeu, e teria que aceitar a zoação o resto da semana. Isso é bem cotidiano entre a rapaziada

P: Você já ficou ou você costuma ficar no camarote, nessas rodas de samba?

MM: Cara não costumo ficar até porque eu não tenho condições porque geralmente, geralmente não digo sempre, quem fica em camarote assim é quem tem uma condições entre aspas, que as vezes deixa de comer dentro de casa , junta um dinheiro e gasta tudo no pagode pra dizer que tem, mas quando chega lá fora da sinal para o Caxias freguesia e vai de ônibus pra casa ou então vai andando. E muitas das vezes que está la embaixo igual eu fico, na mesa junto com a rapaziada EU POSSO MUITO BEM NA HORA DE SAIR ENTRAR NO MEU CARRO E IR EMBORA é isso

P: Você acha que existem vantagens em ficar no camarote

MM: Existem, isso ai é claramente provado e comprovado, que você vê ai eu tendo lá embaixo você ve que as mulheres passam olhando pro alto, você pode tratar , você pode frequentar uma academia, você pode ser bonito e tal beleza. Mas se o cara lá de cima do camarote tiver uma cabeça igual de dinossauro, for totalmente não adepto da academia, não preconceituosamente falando, mas se o cara for um lixo o cara tem mais vantagem que você estando lá embaixo, as mulheres pensam que o cara que esta la em cima é filho do Eike batista. Pensa que tem dinheiro, então a vantagem essa.

P: nas minhas conversas com a galera que frequenta rodas de samba, eu tenho ouvido muito a questão do se dar bem, isso aparece muito: Ah me dei bem, fulano se deu bem. Eu queria saber de você o que que seria se dar bem

MM: No caso se dar bem na minha concepção assim, é pegar mulher bonita. Você conhecer alguém legal , inteligente, entendeu, que você veja que é uma pessoa que tem algum conteúdo, além de beleza , conteúdo assim linguístico ou de educação e que muita das vezes você sair de lá falando : Peguei mó gata me dei bem e tal. Mantem um vinculo com a pessoa depois dali, eu acho que é isso.

P: Faz diferença quando os seus companheiros ali de roda de samba, seus amigos , o pessoal que você vai presenciar vê você se dando bem

MM: Faz, faz diferença porque eu digo, quem é amigo fica um pouco incomodado, porque é aquela coisa de homem mesmo ,é a masculinidade mesmo agente sente , assim claramente falando inveja um do outro, o cara pode ser teu brother , o mais seu amigo possível que bate aquela paradinha: Caramba tenho que me dar bem também. Sinto, sinto sim o pessoal mostra na cara a gente vê um sai de perto o outro sai correndo, o outro fala que não viu.

P:Quando vê você se dando bem?

MM: QUANDO VE EU ME DANDO BEM PEGANDO UMA MULHER interessante , bonita que chame a atenção , a pessoa procura não vê, sai de perto, inventa que está com dor de barriga, sai fora do evento, qualquer coisa desse tipo

P: Você se sente bem quando outras pessoas, os seus amigos veem você se dando bem

MM: Me sinto bem porque depois isso daí é discussão pra semana toda, a encarnação um no outro ninguém tem nada o que falar de você, e realmente nego tem que bater palmas

P: Como é que você se sente quando seus amigos se dão bem , seus companheiros de roda de samba

MM: Eu particularmente se eu tiver me dando bem também eu não sinto nada, eu acho até maneiro todo mundo se dar bem junto, mas é como eu falei , não vou ser hipócrita e falar que as pessoas sentem as coisas de mim e que eu não sinto as coisas das pessoas.

Se eu ver que o cara tá pegando mó gata e eu tô ali no sofrimento não pegando ninguém, bate aquela invejinha normal, coisa de homem mesmo.

#### **Entrevista 04. TP.**

P:Desde quantos anos você frequenta a esquina?

TP: Desde os 16 anos

P:O que que você lembra dessa época?

TP: Era uma resenha, a gente trocava ideia sobre mulheres, quem pegava mais, quem pegava a mais feia, quem comia mais mulheres.

P: Os assuntos principais eram esses?

TP: A maioria era esses, porque a gente saia e sempre tinha a resenha sobre quem pegou mais mulher, quem comeu mulher, quem pegou a mais bonita.

P: Quantas pessoas mais ou menos frequentavam a esquina?

TP: Umas doze pessoas.

P: Pra onde vocês saiam?

TP: Nessa época ai agente ia pra matine.

P: Aonde?

TP: Na Kokeluxe, uma boate que tinha em Jacarepaguá, isso com 16, 17 anos, e a noite tinha a boate no mesmo lugar só pra maiores, mas a gente ia.

P: Vocês tinham algum objetivo quando saiam?

TP: Pegar mulher (risos)

P: No cotidiano da esquina tinha gente de todas as idades, ou as os caras eram mais ou menos da mesma idade que você? como era essa circulação de pessoas na esquina?

TP: Tinham alguns mais velhos como todo o lugar tem, o pessoal mais velho os adultos, o pessoal com mais de 20 anos que trocava ideia com a gente também. Só que eles iam pra outro lugares e passavam informações de outros lugares também, experiências de outros lugares...

P: Você acha que essa galera influenciava vocês?

T: Influenciava porque mostrava pra gente que tinha outros lugares que a gente não podia ir porque era menor e queria frequentar pq era muito bom , instigava mais a gente querer ir nesses lugares.

P: influenciava o jeito de vocês saírem o que vocês deveriam fazer ou não, ou sua conduta não dependia muito dessa galera mais velha?

TP: Umas vezes sim, outras vezes não. Na hora de tu falar com mulher, na hora de tu se portar é teu jeito e não tem como tu imitar ninguém. Mas algumas vezes tu queria ser igual a alguém fazer alguma coisa que alguém já fez e assim ia?

P: Agora eu queria falar um pouco sobre as rodas de samba. Há quanto tempo mais ou menos você frequenta estes espaços?

TP: Há uns 7 anos.

P: Quais as diferenças que você vê das rodas de samba para outros eventos noturnos?

TP: Ah, pagode no caso tem muita piranha, as mulheres são mais fáceis e tudo mais, são menos bonitas, porque numa boate legal as mulheres são mais bonitas, conversam melhor sabem conversar. Normalmente na roda de samba, pagode as mulheres são mal educadas, não tem muita cultura, não sei se é isso ou elas que querem passar isso. É mais fácil de pegar mulher.

P: Você com alguma intenção, algum objetivo quando sai pra esses locais?

TP: Com certeza sim. Saio de casa já pensando em sair pra beber com meus amigos zoar ai pegar mulher entendeu. O objetivo principal é pegar mulher mas penso em me divertir também.

P: Você já ficou ou você costuma ficar no camarote?

TP: Costumo ficar no camarote.

P: Você acha que existem vantagens em ficar no camarote?

TP: depende do lugar que você tá tem camarote que você se destaca, que você é importante. Camarote é você estar num lugar mais reservado, mais tranquilo, menos cheio e você vai sempre se destacando, porque as mulheres gostam entendeu? É um certo status que você tem a mais do que outros que estão ali.

P: nas minhas conversas com a galera que frequenta rodas de samba, eu escuto muito a questão do se dar bem, tipo: Ah me dei bem, fulano se deu bem. Pra você o que é se dar bem?

TP: me dar bem é sair, pegar mulher, transar eu acho que é isso. Me divertir ir pra um lugar que tenha mulher bonita, peguei alguma, transei resumindo é isso.

P: Como é que você faz pra se dar bem?

TP: eu azaro mulher, chego nas garotas, tento convence-las a sair comigo. Troco uma ideia umas aceitam outras não e dali o papo vai fluindo e eu tento levar para o motel ou pra minha casa, tanto faz qualquer lugar.

P: Você acha que nestes eventos existe alguma formula pra se dar bem? Por ex: se você fizer algo você tem mais chance de se dar bem?

TP: A ostentação, porque as mulheres realmente olham pra você com outros olhos, o olhinho delas brilham.

P: O que seria ostentação?

TP: Beber uma bebida mais cara , estar com uma bebida na mesa, estar num camarote ou seja sendo diferenciado das outras pessoas, isso eu acho que é a ostentação, se diferenciar entendeu? As pessoas acham que você tem mais do que as outras.

Isso ai chama bastante atenção e fica mais fácil porque as vezes você não precisa ir até a mulher as vezes a mulher vem até você. Voce está num certo status que você não precisa chegar em mulher nenhuma a mulher é que chega pra te conhecer e daí em diante se torna bem mais fácil a situação.

P: Como você se sente quando seus amigos se dão bem?

TP: Fico feliz, se deu bem beleza.

P: Voce acha que tem gente que não gosta de ver os outros se dando bem?

TP: Com certeza, tem umas pessoas que não conseguem ver isso: Um amigo se dando bem, saindo com uma mulher bonita, num lugar que é bom. Eu acho que tem muita gente que não gosta disso.

P: Quais os fatores que determinam se o evento esta bom ou ruim?

TP: Primeiro lugar mulher, se tem muita mulher e mulher bonita o evento é bom. Depois a musica boa um ambiente bacana, o clima da noite. Tem diverso fatores, mas o que determina mesmo se a roda de samba é boa é quando tem muita mulher e mulher bonita.

**Entrevista 05. JC.**

P: Queria saber mais ou menos a quanto tempo você frequenta rodas de samba?

JC: Mais ou menos uns 5 anos por ai.

P: Qual a diferença das rodas de samba pra outros eventos noturnos?

JC: Pô, acho que roda de samba é muita ostentação cara, negocio de balde de cerveja de estar a mesa cheia de garrafa de uísque, porrada de bebida, é muita ostentação, pessoal querendo se mostrar um para o outro.

P: E esse tipo de coisa é específico de roda de samba?

JC: Especifico de roda de samba, é a cara da roda de samba porque você vai pra boate assim não tem essas paradas, não tem nem esse lance de mesa pra você botar uma porrada de coisa, você quase nem vê.

P: Você já ficou ou costuma ficar no camarote?

JC: Não costumo ficar em camarote

P: Existe alguma vantagem em ficar no espaço do camarote?

JC: É aquela parada , lá na pista já tem o lance das mesas lá que é ostentação e no camarote é mais ostentação ainda.

P: Quando você vai as rodas de samba você sai de casa com algum objetivo, alguma intenção prévia?

JC: Sim o de me relacionar com as mulheres

P: Nas minhas conversas com a rapaziada eu tenho observado que surge muito a questão do se dar bem. E ai se deu bem, me dei bem. O que é se dar bem ?

JC: Se dar bem é você sair, ir pra night, pra roda de samba ou pra algum tipo de boate e se deu bem com uma mulher, alguma mulher interessante, alguma mulher bonita, alguma mulher, pode falar aqui...

P: Pode

JC: Alguma mulher gostosa. E se deu bem , sai arrastou a mulher, se deu bem na noite entendeu...

JC : é fiquei com a mulher, consegui sair de la com alguma mulher tranquila.

P: Faz diferença se os amigos que estão com você na roda de samba presenciam você se dando bem?

JC: Claro com certeza.

P: porque?

JC: pra mim é importante, porque tudo que acontece la depois será comentado perante os amigos , na roda dos amigos entendeu... Então é bom chegar no dia seguinte na roda dos amigos e o pessoal comentar: Fulano de tal ficou com uma mina bonita ontem, se adiantou, se deu bem do que tu não chegou lá não ficou com ninguém. Então por isso que é bom tá um amigo perto pra falar: Realmente eu vi fulano de tal com uma mulher lá e tal.

P: Você se sente bem com isso?

JC Me sinto bem, com certeza.

P: como é que você se sente quando seus amigos se dão bem?

JC: Se for meu amigo mesmo beleza, me sinto tranquilo, normal, se ele se deu bem e é meu amigo tem que se dar bem mesmo, torço pra que ele se de bem

P: você acha que existe algum fator ou alguma condição pra se dar bem na roda d samba , você acha que tipo assim, fulano tem isso e se deu bem?

JC: Cara não é só isso mas eu acho que conta esse lance de estar no camarote, está ali tuas companhias , tua mesa cheia de bebida, então isso ai atrai as mulheres. Isso ai conta muito.

P: Quais são os fatores que definem se o evento está bom ou ruim?

JC: Pra mim o evento está bom quando tem um monte de mulher, tem um monte de mulher solteira fica ótimo o evento.

P: Bom obrigado, basicamente é isso , tem mais alguma coisa que você queria acrescentar que você não falou?

JC: Eu acho que é isso rodada de samba mesmo a característica pra mim é isso: Mesa arregrada, pra atrair mulher.

P: mais uma vez muito obrigado .

MM: Pena que ele não come ninguém (intervém na entrevista de JC com este comentário).

JC: isso ai não saiu não né?

### **ENTREVISTA 06. C.**

P: há quanto tempo frequenta rodas de samba?

C: Mais ou menos, eu estou com 26, desde os 19.

P: quais as diferenças das rodas de samba pra outros eventos da noite, outros tipos de balada por ex.

C: A diferença que eu acho é a bebida, o grupo é mais unido, a questão de raça também, você vê bastante negros , afro descendentes nessas rodas de samba, tem mais ostentação, um pouco de militarismo, policia, milícia, frequenta mais essas rodas de samba.

P: Você sai de casa com algum objetivo, alguma intenção quando você vai pra roda de samba?

C: O objetivo sempre é conhecer gente diferente, novas amizades e mulheres né sempre tem.

P: Você já ficou ou costuma ficar no camarote?

C: Tem que ter dinheiro pra ficar no camarote, quando eu tô com o meu primo que tem uma condição a parte eu fico com ele lá, se não eu tenho que ficar lá embaixo mesmo com os amigos fazendo a intéra.

P: você acha que existem vantagens em ficar no camarote?

C: Com certeza camarote você tá mostrando eu você tem poder, que você tem dinheiro, uma ostentação ali. Você tá ali as mulheres passam ficam tudo olhando bebidas e isso pra sociedade mostra que você tem poder e você acaba pegando essas mulheres, é muito mais

fácil. Eu canso de ver ai em camarote uns malucos horríveis, eu malhado e uns malucos barrigudos com as mulheres melhores do que as minhas, melhores da noite.

P: Eu tenho escutado nas conversas com a rapaziada sempre surge a questão do se dar bem: Ah, fulano se deu bem, eu me dei bem, fulano não se deu bem. Pra você o que seria se dar bem na roda de samba?

C: A gente tem aquela disputa, sempre teve desde novo. Como eu disse desde 16 anos a gente sai pra pista, então quem tá pegando mais mulheres e desenrola uma pra no final sair com ela pra curtira os finalmente, é o cara que a gente diz que se deu bem. Quem pegou mais mulheres e arrasta uma mulher por ultimo é considerado como o cara que se destaca no nosso grupo, o cara que foi melhor na noite. É como se a gente fosse marcar pra jogar bola! Entendeu? e ter meu time contra o outro. Então tem aquela disputa entre um e outro, quanto mais tu pegar mulher e teus amigos olhando, mostra que você está melhor do que eles. Sempre vai existir essa disputa.

P: Faz diferença, quando seus amigos, seu grupo vê você se dando bem?

C: Muita diferença, com certeza. Como eu disse é uma disputa, é como se a gente fosse marcar pra jogar bola e ter meu time contra o outro, por ex: A gente ganhou, então tem aquela disputa entre um e outro, então quanto mais tu pegar mulher e teus amigos olhando, mostra que você está melhor do que eles. Sempre vai existir essa disputa.

P: Como você se sente quando seus amigos se dão be ?

C: Como eu disse é uma disputa mais nada que... tem amigos meus que fica bolado: Pô o maluco tá se dando bem e eu não tô, eu não penso dessa maneira, entendeu... Eu tô ali pra me divertir a gente tá disputando e tudo, mais eu fico feliz deles tarem pegando mulher também, não tem esse problema comigo não.

P: Essa disputa que você diz que acontece entre vocês e tal, você acha que você acha que é uma parada recreativa, só de diversão e morre ali, ou você acha que o que acontece nessa disputa entre vocês tem realmente um impacto direto na vida, sei lá, na auto estima por exemplo...

C: Eu posso falar por mim, por mim eu acho que é só diversão ali, no momento ali a uto curtindo e eu aproveito o momento que eu tô ali, pra distrair minha cabeça, estresse de trabalhou vou e me divirto ali com a disputa. Mas as vezes eu percebo em outros amigos que

vai o lado emocional, estética, que ele leva aquilo ali pra vida dele , dá pra perceber que ele fica desapontado quando não fica com ninguém, mexe mesmo com o psicológico dele.

P: Quais os fatores que definem se a roda esta boa ou ruim?

C: Vou ser bem direto, evento bom tem que estar com bastante mulher e pouco homem , quanto mais mulheres tiver e pouco homem a probabilidade da gente pegar as mulheres é muito mais fácil.

P: Tu acha que existe algum fator ou condição pra um cara se dar bem nas rodas de samba?

C: Então como eu já tinha falado na outra pergunta, você ostentando no camarote, você mostrando que você tem dinheiro, fica muito mais fácil pra você estar pegando as mulheres muita facilidade, é muito mais fácil com ostentação , mostra que quanto mais você tem mais você vai ter as mulheres mais fácil.

P: E como é que se demonstra essa ostentação, como é que da pra ver isso?

C: Chegar la , colocar 5 ou 6 baldes de cerveja ai leva mais 3 garrafas de uísque, red bull, pega não sei quantos baldes de energético, mistura tudo lá, bota aquilo ali em 5 mesas, aquela coisa chamando a atenção, e as mulheres ficam olhando, gostam e fica tudo mais fácil. É como eu falei , o maluco que as vezes que não tem estrutura pra pegar as mulheres que passam só que devido a essa ostentação acabam ficando com essas mulheres. Fica bem mais fácil.

P: Basicamente é isso , você queria acrescentar mais alguma coisa?

C: Não tenho nada a declarar mais não.

P:Obrigado pela entrevista.

C: Valeu.

### **Entrevista 07. J.**

P: Quantos anos você tem?

J: 26

P: Com quantos anos você começou a sair?

J: 15, 14 anos

P: Nessa época como era o cotidiano na esquina? Do que você lembra?

J: Essa época aí, era uma época que a galera era muito unida porque ninguém tinha responsabilidade nenhuma ainda, era todo mundo super tranquilo, era só estudar mesmo. No final de semana a galera tava sempre reunida todo mundo aqui no condomínio. Quando chegava sexta feira a gente marcava de a galera passar no mercado, essa época a gente bebia muito gummy, não tinha esse negocio de ostentação. O gummy era uma vodkazinha um saquinho de kisuco no qual com dez reais a gente conseguia fazer dois litros entendeu? Era o suficiente pra todo mundo ficar doidão e cada um gastava dois reais na época, todo mundo saia com dez reais e curtia a noite tranquilo.

P: Qual era a faixa etária da galera da esquina?

J: Todo mundo na mesma idade, eu com 15, 14 a maioria era mais velho do que eu, mas a diferença era de 1, 2 anos, então nego com 17, 18 anos mais ou menos, não fugia muito disso não.

P: O grupo tinha quantas pessoas mais ou menos?

J: Nessa época a galera que andava junto umas 10. Por aí.

P: Sobre o que vocês conversavam? Quais eram os principais assuntos?

J: Quando a gente parava na esquina era negocio de escola mesmo. Tipo: “to pegando uma mulherzinha”, sobre as saídas, futebol, essa época todo mundo jogava bola. Toda vez que a gente saia no dia seguinte... É como eu te falei, a gente se reunia muito as sextas feiras, eu lembro até o nome, foi uma coisa que marcou acho que pra todo mundo. Era Tamo Junto o nome, era uma boate que tinha aqui na taquara. Então a galera sempre as sextas feiras a noite pra poder ir pra La. Então no sábado o assunto era só esse, nego só conversava sobre: Ah tu pegou aquela mulher feia! Tu pegou aquela mulher bonita. Tu zerou! Era aquela zoeira, um zoando o outro. A galera sempre interagindo com o outro.

P: Além desses 10 adolescentes que você já falou tinham também adultos que paravam na esquina?

J: Tinha, tinha. Eram sempre assim, três gerações né, a galera nova com 15, 16 a galera que saia comigo, tinha os molequinhos mais novos e os adultos também. Todo mundo se reunia

na esquina pra poder falar, brincar, cada um com os seus assuntos todo mundo sempre junto ali na esquina.

P: A galera mais velha tinha quantos anos?

J: A Galera mais velha 25, 24 por ai e os mais novos com 10, 9. Mas todo mundo brincando zoando assim.

P: Tu Acha que os mais velhos influenciavam vocês nesse ambiente das saídas?

J: Com certeza, até porque nessa época ai a gente estava começando a sair, então a gente não tinha conhecimento de nada. Pegava uma garotinha ficava feliz, dava um beijo na boca. Então eles vinham com vários assuntos que curtiam negocio não sei aonde, que era assim. Na verdade tudo que eles falavam a gente acreditava, a gente imaginava que eles eram os caras.

P: Aprendiam?

J: Assim, na época, não é que eu queria ser eles, mas eu queria fazer as coisas que eles falavam que faziam. “Ah eu peguei a mulher mo gata”, “eu peguei 5”. Então tudo o que eles falavam pra gente na noite a gente acreditava, a gente era moleque nessa época. Tudo o que eles falavam que curtiam quando a gente foi crescendo eu queria curtir também. Mas na verdade conforme o tempo foi passando eu fui vendo que nem tudo era como eles falavam tinha muitas mentiras ali, mas como a gente era mais novo do que eles, eles achavam que tudo o que eles falavam a gente ia acreditar e realmente era isso o que acontecia.

P: Mudando um pouco o foco do assunto, pensando a gora na noite hoje em dia... Há quanto tempo você curte rodas de samba?

J: Tem uma roda de samba que eu frequento mesmo que pra mim foi o auge de ostentação, coisa que eu vivi mesmo: A Roda de Samba do Clareou. Ela começou no mirante de Del Castilho. Hoje em dia eles não fazem mais parte de La, eles agora estão aqui no Jacarepaguá Tennis Clube e só aqui eles tem dois anos então eu posso te dizer que ha uns três anos eu frequento e venho acompanhando esse grupo. Lá realmente eu vivia a ostentação, vivo ainda porque hoje em dia eu ainda curto, mas pisando um pouco no freio. Roda de samba é muito bom cara. Pagode, esse grupo ai eu acompanho eles na verdade, eu tenho até um conhecimento com os moleques do grupo um amigo que sai com a gente é primo deles la. Foi

aonde a gente acabou entrando pra esse mundo de ostentação Porque a gente acabou ganhando um camarote. Então eu comecei a enxergar e saber o que era ostentação saber que a galera ali daquele camarote botava uma garrafa de wisk, foi aonde eu comecei a beber essas bebidas porque antigamente eu só bebia cerveja, e financeiramente gastava pouco porque essas bebidas são caras.

P: Qual a diferença que você ve das rodas de samba pra outros tipos de eventos noturnos?

J: Eu curto vários eventos, de um tempo pra ca eu curto bastante coisa mesmo: evento mais social, casa noturna, boates da barra. Nesses lugares as vezes não tem negocio de camarote, é todo mundo pista todo mundo ali. Outra coisa que eu vejo é que na roda de samba existe mesmo esse negocio de ostentação, de policia. Eu vejo que as mulheres que frequentam esses ambientes de roda de samba gostam desses negócios: Caras com cordãozão de ouro, cara policia, “ah o cara é conhecido” “o cara é famoso” tem um nome na mídia, na mídia entre as rodas de samba de pagode. Ai rola o comentário “Aquele ali é o cara”. Cordãozão de ouro, a mesa dele é ostentação pura, varias garrafas de uísque , de vodka, energético. É uma combinação né, se tem uísque tem que ter energético.

A diferença é essa, se for uma casa noturna, uma boatezinha, não tem tanta ostentação. É mais ou menos todo mundo igual ali, num baldezinho de cerveja. Não tem negocio de camarote. Agora em roda de samba tu botou o pé no camarote , tuja é visto como algo a mais: “aquele ali é diferenciado” entendeu? Ai tu bota um combo na mesa, tu é mais diferenciado ainda tipo: “Ah aquele camarote ali ta bom!” Isso acaba atraindo, chamando a atenção das garotas que frequentam esses pagodes, porque elas gostam disso. De estar ali de beber do bom e do melhor e achar que o cara tem dinheiro, que o cara é policia.

P: Você vai com algum objetivo ou intenção quando vai curtir esses lugares?

J: Eu já venho acompanhando esse grupo clareou ai, frequentando a roda de samba deles. Cara eu não consigo ir pra roda de samba deles e beber cerveja , pra tu ver que é uma coisa que já me viciou, então, eu vou pra La sabendo que eu vou ter que botar uma garrafa de uísque . E os amigos que frequentam comigo essa roda de samba também gostam desse negocio de ostentação. Alguns são policias, outros não, alguns não tem nada entendeu? Eu saio com pessoas de 30, 40 anos já que não tem uma casa própria, não tem um carro mas o que ele ganha no trabalho dele é pra botar uísque lá, pra ostentar pra poder ser o cara no pagode. Mostrar uma coisa que ele não é, viver de aparência mesmo.

Isso acaba subindo pra cabeça de algumas pessoas que andam comigo. Eu não penso assim mas eu vejo que acabo gastando muito dinheiro mesmo, é conforme eu to te falando, eu não consigo ir pra La e botar uma cervejinha, ficar tranquilinho. Não eu não consigo, eu tenho que beber uísque eu tenho que beber energético, porque eu me sinto bem assim lá, entendeu?

Eu frequento casas noturnas, uma boatezinha, coisas mais sociais, um barzinho de musiquinha ao vivo que tem samba também uma paradinha mais tranquila que tu pega a tua cervejinha mas aonde todo mundo é igual, eu frequento numa boa também. Mas lá na roda de samba eu não me vejo eu estar na pista com balde de cerveja não, eu vou me sentir mal, eu nem vou. Eu tenho que beber uísque mesmo, ai é onde eu acabo gastando muito dinheiro mesmo.

Pra você ver: O pagode é aos domingos, eu tenho uma média de... Desde quando eu frequento o pagode eu comecei gastando 80 reais, era todo domingo 80 100 reais. Hoje em dia de 2 anos pra cá eu gasto 200, 250. Ai tem aquela época que você tá mais empolgado quando é aniversário ou comemoração de alguma coisa e tal. Ai tu acaba gastando mais, tipo 350. Já aconteceu de eu gastar 500 reais, umas duas vezes eu já gastei 500 reais em um domingo só entendeu.

É muita ostentação: São quatro garrafas de Uisque... Pra você ter noção a gente botava garrafa de vodka mas a gente mesmo nem bebia vodka, era só pra chamar a atenção, deixar aquela mesa bonita pras mulheres. A gente chamava a atenção das mulheres. Na verdade eu saia pra ser diferenciado ali, entendeu? Eles falavam que a nossa mesa era a mesa da luxuria. Tudo isso fazia com que a gente ficasse mais empolgado, entendeu? E gastasse mais dinheiro. Quando eles falavam que a nossa mesa era a mesa da luxuria, que nego falava que nossa mesa era a mais bonita a mais rica do pagode. E realmente era a gente gastava muito dinheiro, é uma média de 250 por domingo que eu gasto.

P: O objetivo então é você se sentir bem?

J: Eu me sinto diferenciado entendeu? Melhor que as pessoas ali pelo fato de eu estar em um camarote, estar num ambiente que a maioria das mulheres gostam disso. Pra tu ter noção eu uso cordão que não é de ouro, é foleado, elas pensam que é ouro porque a mesa está arregada, tudo bonito ali entendeu? E eu chamo a atenção elas olham mesmo eu consigo... a maioria das mulheres que eu falo: “Eu quero aquela ali!” Eu consigo, mas eu tenho certeza que é por causa da ostentação que a gente banca ali e não por outra coisa. É porque elas querem aquilo ali mesmo e a gente dá essas condições pra elas.

P: Quantos por cento do teu salário você gasta na roda de samba?

J: Em questão de porcentagem assim fica meio difícil, mas assim um valor fixo é como eu te falei eu gasto 200, 250 por domingo. Porque eu não saio só aos domingos, eu sou solteiro eu saio sábado. Geralmente antes de ir pro clareou aos domingos eu vou pra um eventozinho chamado Espeto carioca, Como eu te falei é um barzinho que tem samba mas é todo mundo de cerveja entendeu? Então eu vou lá boto o meu baldezinho também e acabo tendo um gasto a mais.

Só nessa roda de samba do clareou onde eu me sinto muito bem e La eu vivo essa ostentação eu gasto por mês 1000 reais.

Juro pra você, todo o domingo eu saio curto e na segunda feira sempre me bate aquele arrependimento: "Pô gastei esse dinheiro!" Porque se a gente parar pra pensar, eu tenho meu carro, eu tenho meu trabalho e tal mais é um dinheiro que eu gasto que não tem retorno né. Eu sou o cara naquele momento pego as mulheres mermo, brinco, zouo, danço, me divirto, to rindo, mas na segunda feira bate mó arrependimento porque eu gastei aquele dinheiro. É uma coisa que já me viciou, já me viciou e eu não consigo largar.

P: Esse arrependimento é de gastar um dinheiro no pagode que você poderia ter gasto em outras coisas? No caso te faz falta?

J: Me faz falta, eu poderia estar com um carro melhor sei La, um dinheiro que eu poderia estar investindo em outra coisa.

P: Você espera alguma retribuição quando você gasta esse dinheiro? O que você espera em troca.

J: Nada, é um dinheiro que eu sei que eu to gastando só pra chamar a atenção mesmo, na verdade pra mostrar ali que eu estou sendo o cara, mas isso é uma coisa só pro meu ego mesmo entendeu? Porque eu não estou sendo mais, não ganho nada em troca. A gente tem a condição ali de entrar de graça, de ficar no camarote, mas a gente não tem reconhecimento nenhum, na é poça a gente tinha como eu to te falando, eles falavam que a nossa mesa era da luxuria, vinham cantar no nosso camarote. Nego falava: "Quem são esses caras?" Eu ficava feliz da vida, rindo atoa. Pô os caras do grupo no nosso camarote cantando, todo mundo olhando pra gente a mesa bonitona cheia de Chandon, ai agente levava vela vulcão

explodindo pro alto todo mundo olhando entendeu? Então as pessoas pensavam assim: “Quem são esses caras ?” “os caras são pica!”

Eu me sentia muito bem, não só eu, tô falando assim pela galera toda porque eu sei que todo mundo ficava feliz pra caramba com isso. Mas nada em troca cara eu gastava esse dinheiro e toda a segunda feira eu me arrependia , quando eu tinha que trabalhar as vezes virado, que eu tinha que comprar alguma coisa e estava sem dinheiro naquele momento ali. Ai eu falava assim: “Pô, só ontem eu gastei 300 reais, caralho!” Toda segunda me bate um arrependimento, mas quando chega domingo eu não consigo deixar de ir.

P: O que é “se dar bem” pra você?

J: Se dar bem é com mulher. Com mulher e não vou dizer assim respeitado mas as pessoas te considerarem porque você tem aquele camarote, tu é um cara que porra, bota bebida pra caralho, porra os caras bebem tudo do bom e do melhor. Então as pessoas te tratam bem , querem falar com você, querem estar no seu camarote, as mulheres querem estar ali naquele camarote , dançando pras outras entendeu? Querendo se exhibir. Tanto é que a gente consegue botar as mulheres ali. E o que eu falo: “Eu quero aquela mulher ali”, “aquela mulher ali me chamou a atenção”. Eu consigo pela facilidade da minha mesa estar “*arregrada*”. Na minha visão isso é se dar bem.

P: Entao se dar bem é voce pegar uma mulher através da ostentação?

J: Através da ostentação que tá ali. Eu boto o meu cordão foleado, meu relógio. Tem uma gíria que elas falam que é o kit. E a gente ta ali com aquela mesa bonita, elas querem beber isso e é de graça mesmo pra elas a gente não cobra nada, elas pensam que a gente tem carrão, que é rico, que tem dinheiro pra caramba. E muitas das vezes ali é como eu vou te falar, a gente não bebe vodka e a gente botava por causa delas. As vezes a gente comprava era vodka caozada(barata) mesmo só pra poder iludir elas pra você ver as vezes elas estavam bebendo coisa de 5 reais pensando que era essas vodkas Absolut porque a gente botava nessas garrafas de Absolut entendeu?

Muitas das vezes foi assim, o que a gente bebia era pra gente, a gente comprava as coisas boas mesmo que era: garrafa de uísque bom mesmo, Black label, Red label esses uísques 12 anos. Agora pra elas a gente tinha as garrafas vazias de Absolut, dessas marcas caras ai tipo Ciroc. Só que a gente comprava vodka de 10 reais, a gente botava ali e elas bebiam. Pra você ver que elas acabavam entrando nesse mundo também de ilusão.

P: Entao a ostentação serve para atrair mulheres?

J: pra atrair mulheres. Na minha visão sim. E também você ser considerado assim: “ aqueles caras ali são conhecidos”. É o que eu falo no meio do pagode ali tu ter a tua mídia o teu momentozinho de fama. A gente quase sempre pega mulher, até porque tu já criou aqueles contextinhos, aquela mulher que tu já ficou e que tá sempre lá, Ai tu quer uma mulher nova o dia que tu não consegue tu volta e pega ela, pega a outra eu falo isso por mim. Não tem um domingo que eu vou que eu não dou um beijo que eu n... As vezes assim eu não transo entendeu ? Mas a maioria das vezes eu transo, pego mulher pra caralho mermo as vezes quando eu to muito doidaio eu pego 3, 4 entendeu? Já criei muito contexto.

P: Os teu amigos vendo essas situações que você falou, faz você se sentir ainda melhor?

LC: Eu me sinto bem quando eu quero aquela mulher ali tipo assim uma mulher diferente.

P: Diferente como?

J: Diferente assim que eu não to acostumado a ver a mulher naquele pagode, to vendo ela pela primeira vez, bonita também, e minha mesa ta arregada e ai eu já panhei aquelas mulheres ali, então eu quero algo novo entendeu? É o que eu estou te falando, eu sempre vou em busca de coisa nova entendeu? Coisa nova pra mim é a mulher que eu já falei. Meu negocio ali é pegar mulher mesmo, coisa nova contexto novo. E de preferência bonita

P: De preferência bonita porque?

J: De preferência bonita , eu não ligo nem muito pra mulher ser gostosa não, tem outros que só pensam em mulher ser gostosa. Não, eu prefiro um perfil mesmo, a mulher ser bonita. Então as vezes a gente encontra coisas novas no pagode, mulher nova que não ta acostumada a frequentar, está indo lá pela primeira vez que eu vejo que ela não é frequentadora daquele pagode ali. E as vezes me chama atenção, ela é bonita e eu quero pegar e as vezes eu consigo entendeu? E quando eu consigo pegar essa mulher assim nova que eles também não estão acostumados a ver e tal, ver que ela tá curtindo ali pela primeira vez, po, eu pego na frente deles eu me sinto o cara da noite.

P: E como seria a repercussão de você pegar uma mulher considerada feia na frente de todo mundo?

J: Isso ai eu não vou saber esclarecer muito bem pra você até porque eu nunca peguei mulher feia (risos). Tô brincando! Mas é o que eu tô te falando, ali no pagode é muito difícil, pelo menos assim pra mim. Já aconteceu entre os meus amigos que frequentam acabar pegando mulher feia mas pela a condição que tu banca ali na ostentação e tudo mais, fica difícil tu pegar uma mulher feia. Muitas mulheres feias te dão mole tu pega, mais tu pode escolher, e nessa situação você pode escolher e é o que acontece. Eu escolho a mulher que eu quero pegar . É aquela ali! Nem sempre acontece, mas nas maioria das vezes eu consigo, eu quero aquela eu consigo pegar aquela.

Fica difícil. Eu pego as vezes mulher feia em outros lugares assim: Por estar doidão. Mais já aconteceu, eu acho que essa fase de pegar mulher feia já passou. Meu Primo falava uma coisa pra mim que eu aprendi : “A gente começa pegando mulher feia pra aprender, depois a tendência é só melhorar” . Entendeu?

Hoje em dia eu não pego mulher feia não, só elite!

P fica mais fácil pra você que tá no camarote ser dar bem ?

J: É como eu estou te falando, as vezes a gente não precisa nem conversar, é a amiga que fala que a outra gostou de você, mas na verdade eu acho que ela nem gostou de você, ela quer estar ali bebendo, ela quer estar com as amigas ali pra mostrar pras outras mulheres que estavam afim de estar ali ,que elas conseguiram. Então as vezes tu não desenrola nada a amiga vem... Muitas das vezes aconteceu isso comigo. A amiga vem e fala: “Po, minha amiga te adorou, te achou lindo, não sei o que”. Ai eu falo: “então chama ela pra cá”. “Tu ta com quantas amigas ai?” “Ah to com quatro!” “Então chama as quatro”. Ai dava bebida pra elas, ai tu pegava ela , as vezes tu pegava as duas ali. Então isso eu me sentia o cara, pegava as duas amigas , depois ia pro hotel com uma...Facilita muito tu pegar as mulheres ali por causa da condição que a gente tem .

Sem contar que as vezes tu gastava aquele dinheiro alie ainda tinha que ir pro hotel. É um gasto muito grande que a gente tem nesse pagode ai .

P: Não ficar ou não ir pro hotel com ninguém seria uma derrota?

L: Já aconteceu também isso daí eu posso até contar nos dedos. Foi uma, duas vezes. De nem um contextinho, nem coisa nova, ninguém! E fui pra casa boladão. Ai é como eu te falei, toda a segunda eu me arrependo e quando isso aconteceu eu me arrependi mais ainda. Só ficar na

segunda feira se lamentando: Porra, caralho gastei 300reais e não peguei ninguém o arrependimento é muito maior!

Com quantos anos voce começou a sair?

L: 15 anos

L: Muita zoação, ficava zoando as mulheres passando na rua, coisa bem infantil mesmo, falava sobre mulher, da pista, ficava falando mal dos outros, a gente saia muito todo o fila de semana.

L: de 15 a 30 anos, 30 e pouco.

L: naquela época que bombava umas 20 pessoas.

L :Mas Kokeluxe e castelo, eu ia muito pra matine tbm

L: Claro que influenciam. Você esta com 15, 16, 17 anos você não sabe o que fazer pra pegar mulher porra! e os caras que estão cascudos já sabem. você acaba aprendendo com o que os caras estão falando: Ah peguei mulher assim, por causa disso, por causa, do perfume, do cordão por causa da roupa. Então você começa: Ah então eu tenho que usar uma roupa assim, tenho que fazer isso. Tu começa a seguir, normal né é a referencia, o espelho que tu tem de quem ta saindo. E eles sempre se davam bem né.

P: Eles sempre se davam bem ?

L: (risos) ou pelo menos falavam né. Depois tu via que não era bem assim.

L: Roda de samba da forma que é hoje em dia, tem uns 4, 5 anos

L: O Samba né(risos) pode rir? Depois as mulheres.

L: A roupa que as mulheres da roda de samba é diferente da roupa que as mulheres vão para uma 021, uma boate melhorzinha. O jeito de beber, de comprar bebida de expor bebida. Até a forma que é preparado o ambiente da roda de samba ,é diferente do ambiente das outras boates. A Roda de samba já tem mais camarote do que espaço de pista, o camarote não é o *vipão* camarote é qualquer um. Camarote em roda de samba não quer dizer necessariamente que você seja o vip.

L: Vou o de Ouvir o samba e depois pegar mulher, e beber.

L: Costumo, já fiquei e costume ficar.

L: Existe, até topograficamente , tu ta la em cima e as mulé te ve né. Tu ta em maior destaque né cara. Nego ve que tu não ta bebendo.

L: A Vantagem é que tu tem mais facilidade de pegar mulher, sair com alguém.

P: Porque?

L: Por que tá no camarote né.

P: Só o fato d você estar n camarote?

L: Só o fato n mas influencia muito, a bebida que tu vai botar no camarote também. Se o camarote chamar a atençoe, e chama a atenção com bebida .Mas dependendo da roda de samba só o fato de vc estar no camarote, pode nao pegar uma gatona, mas alguma vantagem você vai ter sobre os que estão la embaixo, sobre os demais.

L: se dar bem pra mim é pegar uma gatona uma gostosa.

L: Tem que botar combo de bebida, botar vodka. Quanto mais cata a bebida que tu bota mas chances você tem de se dar bem. É o que todo mundo faz pra se dar bem.

P: Como é uma saída digamos assim não produtiva, que você não se deu bem seria como?

L: Seria sair de la sem pegar ninguém ou sem pegar uma gata, uma gostosa. Pq as vezes tu pega uma mulher mais ou menos e fala: Ah não me dei bem não foda -se. Hoje em dia não tem tanta, mas antigamente tinha muito, nego ficava zoando dias e dias, semanas. Hoje você até comenta no dia seguinte e tal: Porra aquela mulher que tu pegou era feia pra caralho.

L: Depende do grau de bebida né ai tu vê se vai ficar a vontade ou não. Em tese não, porque tu ta num camarote gastando dinheiro ali porra, e ainda vai pegar mulher feia. Desce bebe agua porra. Não precisa né. Mas as vezes tu fica doidão, quando vai ver tu tá pegando uma mulher feia mas quando tu olha pro lado está todo mundo com mulher feia também(risos), ai ta todo mundo em casa, ta bom também.

P:Faz diferença quando os seus amigos vem você se dando bem?

L: Eu me sinto bem quando eu pego mulher os moleques veem. A autoestima aumenta né. Tem que mostrar né! Além do mais, nego não vai acreditar. Tipo: ‘peguei uma mulher maravilhosa’. ‘Mas quem viu? ‘Porra, ninguém parceiro!’’. Ai infelizmente, crime sem testemunha vai ficar difícil(risos). Tem uma repercussão realmente. Pegou ali na frente de geral, ganhou a noite! Se eu peguei mó gostosa, todo mundo viu a mulher ficando comigo lá, porra! Tu sente até uma leveza espiritual, digamos assim né, fica levinho! Bebe melhor, não fica com ressaca fica tudo melhor é incrível(risos).

P: E quando seus amigos se dão bem na sua frente, como é que você se sente?

L: Se eu tiver me dando bem também me sinto normal. Se eu não tiver me dado bem, puto pa caralho meu irmão.

P: Porque?

L: Porra porque! Eles se deram bem e eu não, é simples, não tem nem oque falar mais. Porra tu ta no mesmo lugar que eles, bebendo a mesma coisa o cara se deu bem e tu não. É foda né. A gente que azara legal.

P: quanto voce costuma gastar nessas saídas??

L: Vareia, se for pra beber vodka ou uísque o gasto é maior 100, 150 reais de *intéra*, divide tu e um parceiro e bota um combo. Depende do lugar. Se for cerveja gasta menos uns 50 60 reais

P: Eu poderia entender esse gasto como um investimento?

L: Investimento não, pra mim é desperdício mermo.

P: Nessa ostentação você espera algum tipo de retribuição. O que você espera quando você vai , gasta os teu dinheiro, faz a *intéra*, bota a bebida em cima da mesa, o que você espera?

L: Isso pra mim ai varia, tem dia que eu espero pegar uma gata, uma gostosa e tem dia que tu tem que botar isso só pra fazer parte do contexto, da paisagem ali mesmo. Tá no camarote tem que botar. As vezes não espero nada, é só pra ficar igual. Porque hoje em dia ta muito difícil competir, até no camarote.

P: Porque?

L: Como é que você vai competir se ta todo mundo igual.

L: Geralmente quando tu se da mal tu fica puto, po tu gastou um dinheiro e tal tu fica puto.

P: Em algum momento você já se arrependeu de ter gasto esse dinheiro?

L: Me arrependo, quando eu gasto dinheiro e no outro dia vejo que fiquei duro me arrependo pa caralho. “É um dinheiro que eu sei que eu tô gastando só pra chamar a atenção mesmo. Na verdade, pra mostrar ali que eu estou sendo o cara. Mas isso é uma coisa só pro meu ego mesmo, entendeu? Porque eu não estou sendo mais, não ganho nada em troca. Falavam que a nossa mesa era a mesa da luxuria, os caras do grupo vinham cantar no nosso camarote, nego falava: ‘Quem são esses caras?!’ Eu ficava feliz da vida , rindo a toa. Pô, os caras do grupo cantando no nosso camarote, todo mundo olhando pra gente a mesa bonitona cheia de Chandon, ai agente levava vela vulcão explodindo pro alto, todo mundo olhando, entendeu? Então as pessoas pensavam assim: Quem são esses caras? Os caras são pica! E isso eu me sentia muito bem. Mão só eu, tô falando assim pela galera toda porque eu sei que todo mundo ficava feliz pra caramba com isso. Mas nada em troca. Cara, eu gastava esse dinheiro e toda a segunda feira eu me arrependia, quando eu tinha que trabalhar as vezes virado, que eu tinha que comprar alguma coisa e tava sem dinheiro naquele momento ali. Aí eu falava assim: Pô, só ontem eu gastei 300 reais, caralho! Toda a segunda me bate um arrependimento, mas quando chega domingo eu não consigo deixar de ir.